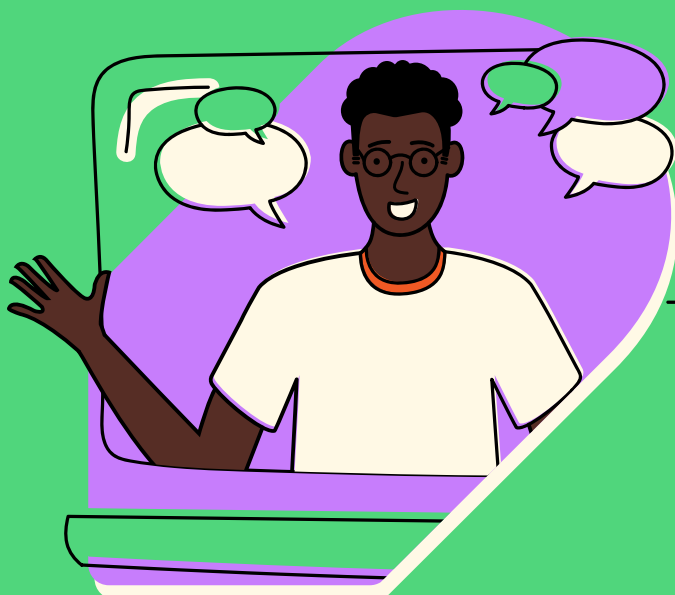
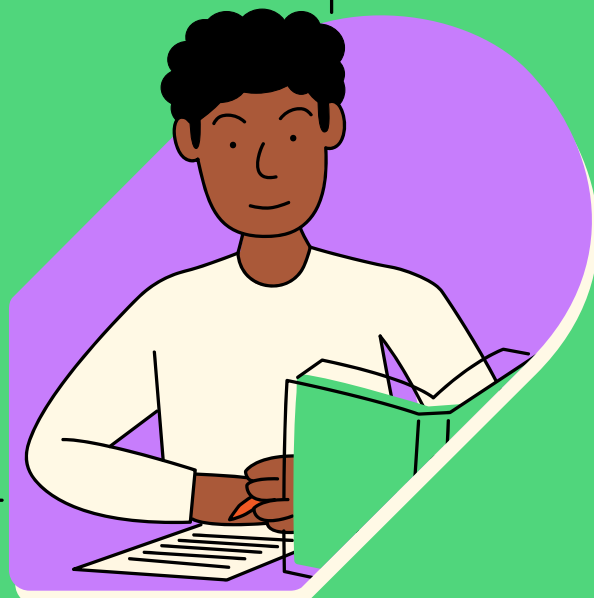
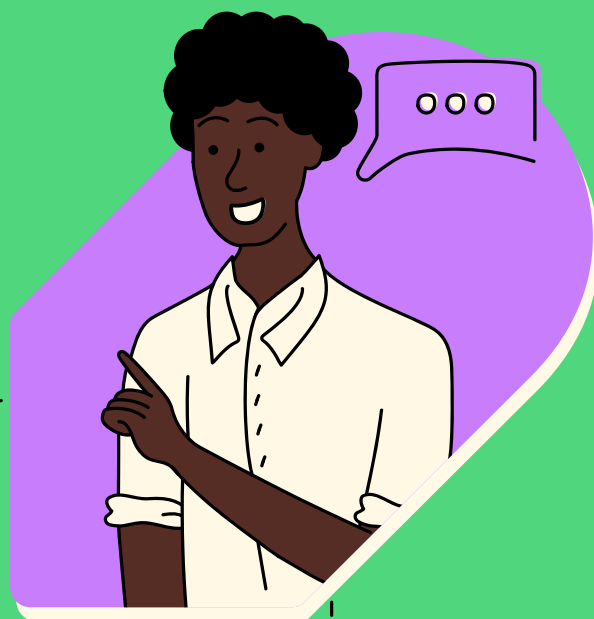
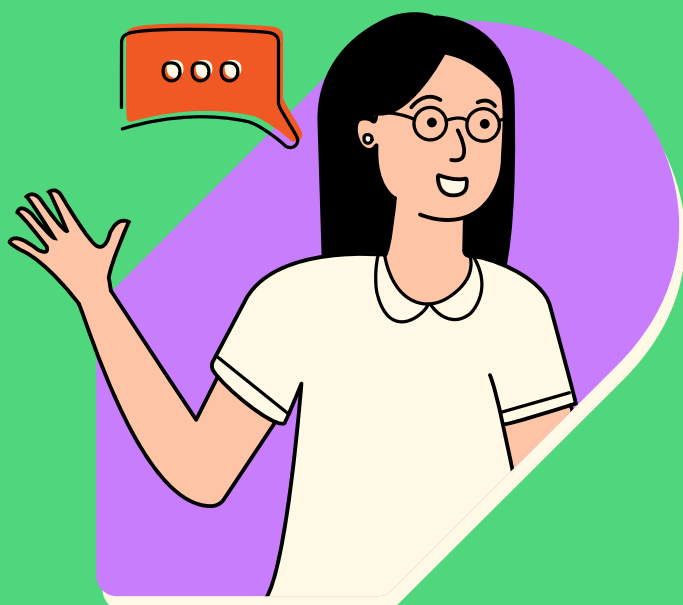
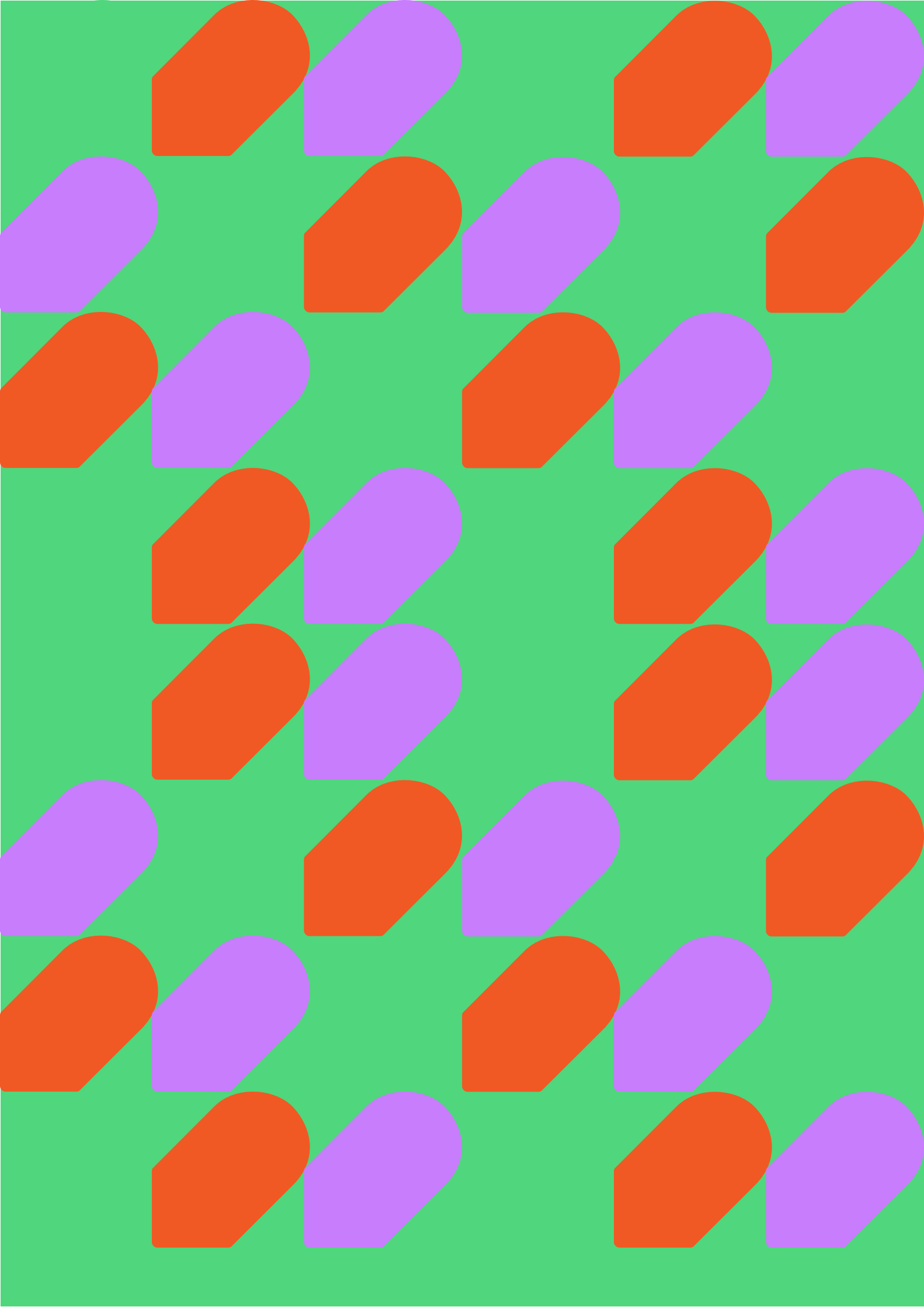




Pontos de vista

Orientações para a produção de textos do gênero artigo de opinião





Créditos

Concepção

Programa Escrevendo o Futuro

Coordenação de produção

Giselle Vitor da Rocha e Tereza Ruiz

Assistência de produção

Patricia Ferreira

Autoras e Autores

Ana Luiza Marcondes Garcia, Ana Paula Severiano e Egon de Oliveira Rangel

Colaboração e edição de conteúdos

Giselle Vitor da Rocha, Maria Aparecida Laginestra e Patricia Ferreira

Leitura crítica

Maria Aparecida Laginestra

Revisão textual

Rosania Mazzuchelli

Ilustração e Webdesign

Helder Lima

8ª edição, 2024

Copyright© by Cenpec e Itaú Social

Desenvolvimento e Programação multimídia

Evolut Desenvolvimento

Programa Escrevendo o Futuro

Cenpec

Diretora Executiva

Beatriz Cortese

Gerente de Projetos e Pesquisas

Maria Guillermina Garcia

Coordenadora de Programas e Projetos

Tereza Ruiz

Técnica de Programas e Projetos

Giselle Vitor da Rocha

Itaú Social

Superintendente

Patricia Mota Guedes

Gerente de Desenvolvimento e Soluções

Sonia Maria Barbosa Dias

Coordenador de Desenvolvimento e Estudos

Alexandre Moreira Santos

Analista de Desenvolvimento e Estudos

Lucas Viana Gregório

COORDENAÇÃO
TÉCNICA



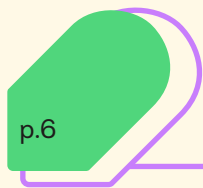
Cenpec

INICIATIVA

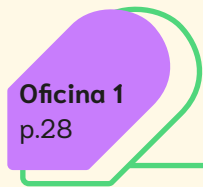


Social

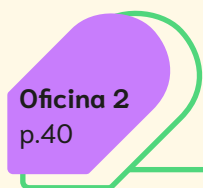
Sumário



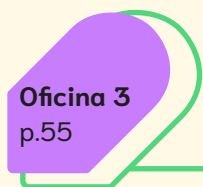
Introdução



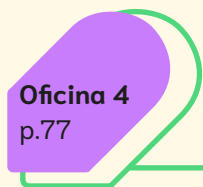
Avaliação diagnóstica



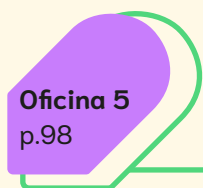
O que é liberdade de expressão?



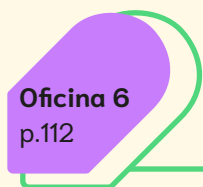
O jornalismo e a opinião pública



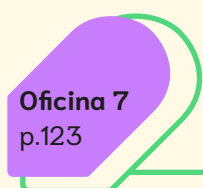
Argumentar é preciso – Questões polêmicas e debate regrado



O gênero: Artigo de Opinião



A palavra no papel



A sustentação da tese

Oficina 8
p.143

As vozes no artigo de opinião

Oficina 9
p.156

A linguagem da persuasão

Oficina 10
p.173

De mãos dadas: Leitura crítica, revisão
e reescrita do artigo de opinião

Oficina 11
p.182

Ao infinito e além – Socialização e Avaliação

p.197

Referências

p.200

Coletânea



Introdução

O que são os Cadernos Docentes?

Os Cadernos Docentes são materiais de orientação para a prática destinados a professoras e professores de Língua Portuguesa que, estruturados de forma sistemática a partir da noção de sequência didática, propõem um trabalho com os gêneros textuais, com o objetivo de desenvolver a aprendizagem da leitura e da escrita por estudantes.

Esses materiais foram organizados em oficinas para que professoras e professores desenvolvam com suas turmas atividades com os gêneros **Poema**, **Memórias literárias**, **Biografia**, **Crônica**, **Documentário** e **Artigo de opinião**.

São, portanto, seis Cadernos Docentes elaborados, originalmente, para o trabalho com estudantes desde o 5º ano do Ensino Fundamental até a 3ª série do Ensino Médio, da seguinte forma:

- Caderno *Poetas da Escola*: atividades do gênero poema desenvolvidas preferencialmente para estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental I.
- Caderno *Se bem me lembro*: atividades do gênero memórias literárias desenvolvidas preferencialmente para estudantes do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II.
- Caderno *Biografia: a tessitura da vida*: atividades do gênero biografia desenvolvidas preferencialmente para estudantes do 6º e 7º anos do Ensino Fundamental II.
- Caderno *A ocasião faz o escritor*: atividades do gênero crônica desenvolvidas preferencialmente para estudantes do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II.
- Caderno *Pontos de vista*: atividades do gênero artigo de opinião desenvolvidas preferencialmente para estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental II.
- Caderno *Olhar em movimento*: cenas de tantos lugares: atividades do gênero documentário desenvolvidas preferencialmente para estudantes da 1ª e 2ª séries do Ensino Médio.

Apesar de serem indicados para determinadas oficinas, anos e séries, as sequências didáticas podem ser adaptadas para outros anos e séries, conforme a turma de estudantes, a necessidade e a criatividade de professoras e professores.

Diálogos com a BNCC

Na página inicial de cada oficina, são apresentados seus objetivos e dicas de preparação para os temas e atividades que serão trabalhados com as turmas de estudantes. Também encontramos ali uma seleção de habilidades para o componente de Língua Portuguesa, mapeadas na [Base Nacional Comum Curricular](#) e acionadas no desenvolvimento de cada oficina, indicando como cada proposta se aproxima das expectativas anunciadas pela BNCC.

A seguir, apresentamos o mapeamento completo das habilidades e competências da BNCC realizado para as atividades presentes no Caderno **Pontos de vista**, que traz abordagens didáticas para o gênero artigo de opinião. Leia a descrição das habilidades.

Mapa das habilidades e competências da BNCC para o Caderno *Pontos de vista*

Oficinas	Campo	Habilidades	Competências
1. Argumentar é preciso?	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		EM13LP05	3
	Atuação na vida pública	EM13LP24	1
		EM13LP27	3
	Práticas de estudo e pesquisa	EM13LP28	3 e 7
	Jornalístico-midiático	EM13LP45	1 e 3
Linguagens e suas tecnologias	EM13LGG302	3	
2. Os movimentos da argumentação	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		EM13LP05	3
	Jornalístico-midiático	EM13LP38	1 e 2
Linguagens e suas tecnologias	EM13LGG303	3	
3. Informação versus opinião	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		EM13LP07	1
	Jornalístico-midiático	EM13LP36	2
		EM13LP38	1 e 2
		EM13LP40	2 e 7
		EM13LP45	1 e 3
4. Questões polêmicas	Todos os campos de atuação social	EM13LP02	1
	Atuação na vida pública	EM13LP25	1, 2 e 3
	Linguagens e suas tecnologias	EM13LGG303	3
5. A polêmica do texto	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		EM13LP02	1
		EM13LP12	1 e 7
		EM13LP15	1 e 3
	Práticas de estudo e pesquisa	EM13LP32	7
	Jornalístico-midiático	EM13LP45	1 e 3
6. Por dentro do artigo	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		EM13LP02	1
		EM13LP05	3
	Jornalístico-midiático	EM13LP37	2
		EM13LP38	1 e 2
7. O esquema argumentativo	Todos os campos de atuação social	EM13LP02	1
		EM13LP05	3
		EM13LP06	1
8. Questão, posição e argumentos	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		EM13LP02	1
		EM13LP05	3
		EM13LP06	1
		EM13LP07	1
	Práticas de estudo e pesquisa	EM13LP32	7
	Jornalístico-midiático	EM13LP37	2
		EM13LP38	1 e 2
EM13LP45		1 e 3	
9. Sustentação de uma tese	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		EM13LP02	1
		EM13LP05	3
		EM13LP15	1 e 3

Mapa das habilidades e competências da BNCC para o Caderno *Pontos de vista*

Oficinas	Campo	Habilidades	Competências
9. Sustentação de uma tese	Atuação na vida pública	EM13LP24	1
	Jornalístico-midiático	EM13LP38	1 e 2
		EM13LP42	2
		EM13LP45	1 e 3
		EM13LGG203	2
	Linguagens e suas tecnologias	EM13LGG302	3
		EM13LGG303	3
		EM13LGG601	6
EM13LP02		1	
10. Como articular	Todos os campos de atuação social	EM13LP06	1
		EM13LP15	1 e 3
		EM13LP45	1 e 3
	Jornalístico-midiático	EM13LP45	1 e 3
		Linguagens e suas tecnologias	EM13LGG103
	EM13LGG302	3	
11. Vozes presentes no artigo de opinião	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		EM13LP02	1
		EM13LP03	1
		EM13LP05	3
	Práticas de estudo e pesquisa	EM13LP29	2 e 3
	Jornalístico-midiático	EM13LP38	1 e 2
	Linguagens e suas tecnologias	EM13LGG103	1
12. Pesquisar para escrever	Todos os campos de atuação social	EM13LP12	1 e 7
	Práticas de estudo e pesquisa	EM13LP28	3 e 7
		EM13LP29	2 e 3
		EM13LP30	7
		EM13LP32	7
		EM13LP33	3
		EM13LP34	3
	Linguagens e suas tecnologias	EM13LGG301	3
13. Aprendendo na prática	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		EM13LP02	1
		EM13LP03	1
		EM13LP04	1
		EM13LP05	3
		EM13LP06	1
		EM13LP15	1 e 3
	Linguagens e suas tecnologias	EM13LGG103	1
		EM13LGG302	3
14. Enfim, o artigo	Todos os campos de atuação social	EM13LP01	2
		EM13LP02	1
		EM13LP12	1 e 7
		EM13LP15	1 e 3
	Práticas de estudo e pesquisa	EM13LP32	7
	Jornalístico-midiático	EM13LP45	1 e 3
15. Revisão final	Todos os campos de atuação social	EM13LP15	1 e 3
	Atuação na vida pública	EM13LP27	3
	Jornalístico-midiático	EM13LP45	1 e 3

É importante lembrar que, segundo a BNCC, as habilidades, quando bem articuladas e trabalhadas nos espaços de aprendizagens da escola, têm por objetivo desenvolver as competências às quais estão relacionadas. Clique no botão em vermelho para ler as competências para a componente de português do Ensino Fundamental.

Competências específicas de Língua Portuguesa para o Ensino Fundamental

1. Compreender a língua como fenômeno cultural, histórico, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo-a como meio de construção de identidades de seus usuários e da comunidade a que pertencem.
2. Apropriar-se da linguagem escrita, reconhecendo-a como forma de interação nos diferentes campos de atuação da vida social e utilizando-a para ampliar suas possibilidades de participar da cultura letrada, de construir conhecimentos (inclusive escolares) e de se envolver com maior autonomia e protagonismo na vida social.
3. Ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo.
4. Compreender o fenômeno da variação linguística, demonstrando atitude respeitosa diante de variedades linguísticas e rejeitando preconceitos linguísticos.
5. Empregar, nas interações sociais, a variedade e o estilo de linguagem adequados à situação comunicativa, ao(s) interlocutor(es) e ao gênero do discurso/gênero textual.
6. Analisar informações, argumentos e opiniões manifestados em interações sociais e nos meios de comunicação, posicionando-se ética e criticamente em relação a conteúdos discriminatórios que ferem direitos humanos e ambientais.
7. Reconhecer o texto como lugar de manifestação e negociação de sentidos, valores e ideologias.
8. Selecionar textos e livros para leitura integral, de acordo com objetivos, interesses e projetos pessoais (estudo, formação pessoal, entretenimento, pesquisa, trabalho etc.).
9. Envolver-se em práticas de leitura literária que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura.
10. Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.

Por fim, ainda sobre a aproximação dos Cadernos Docentes com a BNCC, ressaltamos que, no que diz respeito à articulação de Língua Portuguesa com outros componentes curriculares, é possível o diálogo com Artes, História e Geografia para conferir maior consistência e densidade à experiência formativa vivida na escola.

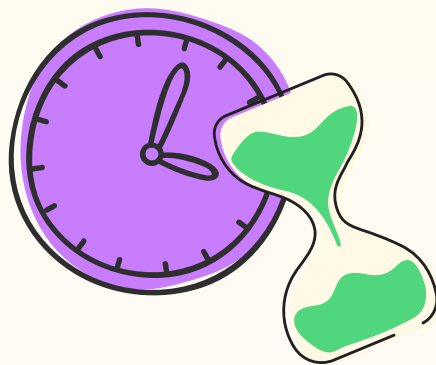
O tempo das oficinas

Cada oficina foi organizada para tratar de um tema, um assunto. Algumas poderão ser realizadas em uma ou duas aulas; outras levarão três ou quatro. Por isso, é essencial que você, professora ou professor, leia todas as atividades antecipadamente. Antes de começar a trabalhar com sua turma, é preciso ter uma visão do conjunto, de cada oficina e do que se espera que alunas e alunos produzam ao final.

Aproprie-se dos objetivos e estratégias de ensino, providencie o material e estime o tempo necessário para que sua turma faça o que foi proposto.

Enfim, é preciso planejar cada passo, pois só você, que conhece suas alunas e conseguirá determinar qual a forma mais eficiente de trabalhar com a turma.

Esperamos que esse material possa ganhar vida nas mãos de educadoras e educadores e trazer boas inspirações para o trabalho com os gêneros discursivos com estudantes, contribuindo para a aprendizagem da leitura e da escrita nas escolas públicas de todo o Brasil.



A sequência didática como eixo do ensino da escrita

Joaquim Dolz, Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação, Universidade de Genebra (Suíça)

[Tradução e adaptação de Anna Rachel Machado]

A sequência didática é a principal ferramenta proposta pelos Cadernos Docentes do Programa Escrevendo o Futuro para se ensinar a escrever. Estando envolvido há muitos anos na elaboração e na experimentação desse tipo de dispositivo, iniciado coletivamente pela equipe de didática das línguas da Universidade de Genebra, é um prazer ver como se adapta à complexa realidade das escolas brasileiras. Uma sequência didática é um conjunto de oficinas e de atividades escolares sobre um gênero textual, organizada de modo a facilitar a progressão na aprendizagem da escrita.

Cinco conselhos me parecem importantes para os professores que utilizam esse dispositivo como modelo e desenvolvem com seus alunos as atividades aqui propostas:

1) Fazer os alunos escreverem um primeiro texto e avaliar suas capacidades iniciais. Observar o que eles já sabem e assinalar as lacunas e os erros me parece fundamental para escolher as atividades e para orientar as intervenções do professor. Uma discussão com os alunos com base na primeira versão do texto é de grande eficácia: o aluno descobre as dimensões que vale a pena melhorar, as novas metas para superar, enquanto o professor compreende melhor as necessidades dos alunos e a origem de alguns dos erros deles.

2) Escolher e adaptar as atividades de acordo com a situação escolar e com as necessidades dos alunos, pois a sequência didática apresenta uma base de materiais que podem ser completados e transformados em função dessa situação e dessas necessidades.

3) Trabalhar com outros textos do mesmo gênero, produzidos por adultos ou por outros alunos. Diversificar as referências e apresentar um conjunto variado de textos pertencentes a um mesmo gênero, propondo sua leitura e comparação, é sempre uma base importante para a realização de outras atividades.

4) Trabalhar sistematicamente as dimensões verbais e as formas de expressão em língua portuguesa. Não se conformar apenas com o entusiasmo que a redação de um texto para participar de uma competição provoca e sempre buscar estratégias para desenvolver a linguagem escrita.

5) Estimular progressivamente a autonomia e a escrita criativa dos alunos. Os auxílios externos, os suportes para regular as primeiras oficinas da escrita são muito

importantes, mas, pouco a pouco, os alunos devem aprender a reler, a revisar e a melhorar os próprios textos, introduzindo, no que for possível, um toque pessoal de criatividade.

Uma contribuição para o desenvolvimento da aprendizagem da escrita

Joaquim Dolz*, Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação, Universidade de Genebra (Suíça)

[Tradução e adaptação de Anna Rachel Machado]

O Programa Escrevendo o Futuro nasce imbuído com o desafio de enfrentar o fracasso escolar decorrente das dificuldades do ensino de leitura e de escrita no Brasil.

Quais são os objetivos do Programa Escrevendo o Futuro? Primeiro, busca-se uma democratização dos usos da língua portuguesa, perseguindo reduzir o “iletrismo” e o fracasso escolar. Segundo, procura-se contribuir para melhorar o ensino da leitura e da escrita, fornecendo aos professores material e ferramentas, como a sequência didática – proposta nos Cadernos –, que tenho o prazer de apresentar. Terceiro, deseja-se contribuir direta e indiretamente para a formação docente. Esses são os três grandes objetivos para melhorar o ensino da escrita, em um projeto coletivo, cuja importância buscaremos mostrar a seguir.

Ler e escrever: prioridades da escola

Ler e escrever são duas aprendizagens essenciais de todo o sistema da instrução pública. Um cidadão que não tenha essas duas habilidades está condenado ao fracasso escolar e à exclusão social. Por isso, o desenvolvimento da leitura e da escrita é a preocupação maior das/os professoras/res. Alguns pensam, ingenuamente, que o trabalho escolar limita-se a facilitar o acesso ao código alfabético; entretanto, a tarefa do professor é muito mais abrangente. Compreender e produzir textos são atividades humanas que implicam dimensões sociais, culturais e psicológicas e mobilizam todos os tipos de capacidade de linguagem.

Aprender a ler lendo todos os tipos de texto

Trata-se de incentivar a leitura de todos os tipos de texto. Do ponto de vista social, o domínio da leitura é indispensável para democratizar o acesso ao saber e à cultura letrada. Do ponto de vista psicológico, a apropriação de estratégias de leitura diversificadas é um passo enorme para a autonomia do aluno. Essa autonomia é importante para vários tipos de desenvolvimento, como o cognitivo, que permite estudar e aprender sozinho; o afetivo, pois a leitura está ligada também ao sistema emocional do leitor; finalmente, permite desenvolver a capacidade verbal, melhorando

o conhecimento da língua e do vocabulário e possibilitando observar como os textos se adaptam às situações de comunicação, como eles se organizam e quais as formas de expressão que os caracterizam.

Dessa forma, o professor deve preparar o aluno para que, ao ler, aprenda a fazer registros pessoais, melhore suas estratégias de compreensão e desenvolva uma relação mais sólida com o saber e com a cultura. Não é suficiente que o aluno seja capaz de decifrar palavras, identificar informações presentes no texto ou lê-lo em voz alta – é necessário verificar seu nível de compreensão e, para tanto, tem de aprender a relacionar, hierarquizar e articular essas informações com a situação de comunicação e com o conhecimento que ele possui, a ler nas entrelinhas o que o texto pressupõe, sem o dizer explicitamente, e a organizar todas as informações para dar-lhes um sentido geral. Ele precisa aprender a tomar certo distanciamento dos textos para interpretá-los criticamente e ser capaz de identificar suas características e finalidades. Se queremos que descubra as regularidades de um gênero textual qualquer (uma carta, um conto etc.), temos de fornecer-lhe ferramentas para que possa analisar os textos pertencentes a esse gênero e conscientizar-se de sua situação de produção e das diferentes marcas linguístico-discursivas que lhe são próprias.

Aprender a escrever escrevendo

Entretanto, o que se pretende sobretudo é incentivar a escrita. Por isso, o programa acertadamente afirma que estamos em uma “batalha” e para ganhá-la precisamos de armas adequadas, de desenho de estratégias, de objetivos claros e de uma boa formação dos atores envolvidos. Não é suficiente aprender o código e a leitura para aprender a escrever. Escrever se aprende pondo-se em prática a escrita, escrevendo-se em todas as situações possíveis: correspondência escolar, construção de livro de contos, de relatos de aventuras ou de intriga, convite para uma festa, troca de receitas, concurso de poesia, jogos de correspondência administrativa, textos jornalísticos (notícias, editorial, carta ao diretor de um jornal) etc.

Do ponto de vista social, a escrita permite o acesso às formas de socialização mais complexas da vida cidadã. Mesmo que os alunos não almejem ou não se tornem, no futuro, jornalistas, políticos, advogados, professores ou publicitários, é muito importante que saibam escrever diferentes gêneros textuais, adaptando-se às exigências de cada esfera de trabalho. O indivíduo que não sabe escrever será um cidadão que vai sempre depender dos outros e terá muitas limitações em sua vida profissional. O ensino da escrita continua sendo um espaço fundamental para trabalharmos os usos e as normas dela, bem como sua adaptação às situações de comunicação. Assim, consideramos que ela é uma ferramenta de comunicação e de guia para os alunos compreenderem melhor seu funcionamento todas as vezes que levam em conta as convenções, os usos formais e as exigências das instituições em relação às atividades de linguagem nelas praticadas.

Do ponto de vista psicológico, a escrita mobiliza o pensamento e a memória. Sem conteúdos nem ideias, o texto será vazio e sem consistência. Preparar-se para escrever pressupõe ler, fazer registros pessoais, selecionar informações... atividades cognitivas, todas elas. Mas escrever é também um auxílio para a reflexão, um suporte externo para memorizar e uma forma de regular comportamentos humanos. Assim, quando anotamos uma receita, as notas nos ajudam a realizar passo a passo o prato desejado, sem nos esquecermos dos ingredientes nem das oficinas a serem seguidas. Do mesmo modo, quando escrevemos um relato de uma experiência vivida, a escrita nos ajuda a estruturar nossas lembranças.

Do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem, escrever implica ser capaz de atuar de modo eficaz, levando em consideração a situação de produção do texto, isto é, quem escreve, qual é seu papel social (jornalista, professor, pai); para quem escreve, qual é o papel social de quem vai ler, em que instituição social o texto vai ser produzido e vai circular (na escola, em esferas jornalísticas, científicas, outras); qual é o efeito que o autor do texto quer produzir sobre seu destinatário (convencê-lo de alguma coisa, fazê-lo ter conhecimento de algum fato atual ou de algum acontecimento passado, diverti-lo, esclarecê-lo sobre algum tema considerado difícil); algum outro objetivo que não especificamos. Deve-se também, para o desenvolvimento da linguagem, planificar a organização do texto e utilizar os mecanismos linguísticos que asseguram a arquitetura textual: a conexão e a segmentação entre suas partes, a coesão das unidades linguísticas que contribuem para que haja uma unidade coerente em função da situação de comunicação. Esses aspectos de textualização dependem, em grande parte, do gênero de texto. As operações que realizamos quando escrevemos uma receita ou uma carta comercial ou um conto não são as mesmas. Mas, independentemente do texto que escrevemos, o domínio da escrita também implica: escolher um vocabulário adequado, respeitar as estruturas sintáticas e morfológicas da língua e fazer a correção ortográfica. Além disso, se tomarmos a produção escrita como um processo e não só como o produto final, temos de levar em consideração as atividades de revisão, de releitura e de reescrita, que são necessárias para chegarmos ao resultado final desejado.

*Juntamente com Jean-Paul Bronckart, Bernard Schneuwly e outros pesquisadores, Joaquim Dolz pertence a uma escola de pensamento genebrina que tem influenciado muitas pesquisas, propostas de intervenção e de políticas públicas de educação em vários países. No Brasil, a ação do trabalho desses pesquisadores se faz sentir até mesmo nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Dolz nasceu em 1957, em Morella, na província de Castellón, Espanha. Atualmente, é professor da unidade de didática de línguas da Faculdade de Psicologia e das Ciências da Educação da Universidade de Genebra (Suíça). Em sua trajetória de docência, pesquisa e intervenção, tem se dedicado sobretudo à didática de línguas e à formação de professores.

Desde o início dos anos 1990 é colaborador do Departamento de Instrução Pública de Genebra, atuando notadamente na elaboração de planos de ensino, ferramentas didáticas e formação de professores.

Por que participar do Escrevendo o Futuro é dar vida à BNCC?

Patrícia Calheta – mestre em Linguística Aplicada (PUC/SP), especialista em Ensino de Língua mediado pelo computador (UFMG) e em Gestão Escolar (SENAC/SP), colaboradora do Programa Escrevendo o Futuro e coordenadora pedagógica do curso on-line *Sequência Didática: aprendendo por meio de resenhas*.

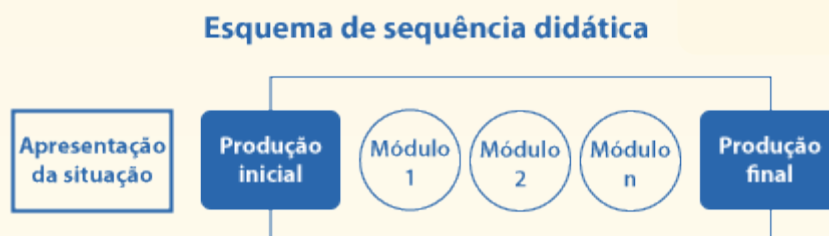
Afinal, as atividades dos cadernos docentes são um trabalho a mais, para além do currículo que temos de dar conta na escola?

A escolha por iniciar com essa pergunta a conversa que pretendo aqui partilhar com você – professora, professor, gestora e gestor de escolas públicas de todo o país – deve-se ao fato de que ela representa uma das recorrentes indagações formuladas por diferentes educadoras e educadores. Diante desse cenário, responder à questão evidencia-se como o desafio dessa “prosa pela escrita” que, vez ou outra, convidará para um breve passeio, via palavras destacadas em cor vermelha, visando à retomada de noções da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), nos segmentos do Ensino Fundamental (EF) e do Ensino Médio (EM) (Brasil, 2018). Para acessar as definições da BNCC, basta passar o mouse sobre as palavras destacadas ou clicar.

Em meio ao processo de implementação dos currículos municipais e estaduais, atualizados pela inspiração dos dizeres da [BNCC](#) (Brasil, 2018), redes de ensino e instituições escolares foram convidadas a se debruçarem sobre realidades locais, considerando os contextos e as características dos(as) estudantes. Nesse sentido, é desejável que decisões acerca do currículo de cada escola também tenham resultado do envolvimento e da participação das famílias e da comunidade, de forma a assegurar a aderência entre o documento e as singularidades locais, tornando o currículo um retrato do que cada instituição, na voz de todos esses integrantes, pensa, defende, necessita e propõe para promover a efetiva e integral formação de seus alunos e alunas.

No intuito de fomentar esse exercício de ajuste do olhar do geral ao local, o Programa Escrevendo o Futuro tem se revelado como constante porta aberta à construção de conhecimentos, figurando como política pública de larga abrangência nacional (incluído, desde 2008, como uma ação do Plano de Desenvolvimento da Educação do MEC) pela oferta plural de experiências formativas para a melhoria do ensino e da aprendizagem da leitura e da escrita, otimizando, assim, a condição reflexiva e propositiva no acolhimento às demandas relativas à composição de currículos e às práticas pedagógicas em cada instituição escolar.

A atuação docente mobilizada pelas vivências de uma SD tem sido defendida como ferramenta para o ensino da produção escrita de cinco gêneros discursivos, a saber, poemas (5º ano do EF), memórias literárias (6º e 7º anos do EF), biografia (6º e 7º anos do EF), crônicas (8º e 9º anos do EF) e artigo de opinião (9º ano do EF), com exceção do gênero documentário (1º e 2º anos do EM) que, apesar da organização do Caderno em blocos e oficinas, não segue a mesma orientação defendida por Dolz e Schneuwly (2004), a seguir apresentada:



Na concepção dos autores, a sequência didática revela-se como “um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito” (2004, p. 97). Centrado na noção de SD e na perspectiva enunciativo–discursiva de linguagem a ela coligada, cada Caderno convida à apreciação de oficinas, envolvendo atividades desde a contextualização da proposta até a produção escrita final do texto, visando à publicização, o que corrobora o fundamental processo de seleção de oficinas que possam dialogar com as necessidades de aprendizado de todos os alunos e alunas de cada turma, a partir do levantamento de conhecimentos prévios e cuidadosa análise da/o professora/or da primeira versão escrita do texto, produzida por essas/es estudantes.

É exatamente do lugar de reflexão desse movimento metodológico da SD que algumas das numerosas articulações entre os Cadernos Docentes e a BNCC serão a seguir explicitadas.

Sequências Didáticas e BNCC

Vamos iniciar com a questão das inspirações teóricas que cercam o trabalho pedagógico com as SDs e que encontram, na BNCC, lugar de destaque, especialmente referentes à **perspectiva de linguagem enunciativo–discursiva** e à centralidade do **texto** como unidade de trabalho, assumidas na BNCC e contempladas durante o planejamento, a organização e o desenvolvimento das atividades presentes nas oficinas das SDs dos Cadernos Docentes, uma vez que todas as propostas guiam-se pela presença e pela análise de textos diversos, pertencentes a cada um dos gêneros do discurso eleitos como foco da produção escrita, que são analisados em suas diferentes dimensões (discursiva, textual e linguística), a partir da reflexão acerca das condições de produção textual.

A relação entre **competências** e **habilidades** da área de linguagens no EF e da área de linguagens e suas tecnologias no EM é um segundo ponto de contato entre os Cadernos Docentes e a BNCC. Para entender tal articulação, seguem alguns exemplos, já que a totalidade das relações implicaria uma publicação muito mais densa, extensa e mais bem vinculada à exploração das especificidades dos gêneros.

No EF, do conjunto das competências específicas de linguagens (Brasil, 2018, p. 65), vale ressaltar a particular aderência das competências 1, 2 e 3 às experiências postas em cena no desenvolvimento das oficinas dos Cadernos propostos pelo Programa Escrevendo o Futuro, já que retratam:

p. 65), vale ressaltar a particular aderência das competências 1, 2 e 3 às experiências postas em cena no desenvolvimento das oficinas dos Cadernos propostos pelo Programa Escrevendo o Futuro, já que retratam:

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais;

2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva;

3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como libras e escrita), corporal, visual, sonora e digital – para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.

Estas competências evidenciam-se variados pontos de convergência, uma vez que se tomarmos a proposta de produção escrita dos gêneros poema, memórias literárias, biografia crônica e artigo de opinião, que é dimensionada por diferentes focos de reflexão, considerando as práticas de linguagem e, ainda, todo o trabalho com a alimentação temática – O lugar onde vivo –, seguramente afirmaremos que as oficinas que compõem as SDs dos Cadernos Docentes revelam-se como vigorosas oportunidades para o exercício de reconhecimento e de valorização das linguagens como formas de significação da realidade, expressão de subjetividades e de distintas realidades, partilha de experiências pautadas no respeito à diversidade e à pluralidade de ideias e de pontos de vista, assentadas na democracia, na ética, na cooperação e na empatia, capazes de fomentar práticas nas quais as/os estudantes exercitem o protagonismo e a autoria.

As propostas vivenciadas nas oficinas convidam a um fazer amplo e diversificado envolvendo a observação, a análise e a apreciação de textos, muitos deles marcados pela multimodalidade, com vistas a uma produção escrita que otimiza a condição de os(as) estudantes compreenderem mazelas e potencialidades do lugar onde vivem, o que os torna participativos, conscientes e propositivos diante da realidade. Assim, seja na composição de textos em versos que resgatam cenas, paisagens ou problemas do lugar pelo alcance da lente de um poeta-aprendiz que brinca com as palavras (como nos poemas), seja na organização de textos em prosa que possam retratar reminiscências do passado de um lugar para melhor compreender transformações, fruto do decorrer do tempo, pelo olhar de um morador que empresta sua voz para a releitura literária (como nas memórias), contemplar facetas do cotidiano pela lupa de uma/um aluna/o-cronista (como nas crônicas) e mesmo problematizar questões locais de relevância social, a partir da argumentação em defesa de um ponto de vista (como nos artigos de opinião), as SDs convocam professoras/es, alunos/os e a e a comunidade ao exercício reflexivo e investigativo de explicação e interpretação crítica da realidade do lugar onde vivem.

No que se refere às habilidades anunciadas na BNCC nos segmentos do EF e EM, cabe aqui uma parada reflexiva para ilustrar o vínculo com as propostas de ensino de SDs dos Cadernos Docentes. Para tanto, vale salientar que a explicitação das habilidades orienta-se por **práticas de linguagem** realizadas em diferentes **campos de atuação**, o que assegura um trabalho contextualizado e significativo.

Os campos de atuação, contemplados nos segmentos do EF e EM, estão assim organizados na BNCC (Brasil, 2018, p. 501):

ENSINO FUNDAMENTAL		ENSINO MÉDIO
ANOS INICIAIS	ANOS FINAIS	
Campo da vida cotidiana		Campo da vida pessoal
Campo artístico-literário	Campo artístico-literário	Campo artístico-literário
Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa	Campo das práticas de estudo e pesquisa
Campo da vida pública	Campo jornalístico-midiático	Campo jornalístico-midiático
	Campo de atuação na vida pública	Campo de atuação na vida pública

Quando pensamos nos gêneros discursivos que são foco das SDs, percebemos ser possível destacar: nos anos iniciais do EF, a relação entre o gênero poema e o campo de atuação artístico-literário, assim como o gênero memórias literárias, nos anos finais do EF; ainda nos anos finais do EF, o gênero crônica, que pode transitar por diferentes campos de atuação, tais como o artístico-literário e o jornalístico-midiático e, finalmente, o gênero artigo de opinião no EF, que pode circular por campos variados, como jornalístico-midiático, campo de atuação na vida pública.

Campos de atuação e habilidades nas SDs

Em meio ao percurso aqui trilhado a partir de alguns exemplos (que não esgotam a discussão, mas iluminam reflexões) e, ainda, considerando ênfases no trabalho com os gêneros discursivos propostos nos Cadernos Docentes, é possível conferir a existência de imbricadas relações entre habilidades anunciadas na BNCC e dois campos de atuação, a saber, **artístico-literário** (no caso do EF, anos iniciais e finais, para os gêneros poema, memórias literárias, biografia e crônica) e **jornalístico-midiático** (o para o gênero artigo de opinião).

No trabalho com a SD do Caderno “Poetas da Escola”, encontramos propostas norteadas por diferentes objetivos, explorando práticas de linguagem atreladas a habilidades que encontram morada na BNCC, de modo a retratar: na prática de leitura/escuta, a habilidade envolvida é *apreciar poemas e outros textos versificados, observando rimas, aliterações e diferentes modos de divisão dos versos, estrofes e refrões e seu efeito de sentido*; na prática de produção de textos, a habilidade (escrita autônoma) é *ler e compreender, com certa autonomia, textos em versos, explorando rimas, sons e jogos de palavras, imagens poéticas (sentidos figurados) e recursos visuais e sonoros* e, na prática de oralidade, a habilidade em jogo é *declamar poemas com entonação, postura e interpretação adequadas* (Brasil, 2018, p. 132–133).

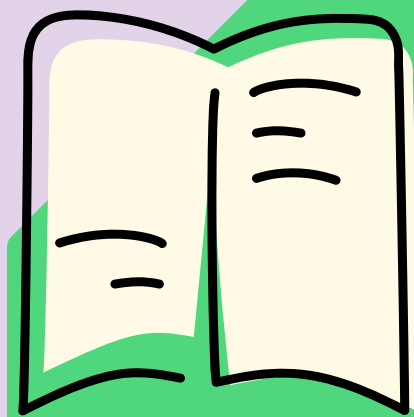
No que diz respeito às propostas apresentadas nos Cadernos “Se bem me lembro...” (memórias literárias) e “A ocasião faz o escritor” (crônica), a análise dos objetivos de diferentes oficinas torna evidente a aderência a práticas de linguagem diretamente vinculadas a habilidades da BNCC, dentre elas: no eixo da leitura (reconstrução das condições de produção, circulação e recepção), *inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção*; no eixo da produção de textos, *engajar-se ativamente nos processos de planejamento, textualização, revisão/edição e reescrita, tendo em vista as restrições temáticas, composicionais e estilísticas dos textos pretendidos e as configurações da situação de produção – o leitor pretendido, o suporte, o contexto de circulação do texto, as finalidades etc – e considerando a imaginação, a estesia e a verossimilhança próprias ao texto literário*; no eixo da análise linguística/semiótica, (...) *analisar os efeitos de sentido decorrentes do emprego de figuras de linguagem, tais como comparação, metáfora, personificação, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia, paradoxo e antítese e os efeitos de sentido decorrentes do emprego de palavras e expressões denotativas e conotativas (adjetivos, locuções adjetivas, orações subordinadas adjetivas etc), que funcionam como modificadores, percebendo sua função na caracterização dos espaços, tempos, personagens e ações próprios de cada gênero narrativo* (Brasil, 2018, p. 156–161).

Tal competência vincula-se, entre outras habilidades, a: *conhecer e analisar diferentes projetos editoriais – institucionais, privados, públicos, financiados, independentes etc –, de forma a ampliar o repertório de escolhas possíveis de fontes de informação e opinião, reconhecendo o papel da mídia plural para a consolidação da democracia; analisar os diferentes graus de parcialidade/imparcialidade (no limite, a não neutralidade) em textos noticiosos, comparando relatos de diferentes fontes e analisando o recorte feito de fatos/dados e os efeitos de sentido provocados pelas escolhas realizadas pelo autor do texto, de forma a manter uma atitude crítica diante dos textos jornalísticos e tornar-se consciente das escolhas feitas pelo produtor* (Brasil, 2018, p. 521), sendo exploradas em várias oficinas no estudo de textos do gênero artigo de opinião.

Como palavras finais, cabe retomar o questionamento inicial – *Afinal, os cadernos docentes do Programa Escrevendo o Futuro são um trabalho a mais, para além do currículo que temos de dar conta na escola?* –, para, finalmente, afirmar que, dada a íntima conexão e o amplo alcance em relação aos dizeres da BNCC, os cadernos são um trabalho curricular do(a) docente, é o currículo vivo e em ação. Em síntese, corrobora o processo de (re)significação de experiências de estudantes, professoras/es e comunidade com a palavra, gerando efeitos (trans)formadores na trajetória escolar de “nossos” meninos e meninas, adolescentes e jovens e, portanto, uma potente aliada ao objetivo, expresso na BNCC, de *assegurar os direitos de aprendizagem e desenvolvimento a todos e a todas*.



Introdução ao gênero



Escrita e cidadania

Você é contra ou a favor do incentivo à produção e ao consumo de alimentos transgênicos? E o que você pensa a respeito da igualdade de direitos e deveres para homens e mulheres? Você acha injusto que as universidades públicas reservem 50% das vagas para estudantes negros, indígenas e egressos de escola pública? O aumento da criminalidade teria alguma relação com a injustiça social?

Desde a hora em que nos levantamos até a hora em que vamos dormir, essas e outras questões nos instigam, pois envolvem fatos socialmente relevantes: a escassez e a distribuição desigual de alimentos no planeta; o papel e o comportamento do homem e da mulher na sociedade; o “funil” do vestibular e o sistema de cotas para ingresso na universidade; ou, ainda, a insegurança cotidiana de nossas grandes cidades.

Como afetam direta ou indiretamente a vida de todas/os – na cidade, no Estado, no país ou no mundo –, essas e muitas outras questões são de interesse público. Referem-se, em geral, a problemas que demandam soluções mais ou menos consensuais, decisões a serem tomadas, rumos a serem seguidos, valores a serem discutidos e/ou lembrados etc. E a resposta que se der a cada caso afetará a vida de populações inteiras, fechando ou abrindo possibilidades, estabelecendo rumos, fixando parâmetros para as escolhas e ações das pessoas. São, portanto, questões polêmicas: estão em aberto, em processo de ampla discussão social.

Um dos objetivos principais deste Caderno é motivar alunas/os e professoras/es a (re)conhecer questões polêmicas que atravessam nosso cotidiano. Afinal, entender o que está em jogo em cada caso, perceber “quem é quem”, certificar-se de interesses em disputa, estratégias em ação etc. são formas eficazes de se envolver nas questões

que movem a vida em sociedade. Debatê-las, colaborando para a formulação coletiva de respostas, é parte da vida política cotidiana numa sociedade democrática. É parte, portanto, do pleno exercício da cidadania.

É nesse âmbito do interesse público e da construção da cidadania que o jornalismo se movimenta. As matérias dos mais diferentes veículos ditos “de imprensa” – jornais, revistas, sites e redes sociais, telejornais etc. – pretendem nos contar o que acontece à nossa volta. Analisar e comentar esses fatos faz parte dessa função tipicamente jornalística, que é oferecer ao público em geral um retrato o mais objetivo possível da realidade, colaborando para sua análise, discussão e transformação.

Retratar a realidade e contribuir para a reflexão a seu respeito são, portanto, as duas intenções básicas do jornalismo. De forma geral, as matérias não assinadas, especialmente a notícia, procuram nos dar, na medida do possível, uma descrição objetiva e imparcial dos fatos que relatam. Já as matérias assinadas, como os editoriais, os artigos de opinião, as críticas, as resenhas, as grandes reportagens etc., se esforçam para analisar e discutir esses mesmos fatos.

Assim, matérias jornalísticas como a notícia apresentam-se ao público como “anônimas” e “neutras”. Não possuem marcas explícitas de autoria, como o verbo em primeira pessoa e ideias ou preferências individuais; por isso mesmo, evitam emitir opiniões explícitas, assumir um ponto de vista. Na notícia, é como se os fatos falassem por si: “Aconteceu, virou Manchete”, dizia, muito sintomaticamente, a publicidade de uma revista semanal já fora de circulação. Evidentemente, fatos não falam por si. Portanto, toda matéria jornalística, por mais objetiva e imparcial que se pretenda, manifesta uma versão particular dos fatos. Basta ler a mesma notícia publicada em diferentes veículos de imprensa para se dar conta disso. Seja como for, o foco do interesse, numa matéria não assinada, é a informação, e não o que determinada pessoa ou órgão de imprensa pensa a respeito dela.

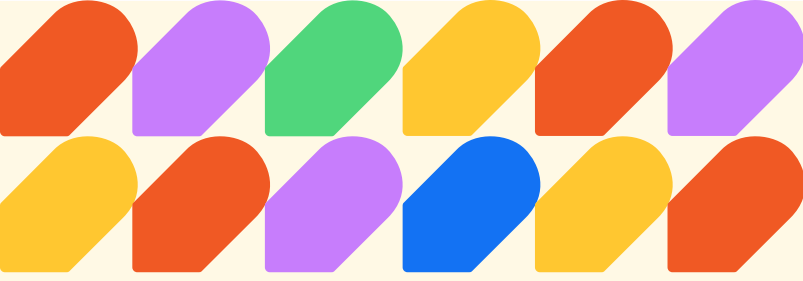
Já as matérias assinadas, como o próprio nome indica, são autorais. Os fatos chegam ao público “filtrados” pelo ponto de vista do articulista (autor do artigo), que opina sobre eles, comentando, discutindo, avaliando etc. E quem as lê quer saber, com muita clareza, o que quem escreve pensa a respeito de determinado assunto, bem como por que pensa nesses termos, e não em outros.

Articulistas

São profissionais ou especialistas que escrevem matérias assinadas (autorais) sobre algum assunto que está sendo discutido na mídia impressa, internet ou televisão. No caso particular do artigo de opinião, a(o) articulista é convidado por uma empresa jornalística para escrever porque é reconhecido, tanto por ela como pelas/os leitoras/es, como alguém que tem uma contribuição própria relevante para o debate. Por isso mesmo, nem sempre sua opinião coincide com a do veículo para o qual escreve. E é por esse motivo que ela/ele assina o artigo, responsabilizando-se pessoalmente pelo que diz. A assinatura revela sua identidade, que se completa com seu currículo, geralmente inserido no final da matéria.

Este Caderno trabalha com um dos gêneros mais conhecidos de matéria assinada: o artigo de opinião. Ele pode ser publicado em jornais, revistas ou internet; e é assinado por uma/um articulista que, jornalista profissional ou não, normalmente é uma autoridade no assunto ou uma “personalidade” cujas posições sobre questões debatidas publicamente interessam a muitos. É o que explica a relativa frequência com que celebridades da cultura pop, por exemplo, são convidadas a se pronunciar sobre o que pensam a respeito de questões sobre educação, saúde pública etc., mesmo quando estão longe de ser especialistas no assunto. Não por acaso esse conjunto de protagonistas dos debates públicos faz parte de um grupo a que se dá o nome de “formadores de opinião”.

Sem as questões polêmicas de que já falamos, não existe artigo de opinião. Elas geram discussões porque há diferentes pontos de vista circulando sobre os assuntos que as envolvem. Assim, a/o articulista, ao escrever, assume posição própria nesse debate, procurando justificá-la. Afinal, argumentos bem fundamentados têm maior probabilidade de convencer as/os leitoras/es. Ao escrever seu artigo, a(o) articulista toma determinado acontecimento, ou o que já foi dito a seu respeito, como objeto de crítica, de questionamento e até de concordância. Ela/ele apresenta seu ponto de vista inserindo-o na história e no contexto do debate de que pretende participar. Por isso mesmo tende a incorporar ao seu discurso a fala dos participantes que já se pronunciaram a respeito do assunto, especialmente os mais marcantes. Aprender a ler e a escrever esse gênero na escola favorece o desenvolvimento da prática de argumentar, ou seja, anima a buscar razões que sustentem uma opinião ou tese. Os temas aqui propostos – focados em questões da adolescência e do território em que as/os jovens vivem – estimulam a participação nos debates da comunidade, ajuda a formar opinião sobre questões relevantes e a pensar em como resolvê-las. Portanto, escrever artigos de opinião pode ser um importante instrumento para a formação do cidadão.



Como se apropriar deste caderno

O material Pontos de vista apresenta uma sequência longa de atividades que possibilitam diferentes maneiras de trabalhar com o gênero artigo de opinião na sala de aula. A(o) professora(or) pode realizar a sequência completa ao longo de um semestre letivo do 9º ano ou selecionar as atividades que mais se relacionam com o planejamento da escola e das turmas em que atua.

Nas oficinas a seguir, há uma curadoria das atividades mais relevantes para o desenvolvimento do artigo de opinião. Trata-se, porém, apenas de uma sugestão, que pode ser alterada pelas necessidades de cada docente e grupo. Aconselhamos a leitura completa do caderno para a escolha e a adaptação das sequências didáticas a cada contexto.

Bom trabalho!







Oficina 1

Avaliação diagnóstica

Nesta oficina, você é convidada/o investigar o nível de familiaridade de suas alunas e alunos com o artigo de opinião. O objetivo da avaliação diagnóstica é que, com base na análise das primeiras produções da turma, você possa conhecer melhor a escrita de cada estudante e identificar quais objetos de aprendizagem serão priorizados em seu planejamento. Para isso, a turma será convidada a escolher um tema e a escrever um artigo sobre ele.



Objetivos

-  Apresentar o trabalho com o gênero artigo de opinião.
-  Identificar o nível de familiaridade dos/das estudantes com o gênero artigo de opinião e seus processos de apropriação do conhecimento.
-  Oferecer devolutivas nas primeiras produções de textos que permitam às/aos estudantes receber um diagnóstico individual, bem como compreender que habilidades desenvolverão nas próximas aulas.
-  Estruturar diagnóstico detalhado da turma e mapear, a partir dele, objetivos de aprendizagem.

Prepare-se:

Professor e professora, na oficina de Avaliação diagnóstica, procure se familiarizar com os critérios de avaliação e os instrumentos que usaremos para organizar a informação proveniente dos textos de suas turmas.

Número de aulas: 5

Percurso desta oficina:

1. Apresentação do trabalho à turma
2. Definição do tema
3. Escrita do primeiro artigo de opinião
4. Devolutivas individuais
5. Estruturação de diagnóstico da turma
6. Próximos passos

Na BNCC

(EF67LP20) Realizar pesquisa, a partir de recortes e questões definidos previamente, usando fontes indicadas e abertas.

(EF67LP23) Respeitar os turnos de fala, na participação em conversações e em discussões ou atividades coletivas, na sala de aula e na escola e formular perguntas coerentes e adequadas em momentos oportunos em situações de aulas, apresentação oral, seminário etc.

(EF09LP03) Produzir artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, assumindo posição diante de tema polêmico, argumentando de acordo com a estrutura própria desse tipo de texto e utilizando diferentes tipos de argumentos – de autoridade, comprovação, exemplificação, princípio etc.

Apresentação do trabalho à turma

(45 minutos)

1. Inicie a aula perguntando à turma se conhecem o significado da palavra polêmica.
2. Ouça algumas respostas e, em seguida, leia para o grupo a definição do dicionário Priberam da Língua Portuguesa:

PALAVRA-CHAVE

Polêmica

1. Debate oral.
2. Discussão na imprensa.
3. Controvérsia.
4. Disputa amigável, mas acalorada.

Origem etimológica: francês *polémique*, do grego *polemikê*, feminino de *polemikós*, -ê, -ón, relativo à guerra, preparado para a guerra.

Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pol%C3%A1mica>. Acesso em: 20/6/2023

- Após a leitura, solicite que, considerando a definição, deem exemplos de polêmicas que mobilizam a comunidade local, o município e o estado em que vivem, o país ou até mesmo o mundo.
- Você também pode acrescentar exemplos de questões polêmicas às contribuições das alunas e alunos. Pense nas questões que terão apelo para sua turma. Seguem algumas sugestões:
 - Funk é cultura?
 - Os pais devem ter acesso ao celular dos filhos e filhas?
 - Humoristas devem ser punidos pela justiça por fazer certas piadas?
 - A merenda da escola é saudável e de qualidade?
 - O *videogame* deixa as pessoas mais violentas?
- Pergunte à turma de que modo formaram ou formariam a própria opinião a respeito das polêmicas elencadas. Buscariam informações na internet? Conversariam com amigas/os, professoras/res e familiares? Checariam o que disse uma/um influencer sobre o assunto?
- Questione também de que forma, na atualidade, as pessoas manifestam suas opiniões sobre temas polêmicos. Provavelmente, muitos alunas e alunos já viram vídeos e “textões” indignados nas redes sociais.

- Explique, então, que uma das possibilidades tanto para formar nossa opinião quanto para influenciar o ponto de vista de outras pessoas é o artigo de opinião, um gênero argumentativo que nasceu nos jornais impressos, mas se disseminou, com variações e adaptações, na internet. Em ambos os casos, a autora ou autor se vale de argumentos para sustentar uma perspectiva sobre o assunto e tentar persuadir suas leitoras e leitores a aderir à tese que defende.
- Conte que, ao longo das próximas aulas, vocês farão um trabalho para aprender ou aprimorar as habilidades da escrita do artigo de opinião e que começarão fazendo uma escrita. Reforce que o tema polêmico será decidido pela turma e a avaliação diagnóstica não irá prejudicá-las(os). Pelo contrário, ajudará a guiar atividades mais efetivas e adequadas aos conhecimentos que o grupo já tem sobre o gênero.
- Para definir situações de produção que conduzam o processo, consulte a Oficina 11 deste caderno. Há sugestões para criação de um concurso e de um *podcast* na escola.

JANELA TEÓRICA

Avaliação diagnóstica e planejamento

O mapeamento das aprendizagens da turma nos ajuda a ir além de apontar os erros e de mostrar a forma correta para uma questão ortográfica ou sintática (regência, concordância verbal ou nominal). Fazer pequenos comentários de forma muito geral (“observe a regência”, “não use gerúndio” ou “preste atenção na acentuação”) contribui pouco para as(os) alunas(os) perceber o que de fato precisa ser apreendido para melhorar a produção textual. Por isso, defendemos que precisa ficar mais evidente a concepção de que a avaliação diagnóstica faz parte do planejamento escolar.

O planejamento parte do texto das(os) alunas(os) para criar momentos de análises e reflexões diversas. O momento de avaliação diagnóstica pode ser uma primeira ação do planejamento, pois abre uma grande oportunidade para as(os) alunas(os) aprenderem mais.

Trecho do artigo **Produção textual nos anos finais do Ensino Fundamental: a importância da avaliação diagnóstica para o planejamento docente**, de Clecio Bunzen, publicado no portal **Escrevendo o Futuro**.

Disponível em: <http://bit.ly/janelateorica1> Acesso em: 6/7/2023

Definição do tema e orientações para pesquisa prévia

(45 minutos)

- 📌 Retome a lista de temas polêmicos apresentados pela turma e pergunte se querem adicionar outros ao levantamento.
- 📌 Explique que decidirá democraticamente o tema que pautará a escrita do primeiro artigo. Para isso, estimule as/os alunas/os a dizerem sobre qual tema gostariam de escrever e por qual motivo – com essa atividade, a sala já começará a exercitar a defesa oral de ideias, aspecto que será abordado com mais profundidade em outra oficina deste Caderno.
- 📌 Ajude-as/os a refletir acerca de aspectos que podem facilitar a escrita antes de fazer a votação:
 - 📌 Tenho informações sobre o tema? Ou sei onde buscar informações sobre ele?
 - 📌 Já formei meu ponto de vista a respeito disso?
 - 📌 A polêmica me impacta diretamente?
- 📌 Faça a votação de forma aberta ou secreta e anuncie o tema escolhido pela classe.
- 📌 Por fim, oriente a turma a pesquisar informações que possam apoiar a escrita do artigo de opinião e a trazê-las para a próxima aula. Valem notícias, vídeos de *influencers*, outros artigos de opinião, conversas com a família e outras/os professoras/es, séries para televisão e filmes.

SAIBA MAIS

Mude minha ideia

A série disponível no YouTube apresenta figuras públicas e pessoas dos mais diversos âmbitos discutindo questões polêmicas. É uma fonte interessante para temas de debate e para analisar que outros gêneros, hoje em circulação nos meios digitais, dialogam com o artigo de opinião. Sugerimos os episódios “[Racismo reverso: brancos podem sofrer racismo?](#)” e “[Cultura do cancelamento: qual é a sua opinião?](#)”

Escrita do primeiro artigo de opinião

(90 minutos)

- Retome o tema escolhido pela turma na última aula e oriente que comecem a escrever o artigo de opinião a partir dos conhecimentos prévios. Os artigos devem ser escritos em uma folha avulsa, para que você possa recolher as produções no final da atividade.
- Estimule as alunas e alunos que se sentem inseguros. Reforce que não haverá exposição do desempenho individual e a avaliação só permitirá um trabalho mais direcionado com a classe.
- Acompanhe ativamente a escrita, esclareça eventuais dúvidas individualmente sem interromper o processo para dar longas explicações e faça um registro pessoal das questões que aparecerem – elas também constituem um material precioso para o diagnóstico.
- Ao final da aula, recolha as produções e combine um prazo para a devolutiva dos textos. Lembre-se de acolher alunas e alunos que deixaram a página em branco, que escreveram pouco ou que, já na primeira entrega, foram extremamente autocríticos.

Elaboração de devolutivas individuais

- Propomos, nesta oficina, que você faça devolutivas individuais, com marcações e comentários nos textos das/os estudantes.
- Sugerimos que a devolutiva aponte menos para aspectos ligados ao domínio da norma-padrão (como acentuação, ortografia ou uso adequado dos pronomes) e mais para a estrutura composicional do gênero, o reconhecimento da interlocução e – mais importante neste momento de encontro com o texto – a compreensão da função social do gênero.
- No caso do artigo de opinião, isso significa mobilizar diferentes pontos de vista, dialogar com essas perspectivas e construir argumentos pertinentes e consistentes para contribuir com um debate não-violento sobre questões relevantes – ou seja, é mesmo uma tarefa complexa, que demanda uma série de conhecimentos!
- A seguir, há a transcrição da primeira escrita de um artigo de opinião, sobre os períodos de seca no nordeste do Brasil, e um exemplo de bilhete.

TEXTO DE ALUNO

Seca ou descaso?

A estiagem no Brasil mais especificamente no nordeste é um aspecto negativo que infelizmente proporciona fome e pobreza. A seca é um fator natural mas é o descaso com os habitantes?

Na região a restrita presença de chuvas é causada basicamente pelo o tipo de massa de ar aliado ao relevo, esse muitas vezes impede que massa de ar quente e úmidas ajam sobre o local gerando as chuvas. A longa estiagem provoca uma série prejuízos aos agricultores como perda de plantações e animais, a falta de produtividade gera a fome. O lugar em que vivo fica localizado no interior de Pernambuco, em minha fazenda há poços artesianos que amenizam a seca mas outros que não têm esses poços ficam mercê do governo que muitas vezes os esquecem. Para a fome existe o bolsa família e para a seca os carros pipas, porém a quantia de dinheiro é baixa e os pipas demoram a vir além de muitos ainda não terem cisternas em suas casas.

Instituições governamentais poderiam ajudar com o aumento de carros pipas e construções de cisternas.

EXEMPLO DE BILHETE

Querido João,

a classe escolheu um tema muito relevante para a nossa região, não é mesmo? E, em seu artigo, você o compreendeu adequadamente. Além disso, também conseguiu se posicionar em relação à polêmica, ao dar a entender que as consequências da seca são provocadas tanto pelo clima quanto pelo descaso do governo. Ainda assim, há aspectos que podem ser mais desenvolvidos em suas próximas produções:

1. Seria interessante buscar mais informações para apresentar os problemas da seca no nordeste, principalmente, em nosso estado.
2. Os argumentos podem ficar mais convincentes se você trazer dados (como o valor do Bolsa Família e quantas pessoas precisam ser alimentadas por ele) e a frequência com que os carros-pipas abastecem o município.
3. Outra sugestão é que você apresente com mais detalhes os prejuízos que a seca provoca em nossa região para justificar que o governo aja mais rápido.

Aos poucos, você vai ver que seu texto ficará mais desenvolvido. Continue escrevendo!


Sua professora

- Além da devolutiva individual, é possível adotar um instrumento para acompanhar a evolução de cada estudante ao longo do trabalho com artigo de opinião. O instrumento, que pode ser uma ficha ou uma tabela, facilitará também o posterior desenho de um diagnóstico para a turma. Você pode criar seu próprio instrumento conforme o que fizer mais sentido na organização do seu trabalho, veja um exemplo:

Alunos	Critérios de avaliação diagnóstica							
	Compreensão da proposta temática	Gênero			Repertório temático	Coesão, coerência e convenções da escrita		
	Compreende e discute o tema proposto ao longo de todo o texto?	São reconhecíveis três partes no texto: Introdução, desenvolvimento e conclusão?	Assume ponto de vista em relação ao tema?	Reconhece interlocução e escreve com vistas à leitura de um terceiro, não necessariamente conhecido?	Apresenta informações pertinentes e mobiliza diferentes áreas do conhecimento?	Organiza o texto em parágrafos e períodos e os compreende como unidades de sentido?	Estabelece relações entre as partes do artigo por meio de articuladores textuais?	Faz escolhas lexicais adequadas?
Artur	Sim	Sim	Sim	Sim	Parcialmente	Sim	Sim	Sim
Mariana	Parcialmente	Sim	Sim	Não	Sim	Sim	Parcialmente	Parcialmente

Ana Carolina	Sim	Não		Não	Não	Sim	Não	Não	Parcialmente
Letícia									
Stefane									
Josy									
Miguel									
Davi									
Tiago									

Se desejar utilizar essa tabela como modelo, você pode fazer o download aqui.

-  Outra possibilidade é fazer registros mais livres sobre cada estudante, mas com o cuidado de usar palavras-chave que possam ser úteis na definição de planejamento das próximas atividades.

Estruturação de diagnóstico da turma

- De posse das devolutivas individuais e da organização dos dados, você tem informações preciosas para traçar o perfil da turma e identificar o nível de conhecimento sobre artigo de opinião que detêm bem como as questões relacionadas ao gênero textual que merecem mais atenção. Sistematize essas informações em uma planilha ou relatório.

INSTRUMENTO PARA SISTEMATIZAÇÃO DE DIAGNÓSTICO DA TURMA

Diagnóstico – 9º ano B – 30 alunos/as

Compreensão da proposta temática	Encaminhamento
22 alunas(os) compreenderam o tema proposto	Valorizar a boa compreensão do tema e levantar com a turma hipóteses para garantir abordagens temáticas adequadas, de modo a apoiar quem teve dificuldade.
Gênero	Encaminhamento
20 alunas(os) não organizam o texto em três partes.	Dedicar mais tempo do planejamento à Oficina de estrutura composicional. Fazer análise da estrutura em sala, com textos escritos por jovens da mesma faixa etária, e fixar exemplos no mural.
10 alunas(os) não assumem ponto de vista em relação ao tema.	Propor debate regrado e, durante a oficina de síntese, identificar quais as teses defendidas pelos diferentes grupos.
Repertório temático	Encaminhamento
25 alunas(os) mobilizaram apenas parcialmente e com pouca profundidade informações sobre o tema.	Construir coletivamente, na escrita do próximo tema, mural de referências pertinentes e confiáveis sobre o assunto.
Coesão, coerência e convenções da escrita	Encaminhamento
A totalidade da turma demonstra fragilidade em relação ao uso de articuladores textuais.	Promover gincana entre equipes para ampliar o repertório de articuladores e estimular o uso mais preciso deles nos textos.

Próximos passos

(45 minutos)

- No prazo combinado, devolva os artigos comentados às/aos alunos/as.
- Apresente os critérios de correção da avaliação diagnóstica para a turma assim como os aspectos que devem ser trabalhados com mais ênfase nas próximas aulas.
- Faça cópias do texto de uma/um aluna/o que você considerou bastante familiarizado com o gênero artigo de opinião, distribua e analise brevemente com a turma, destacando os aspectos mais positivos do texto. Informe que todos eles serão aprofundados em aulas posteriores para não gerar a ansiedade de que todas as dúvidas sejam esclarecidas neste momento.
- Se houver tempo hábil para a correção, oriente-as/os a elaborar a reescrita do texto como tarefa de casa (haverá uma oficina voltada à reescrita adiante) e recolha as produções para uma segunda avaliação.

EM SÍNTESE

Professora, professor,

esta é uma oficina que exige bastante trabalho e reflexão de sua parte, mas fundamental para um processo mais assertivo com o gênero artigo de opinião.

Neste início, lembre-se de debater os temas que dominar melhor e também controlar as expectativas em relação ao desempenho das/os alunas/os para permitir que a avaliação diagnóstica se efetive.

Vale reforçar, ainda, que os instrumentos aqui propostos são exemplos que podem ser adaptados, modificados e recriados para atender às demandas do seu contexto.

VEM AÍ!

Na próxima oficina, vamos debater o que é liberdade de expressão e como ela se relaciona com o artigo de opinião.




Oficina 2

O que é liberdade de expressão?

Nesta oficina, vamos explorar, em conjunto com a turma, o conceito de liberdade de expressão, fundamental para o exercício da cidadania, mas, muitas vezes, usado inapropriadamente para disseminar discursos de ódio contra minorias. Nesse contexto, compreender o significado legítimo da liberdade de expressão contribui para promover debates frutíferos à sociedade e também para podermos exercê-la por meio da escrita.



Objetivos

-  Conceituar, no contexto contemporâneo, liberdade de expressão, diferenciando-a de discurso de ódio.
-  Compreender a liberdade de expressão como uma importante ferramenta para o exercício da cidadania e a conquista de direitos em sociedades democráticas.
-  Estabelecer relações entre liberdade de expressão e artigo de opinião.

Prepare-se:

Professora e professor, nesta oficina, acesse os conteúdos indicados na sequência didática – como textos, vídeos e áudios, com antecedência.

Número de aulas: 7

Percurso desta oficina:

1. Levantamento de conhecimentos prévios
2. Aprofundando conceitos
3. Bingo da liberdade de expressão
4. Análise de texto opinativo
5. Escrita e análise colaborativa de comentários

Na BNCC

(EF69LP01) Diferenciar liberdade de expressão de discursos de ódio, posicionando-se contrariamente a esse tipo de discurso e vislumbrando possibilidades de denúncia quando for o caso.

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, podcasts noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como vlogs e podcasts culturais, gameplay, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, spots, jingles de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de booktuber, de vlogger (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.



Levantamento de conhecimentos prévios

(45 minutos)

- Entregue a cada aluna/aluno duas tarjetas de papel e disponibilize canetinhas de cores diversas.
- Solicite que, na primeira tarjeta, escrevam o que pensam que significa a palavra liberdade. Na segunda, devem escrever o que pensam que significa expressão.
- Com fita adesiva, organize um mural em local visível da sala com as duas definições e peça que a turma explore e investigue as respostas das/dos colegas.
- Em seguida, organize a turma em duplas ou trios e oriente-as/os a escrever no caderno um verbete de dicionário para “liberdade de expressão”. Lembre o grupo de que já tiveram contato com o gênero verbete na oficina anterior, de Avaliação Diagnóstica, quando foi lida a definição da palavra “polêmica”. Se for o caso, projete um exemplo de verbete para que se recordem da estrutura e da linguagem do gênero.
- Quando os grupos finalizarem a escrita, peça que compartilhem suas produções em voz alta. Enquanto cada grupo se apresenta, faça anotações para sintetizar as perspectivas da turma.
- Então, apresente – projetado, escrito na lousa ou em cópias impressas – o texto a seguir, produzido pela equipe do [Educamídia](https://www.sutori.com/en/story/liberdade-de-expressao--gNh4R7zKxXhTdl5osCax4S5M), organização especializada em educação midiática:

A liberdade de expressão é um direito fundamental, previsto na Constituição, que garante a livre manifestação de ideias, opiniões e pensamentos sem medo de enfrentar represálias e independentemente de censura ou autorização. A liberdade de expressão é essencial para a democracia, já que permite que os cidadãos, expressem opiniões, contestem decisões políticas, cobrem ações de governantes e manifestem-se abertamente sobre quaisquer assuntos importantes para a sociedade, entre outras possibilidades.

Glossário interativo Educamídia. Disponível em: <https://www.sutori.com/en/story/liberdade-de-expressao--gNh4R7zKxXhTdl5osCax4S5M> Acesso em: 12/8/2023

- Ajude a turma com o vocabulário importante para a compreensão do texto:
 - Constituição – O conjunto de leis mais importantes que vigora no país.
 - Represálias – Ofensa, vingança, repressão.
 - Censura – O impedimento da livre expressão.
- Destaque também como o texto mostra que a liberdade de expressão é importante para que todos nós possamos cobrar os governantes, por exemplo, por meio de manifestações e pergunte se lembram, no lugar onde vivem, de algum movimento que tenha sido feito pelas/os moradores em busca de melhorias para a comunidade.

Explique que isso pode ser o exercício legítimo da liberdade de expressão.

- Com a ajuda da turma, compare as definições das duplas ou trios que você sintetizou no quadro com a definição do Glossário Educamídia. Quais são os pontos em comum entre as definições? Em que se diferenciam? Como poderíamos escrever uma definição da turma para a liberdade de expressão?
- Produza uma definição coletiva e colaborativa, que cruze o texto de referência com os textos das alunas e alunos, e deixe-a em local visível da classe, para ser consultada durante as próximas aulas.
- Conte que, na próxima aula, vamos nos aprofundar no conceito de liberdade de expressão e em conceitos relacionados a ela.

Aprofundando conceitos

(90 minutos)

- Comece a aula recuperando a definição de liberdade de expressão construída coletivamente pela turma no encontro anterior.
- Depois, leia uma notícia sobre o humorista Leo Lins, conhecido por fazer “humor pesado” ou “humor ácido” em seus shows de comédia (no link, é possível ouvir o áudio da notícia):

Justiça determina retirada de vídeo de humor do YouTube

Publicado em 18/05/2023 - 15:58 Por Leandro Martins* - Repórter Rádio Nacional - São Paulo

O especial de comédia com título Perturbador, do humorista Leo Lins, foi retirado do canal YouTube, da internet, por determinação do Tribunal de Justiça de São Paulo, a pedido do Ministério Público.

O vídeo estava disponível desde dezembro do ano passado no canal e já ultrapassou 3 milhões de visualizações. Na apresentação, feita a partir de um show em Curitiba, Lins conta piadas sobre temas como escravidão, pessoas com deficiência e outras minorias.

Segundo a decisão judicial, no vídeo, Lins faz comentários odiosos, preconceituosos e discriminatórios contra minorias e grupos vulneráveis.

Além da retirada do espetáculo de Lins na internet, o humorista está proibido de deixar a cidade de São Paulo, onde vive, por mais de 10 dias. E ele ainda precisa comparecer mensalmente em juízo para informar e justificar suas atividades.

A socióloga e antropóloga Maria Tranjan, coordenadora de gênero, raça e diversidades da Organização Artigo 19, que trata de liberdade de expressão, entende que algumas restrições podem ser legítimas, desde que previstas em lei.

Já o advogado e professor de direito constitucional Antônio Carlos Freitas Junior afirma que o humor, enquanto atividade artística, tem uma certa liberdade constitucional garantida, e que a pessoa que se sente ofendida pode acionar o suposto agressor por injúria, calúnia, difamação ou danos morais. Para ele, a decisão da Justiça contra o humorista foi desproporcional.

Depois da decisão da Justiça, outros humoristas demonstraram apoio a Lins, como o apresentador e também comediante Fábio Porchat. No Twitter, Porchat postou que humor não tem limite, e que proibir piadas no palco é o equivalente a proibir socos no ringue de boxe.

Apesar de o vídeo original ter sido retirado, cópias do material foram repostadas no YouTube por outros canais, todos com a hashtag “CensuraNão”.

Disponível em:

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/justica/audio/2023-05/justica-determina-retirada-de-video-de-humor-do-youtube>

Acesso em: 12/8/2023

- Pergunte à turma se conhecem o humorista e o conteúdo dos shows, bastante disseminados nas redes sociais após a decisão da justiça. Caso não conheçam,

questione se conseguem mencionar outros humoristas que fazem piadas polêmicas e, por vezes, ofendem grupos sociais como os mencionados pela notícia, como negros e pessoas com deficiência.

- Promova, então, um debate rápido com a turma:

O humorista estava exercendo sua liberdade de expressão, um direito garantido pela Constituição, ou, ao ofender minorias, extrapolou esse direito?

Ele deve poder fazer essas piadas garantido ou a justiça acertou na decisão?

Por que a suspensão do show gerou tanta polêmica e motivou outros humoristas famosos a reagirem?

- Registre os argumentos apresentados e lembre à turma da definição que escreveram na aula anterior.

- Em seguida, exiba o vídeo [Glossário político: O que é liberdade de expressão?](#), da BBC News Brasil. A jornalista Nathalia Passarinho recupera a história desse direito, que remete ao século XVIII, na Europa e nos Estados Unidos. O vídeo tem cerca de 18 minutos – se considerar necessário, exiba apenas os trechos que julgar mais relevantes.

- Oralmente, faça uma síntese das principais ideias do vídeo e resalte os aspectos que mais chamaram atenção da turma. Vale enfatizar como a liberdade de expressão é uma conquista das sociedades democráticas (na época dos reis e rainhas, por exemplo, a possibilidade de criticar um governante não existia e tal ato podia ser severamente punido). Outro ponto importante é que ela só é possível com a difusão da imprensa, a partir da invenção da prensa de Gutenberg, no século XV. Por fim, comente, séculos depois da invenção da prensa, o papel da internet na difusão da informação, no exercício da liberdade de expressão e na promoção de discursos de ódio.

- Ainda, apresente à turma um trecho da Constituição brasileira de 1988, que trata dos limites da liberdade de expressão:

Art. 5º Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

IV – é livre a manifestação do pensamento, sendo vedado o anonimato;

V – é assegurado o direito de resposta, proporcional ao agravo, além da indenização por dano material, moral ou à imagem;

VI – é inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais

de culto e a suas liturgias;

[...]

IX — é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença;

X — são invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas, assegurado o direito a indenização pelo dano material ou moral decorrente de sua violação;

XLI — a lei punirá qualquer discriminação atentatória dos direitos e liberdades fundamentais;

XLII — a prática do racismo constitui crime inafiançável e imprescritível, sujeito à pena de reclusão, nos termos da lei;

[...]

Disponível em:

<https://constituicao.stf.jus.br/dispositivo/cf-88-parte-1-titulo-2-capitulo-1-artigo-5#:~:text=Art.69>

Acesso em: 12/8/2023

- **Enfatize que, embora a Constituição garanta a liberdade de expressão, sem censura (ou seja, sem proibição prévia da expressão por parte do Estado) o documento também coloca limites para o seu exercício, como o racismo e outras formas de discriminação. Nas situações em que este limite é transposto, a fala ou a escrita podem se converter em discursos de ódio, assim definido:**

DISCURSO DE ÓDIO O discurso de ódio aparece nas redes a partir do tom ameaçador, abusivo ou preconceituoso adotado contra determinados grupos de pessoas. Manifestações como racismo, homofobia, xenofobia, intolerância de gênero ou ataques a minorias são alguns exemplos de incitação ao ódio.

Guia da Educação Midiática Educamídia. Disponível em: <https://educamidia.org.br/api/wp-content/uploads/2021/03/Guia-da-Educac%CC%A7a%CC%83o-Midia%CC%81tica-Single.pdf>

Acesso em: 12/8/2023

Bingo da liberdade de expressão

(45 minutos)

- Consolide os conceitos construídos na aula anterior com um bingo sobre o tema. Previamente, organize a classe em trios e entregue a cada grupo seis pedaços de papel. Em três pedaços, o grupo deve registrar três exemplos de liberdade de expressão e, nos outros três pedaços, três exemplos de preconceito ou censura.
- Acorde com a turma combinados para evitar a presença de discursos de ódio ou de situações que possam constranger pessoas presentes. A atividade desse pautar pelo respeito e pela crítica social.
- Recolha os exemplos dados pela turma e, previamente, elabore cartelas de bingo. Atenção à seleção de exemplos para as cartelas, pois se trata de um assunto delicado. Caso queira, você pode incluir outros exemplos.
- Coloque cópias dos exemplos em um saco ou caixa, distribua as cartelas para a turma e comece a brincadeira. As jogadoras e jogadores devem marcar apenas os exemplos de liberdade de expressão.
- Faça a correção da cartela, discutindo as justificativas para a classificação de cada exemplo como liberdade de expressão, preconceito ou censura e premie como preferir as jogadoras e jogadores com mais acertos.
- Caso não seja possível fazer a cartela em colaboração com a turma, oferecemos aqui um exemplo que você poderá reproduzir e usar em classe:

O governador decide proibir o show de um comediante porque este fazia críticas à política de educação adotada pelo estado.	Uma <i>influencer</i> decide postar um vídeo em rede social com críticas ao cabelo de uma cantora que deixou de alisar os fios e passou a usá-los crespos, como forma de valorizar sua identidade afrobrasileira. A <i>influencer</i> afirmou que a artista ficou “feia” com o cabelo natural.	Um jornal publica a investigação de um escândalo de corrupção envolvendo deputados e a destinação de verbas para a merenda escolar.
Um aluno passa a imitar, de forma recorrente e em tom de humor, um colega com deficiência física e intelectual.	Um supermercado pendura uma faixa na entrada afirmando que imigrantes – como venezuelanos, haitianos e bolivianos – não são bem-vindos no estabelecimento.	Os adolescentes, pais e professores de uma escola do interior do município se manifestaram em frente à prefeitura para cobrar transporte público que leve os alunos da zona rural para o colégio.
Uma jogadora de futebol publica um texto em uma revista reivindicando receber o mesmo salário que os jogadores do time masculino recebem.	Indígenas acampam em frente ao Congresso Nacional, em Brasília, e entoam cantos tradicionais para exigir a proteção de suas terras.	Um canal de televisão, após receber o telefonema de um grande empresário local, desiste de exibir uma reportagem que tratava de desmatamento ilegal na região.

- Após a atividade, discuta com a turma se consegue identificar situações, no cotidiano, que remetem à liberdade de expressão, à censura e ao preconceito.

SAIBA MAIS

Guia da Educação Midiática

O material produzido pelo Instituto Palavra Aberta convida educadores a refletir sobre a importância da alfabetização midiática no contexto contemporâneo. Além das referências teóricas, o guia oferece uma série de atividades de temas relacionados ao jornalismo, à liberdade de expressão, ao discurso de ódio e à censura. O download é gratuito.

Leia: <https://educamidia.org.br/guia>

Análise de texto opinativo

(45 minutos)

- Retome o tema principal das aulas que vocês vêm desenvolvendo: o artigo de opinião.
- Lembre à turma que se trata de um texto originalmente publicado em jornais – embora, na atualidade, seu principal meio de difusão seja a internet. Em sociedades onde há liberdade de expressão, as pessoas podem se manifestar de muitas maneiras, inclusive, por meio de textos acerca de questões polêmicas. Isso contribui para questionar políticas adotadas pelo governo, reduzir preconceitos e ampliar a conquista de direitos. Trata-se, portanto, de um instrumento muito poderoso da vida em sociedade.
- Enfatize, entretanto, que o mau uso tanto do direito à liberdade de expressão quanto do poder da escrita pode gerar uma série de problemas, como vimos anteriormente. Entre esses problemas estão a disseminação de informações falsas e de discursos de ódio. Analisaremos um artigo escrito por Leonardo Sakamoto que aborda justamente essa questão.
- Distribua cópias ou projete o texto “Teste rápido: Você faz papel de idiota nas redes sociais?”:

Teste rápido: Você faz papel de idiota nas redes sociais?

Leonardo Sakamoto, 17/11/2015, 20h31

Escolha apenas uma alternativa:

1) Após ler o título de um texto sobre um assunto que te interessa, você:

- a) Parte para esculhambar e xingar o autor.
- b) Começa a elogiar e endeusar o autor.
- c) Diz que aquela postagem é a prova que os Illuminati estão dominando o mundo.
- d) Avisa que aquilo não tem importância alguma porque Cristo vai voltar em breve.
- e) Lê o texto.

2) Você recebeu uma mensagem no WhastApp com uma denúncia séria, mas com autoria desconhecida e sem fontes de dados confiáveis. Então:

- a) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp.
- b) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhastApp e replica no Twitter.
- c) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter e bomba no Facebook.
- d) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter, bomba no Facebook e mita falando dele no Snapchat.
- e) Dá um Google para checar e; caso haja uma dúvida razoável, avisa a quem te mandou, a fim de que evite espalhar conteúdo que pode ser falso.

2) Quando percebe que não manja muito de um assunto em um debate nas redes sociais, você:

- a) Inventando dados para ganhar o debate.

- b) Cria histórias para sustentar seus argumentos.
- c) Enfia palavras na boca de terceiros.
- d) Distorce o que não é favorável a você.
- e) Não tem vergonha de dizer “não sei”, “não faço ideia” e “me explica”.

4) Quem xinga alguém durante uma discussão nas redes sociais está:

- a) Colocando a pessoa no seu devido lugar.
- b) Mostrando a ela quem manda por aqui.
- c) Deixando claro a todo mundo quem é o pica das galáxias.
- d) Dando uma lição em quem se atreveu a questioná-lo.
- e) Sendo um babaca.

5) Alguém que discorda educadamente do seu post é:

- a) Um petralha imundo que mama nas tetas do governo.
- b) Um tucanalha nojento e insensível à dor do semelhante.
- c) Uma feminazi maldita que quer destruir os homens de bem.
- d) Um gayzista que quer transformar meus filhos em sodomitas.
- e) Alguém que discorda educadamente do meu post.

A quem respondeu qualquer coisa que não fosse a alternativa “e”: há pessoas preocupadas em ganhar debates e que ignoram as dores do outro. E ofendem, xingam, maltratam, espantam. E há aquelas que querem construir algo através de conversas nas redes sociais. E ouvem, entendem, toleram, absorvem. Qual desses grupos de pessoas você acha que vai deixar saudades, se partir? Qual desses grupos de pessoas você acha que são fundamentais para o futuro do País?

Disponível em:

<http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/17/teste-rapido-voce-faz-papel-de-idiota-nas-redes-sociais/>

Acesso em: 12/8/2023

- O teste proposto por Sakamoto põe a(o) leitora/leitor diante de uma realidade cada vez mais comum em ambientes digitais: o desejo narcisista de opinar (“pronto, falei!”), sem, no entanto, sustentar suas posições ou tampouco ouvir o que o outro tem a dizer. Você pode apenas ler em conjunto o “teste”, indagando a turma a respeito dos objetivos visados pelo autor. Mas também pode ser produtivo e divertido pedir que respondam ao teste, discutindo, depois, os prejuízos da compreensão equivocada do que é liberdade de expressão.
- Note-se que Sakamoto é um articulista e que, apesar de o texto ser uma espécie de paródia de testes que existem na internet e em revistas, ele defende uma opinião: a de que – se não formos idiotas – é possível construir consensos por meio do debate nas redes sociais.

Escrita e análise colaborativa de comentários

(90 minutos)

- Escolha uma notícia publicada em uma rede social ou no site do jornal local que tenha relação com temas de interesse das/os alunas e alunos.
- Apresente o texto ao grupo e explique que farão uma atividade em que deverão fazer um pequeno comentário em resposta à publicação. Reforce que o comentário deve respeitar os princípios da liberdade de expressão estudados anteriormente.
- Organize a turma em duplas e entregue a elas meia folha pautada. Oriente a classe a escrever comentários breves (um por dupla), de até cinco linhas, acerca do texto. Mostre um exemplo de comentário, ligado ao texto sobre o humorista Leo Lins, analisado em uma das aulas anteriores:

A justiça foi correta ao punir o humorista Leo Lins. O Brasil ainda é um país que sofre com muitos preconceitos, como o racismo e o machismo, que acaba naturalizando a violência contra a mulher. Incentivar piadas que reforçam esses preconceitos só contribuirá para que o país não avance.

- Quando todas/os terminarem a tarefa, monte um mural com os comentários. Peça que as duplas leiam os comentários produzidos pelas outras e, com canetas coloridas, façam **intervenções respeitosas**. Para as intervenções, a turma pode se guiar pelo roteiro:

O comentário...

Respeita os princípios da liberdade de expressão?

Retoma o tema da notícia e assume um posicionamento em relação a ela?

Tem linguagem adequada para a postagem em um jornal?

- Acompanhe e verifique as intervenções, devolva os textos para as duplas e peça que reescrevam o comentário com base nas observações das/dos colegas.
- Para finalizar esta sequência didática, você tem duas opções. A primeira é organizar um momento em que as duplas publiquem efetivamente o comentário em uma rede social ou no site do jornal. A segunda é fazer um mural na sala, que exiba a notícia e os textos da turma.

EM SÍNTESE

Professora, professor,

Discutimos nesta sequência um conceito bastante complexo e polêmico atualmente: a liberdade de expressão. Sem essa fundamentação, porém, não é possível avançar para a escrita do artigo, já que a liberdade de expressão

está na base do exercício do jornalismo e das sociedades democráticas que se propõem a discutir questões polêmicas no coletivo e a chegar a consensos que garantam mais igualdade para todos. Essa prática pode e deve começar ainda na escola.

VEM AÍ!

Na próxima Oficina, discutiremos o papel da esfera jornalística – onde nasce o artigo de opinião – na construção da opinião pública e faremos um jornal-mural.

Oficina 3




O jornalismo e a opinião pública

A discussão sobre a esfera jornalística e sua função na sociedade ganhou ainda mais relevância com o crescimento do fenômeno da desinformação – um dos tópicos deste módulo. Por isso, a compreensão do que é o jornalismo e de sua influência sobre as pessoas e opiniões é fundamental para podermos contribuir com a formação de jovens menos sujeitos às notícias falsas ou à defesa de ideias equivocadas. Nesta oficina, propomos um processo de ensino e aprendizagem que se vale de práticas, como a produção de um jornal-mural, para alcançar tais objetivos.

Caso seu planejamento tenha menos aulas dedicadas ao gênero artigo de opinião, você pode escolher as atividades mais pertinentes às demandas de sua turma. Recomendamos, com entusiasmo, as aulas sobre desinformação e a produção do jornal-mural.



Objetivos

-  Compreender o que é jornalismo e qual é a sua função social em um contexto de disseminação de notícias falsas.
-  Identificar os diferentes gêneros presentes nos veículos jornalísticos.
-  Relacionar jornalismo e opinião pública.

Prepare-se:

Professora e professor, nesta oficina, será necessário dispor de revistas e jornais impressos ou virtuais para análise das/dos estudantes. Também faremos um jornal-mural com notícias do cotidiano escolar, por isso, reserve um espaço com grande circulação de pessoas – como a entrada do colégio ou uma parede no pátio – para expor a produção da turma.

Número de aulas: 13

Percurso desta oficina:

1. Esfera jornalística e função social
2. Jornalismo na era da desinformação
3. Gêneros jornalísticos: Onde está o artigo de opinião?
4. Produção de jornal-mural

Na BNCC

(EF69LP03) Identificar, em notícias, o fato central, suas principais circunstâncias e eventuais decorrências; em reportagens e fotorreportagens o fato ou a temática retratada e a perspectiva de abordagem, em entrevistas os principais temas/subtemas abordados, explicações dadas ou teses defendidas em relação a esses subtemas; em tirinhas, memes, charge, a crítica, ironia ou humor presente.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

(EF69LP16) Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermediáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.

(EF09LP01) Analisar o fenômeno da disseminação de notícias falsas nas redes sociais e desenvolver estratégias para reconhecê-las, a partir da verificação/avaliação do veículo, fonte, data e local da publicação, autoria, URL, da análise da formatação, da comparação de diferentes fontes, da consulta a sites de curadoria que atestam a fidedignidade do relato dos fatos e denunciam boatos etc.

(EF09LP02) Analisar e comentar a cobertura da imprensa sobre fatos de relevância social, comparando diferentes enfoques por meio do uso de ferramentas de curadoria.

(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual (paráfrases, citações, discurso direto, indireto ou indireto livre).

(EF89LP06) Analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e seus efeitos de sentido.

(EF89LP08) Planejar reportagem impressa e em outras mídias (rádio ou TV/vídeo, sites), tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. – a partir da escolha do fato a ser aprofundado ou do tema a ser focado (de relevância para a turma, escola ou comunidade), do levantamento de dados e informações sobre o fato ou tema – que pode envolver entrevistas com envolvidos ou com especialistas, consultas a fontes diversas, análise de documentos, cobertura de eventos etc. –, do registro dessas informações e dados, da escolha de fotos ou imagens a produzir ou a utilizar etc., da produção de infográficos, quando for o caso, e da organização hipertextual (no caso a publicação em sites ou blogs noticiosos ou mesmo de jornais impressos, por meio de boxes variados).

Esfera jornalística e sua função social

(90 minutos)

- Com antecedência, peça à turma que pesquise notícias que foram destaque na semana e tragam para a sala recortes ou anotações que resultaram das investigações. Dê exemplos de fontes de pesquisa, como sites jornalísticos, jornais e revistas impressos ou televisivos, estações de rádio e *podcasts*. A seguir, listamos algumas sugestões:

Agência Mural de Jornalismo

Uma agência de notícias cujo foco principal são as pautas das periferias, em especial, da Grande São Paulo.

<https://www.agenciamural.org.br/>

BBC News

A versão brasileira de um grande canal de mídia inglês.

<https://www.bbc.com/portuguese>

Folha de S. Paulo

Jornal fundado em 1921, é um dos mais tradicionais do país. Reporta notícias não apenas de São Paulo, mas também do Brasil e do mundo.

<https://www.folha.com.br/>

Joca

Jornal criado para crianças e adolescentes.

<https://www.jornaljoca.com.br/>

Nexo Jornal

Um jornal virtual que pratica o chamado jornalismo de contexto, ou seja, os textos contribuem para que o público entenda as notícias que estão em destaque na mídia.

<https://www.nexojornal.com.br/>

NORDESTEuSOU

O portal reúne notícias do Complexo do Nordeste de Amaralina, um dos maiores bairros de Salvador, onde vivem cerca de 80 mil pessoas.

<https://nordesteusou.com.br/>

- Após a pesquisa, entregue à turma tarjetas de papel ou post-it e peça que escrevam as notícias que encontraram, uma em cada tarjeta. Não é necessário transcrever a notícia inteira, elas/eles devem se ocupar apenas das manchetes. Por exemplo: “Brasil ganha medalha de prata no mundial de ginástica artística”.
- Reserve um espaço do quadro ou outra superfície da sala para que as/os alunas/os cole as tarjetas, ainda sem uma ordem ou organização específica.
- Depois, oriente o grupo a ler as manchetes e a fazer algumas análises:

Há alguma notícia que aparece mais de uma vez no mural?

Se sim, qual é a hipótese para isso?

De que temas tratam as notícias selecionadas pelo grupo? Algum desses assuntos é mais recorrente?

Ao observar o painel, de quais informações a turma já tinha conhecimento?

Quais são novidades e contribuíram para que o grupo ou parte dele ficasse mais informado?

- Com base na observação do mural, pergunte às alunas e alunos como definiriam o que é jornalismo. Ouça atentamente as sugestões para tentar formular uma definição coletiva.
- Questione também como procuram se informar a respeito do que acontece no município em que moram, no Brasil e no mundo. E, ainda, se consideram o hábito de se informar importante na atualidade.
- Na sequência, apresente a definição:

Jornalismo: “Atividade de busca e divulgação de informações de interesse público. O trabalho do jornalista atende alguns protocolos ou regras, como confirmação de dados com fontes qualificadas, autoria conhecida e responsabilidade por aquilo que está sendo informado.”

Disponível em: <https://educamidia.org.br/glossario#letraJ> Acesso em: 5/6/2023

SAIBA MAIS

Para aprofundar seus conhecimentos sobre a esfera jornalística, em que circulam textos como a notícia e o artigo de opinião, recomendamos a *websérie* “**Jornalismo: Conhecer para defender**”. São vídeos curtos que explicam o processo de trabalho do jornalista, da elaboração da pauta à publicação e repercussão do texto. Recomendamos, em especial, o vídeo “**O que é jornalismo e por que importa**”, conectado com os temas desta oficina.

Assista: <https://educamidia.org.br/recurso/webserie-jornalismo-conhecer-para-defender>

- Dê atenção à ideia de interesse público que aparece na definição do site Educamídia. O que seria uma informação de interesse público? Cite exemplos:
 - A reforma da escola é uma informação de interesse público?*
 - A fofoca sobre o início de mais um namoro de uma celebridade ou o divórcio de uma pessoa pública é de interesse público?*
 - Casos de corrupção na câmara dos vereadores ou na prefeitura do município são de interesse público?*

- É possível que a pergunta sobre a fofoca gere polêmica. Explique que há uma diferença entre **interesse público e interesse da audiência**. Interesse público representa informações que impactam a vida das pessoas em âmbito coletivo, caso de escândalos de corrupção ou da reforma de escolas. Interesse da audiência é o que o público quer ler por curiosidade ou por que é levado a isso em razão, por exemplo, dos estímulos das redes sociais.
- Reforce que o jornalismo se trata de uma prática profissional, com regras bem estabelecidas, como a necessidade de que fontes sejam ouvidas, de que a autoria dos textos e demais produções seja clara e de que haja responsabilidade pelo conteúdo publicado.
- Pergunte, então, se todas as notícias têm a mesma importância ou se algumas têm mais relevância do que outras. Anote as respostas da turma antes de continuar a aula.

PALAVRA-CHAVE

Manchete

Sentença que resume uma notícia em poucas palavras e pretende chamar a atenção dos leitores e leitoras para a informação.

- Divida a sala em grupos de até quatro pessoas e entregue a cada grupo uma folha com as seguintes manchetes falsas:
 - () Prefeito de Belém do Pará renuncia ao cargo sem dar explicações
 - () Dólar sobe e vai a R\$7
 - () Avião cai na Floresta Amazônia e 300 pessoas estão desaparecidas
 - () Show reúne pagodeiros e sertanejos no Parque da Cidade
 - () Gisele Bündchen anuncia reconciliação com ex-marido
 - () Tarifas de luz e água terão redução de 15% a partir de agosto
 - () Na Argentina, candidato azarão vence as eleições para a presidência
- Apresente a capa de um jornal impresso ou virtual e mostre que há hierarquia entre as notícias. Há uma diferença em relação à posição da manchete na página e ao tamanho das letras: as informações mais importantes aparecem no topo e com fonte maior.
- Elas/eles devem considerar a noção de hierarquia para decidir como organizariam a capa de um jornal caso fossem os editores. Basta numerar cada notícia de acordo com sua importância, sendo 1 para a mais relevante e 7 para a menos relevante.

- Mostre à turma critérios usados para determinar o valor de um fato e a chance de ele ser noticiado ou não. São os chamados critérios de noticiabilidade.

Critérios de noticiabilidade

*Os conceitos apresentados têm como ponto de partida o livro **Pragmática do jornalismo**, de Manuel Carlos Chaparro, ex-professor da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo*

Proximidade – Assim, a notícia de um avião que cai no Brasil é mais importante do que a de um fato igual ocorrido no Japão.

Atualidade – Avalia-se o quão recente é o fato, uma vez que o jornalismo, diferentemente da História, tem como foco o tempo presente.

Notoriedade – Na notícia do avião, ela ganharia ainda mais espaço se envolvesse uma figura pública, como um artista querido ou um representante do governo com cargo alto.

Curiosidade – São exemplos os fenômenos sem explicação racional ou científica, como milagres.

Consequências – Tange a fatos que geram impacto sobre a comunidade, como reforma de escolas ou aumento das tarifas de água e luz.

Dramaticidade – A capacidade que um fato tem de comover a população, como a morte trágica de uma figura pública ou o resgate difícil de pessoas que desapareceram na mata.

Surpresa – São os fatos que geram impacto no público.

- Diga ao grupo que volte às manchetes e revisem, com base nos critérios de noticiabilidade, a hierarquia que estabeleceram. Verificar quais fatos atendem a mais critérios de noticiabilidade é um caminho para fazer o exercício. Finalmente, pergunte se a classe consegue chegar a um consenso sobre a capa do jornal: Qual seria a notícia principal, escrita no topo da página e com letras maiores?
- Volte ao mural feito no início da aula com as notícias pesquisadas. Peça que a turma reorganize as notícias na perspectiva dos conceitos que foram discutidos durante o encontro, a saber:
 - Interesse público*
 - Interesse da audiência*
 - Critérios de noticiabilidade*
- Durante a dinâmica, informe que é possível agrupar e retirar notícias do mural, além de organizar uma hierarquia visual que dê ênfase às notícias que mais importam para a turma.

- Reveja o mural com a turma e feche a aula sintetizando aspectos importantes discutidos ao longo do encontro: o Jornalismo é uma prática profissional, que atende ao interesse público, uma vez que informa fatos relevantes para diferentes comunidades e, ao mesmo tempo, denuncia irregularidades, atuando como uma espécie de fiscal das instituições sociais enquanto contribui para que os indivíduos formem seu ponto de vista sobre questões polêmicas. Afinal, aquilo que não é noticiado tem menos chance de ser tema de debate.

JANELA TEÓRICA

Esferas ou campos de atividade humana

As esferas ou campos de atividade humana ou de circulação dos discursos – já que toda atividade humana se entretetece de discursos – são a instância organizadora da produção, circulação, recepção dos textos/enunciados em gêneros de discurso específicos em nossa sociedade. Os gêneros discursivos integram as práticas sociais e são por elas gerados e formatados. Leandro Konder, em seu texto “A dialética e o marxismo”, define as práticas sociais (“práxis”) como a “atividade do sujeito que de algum modo aproveita algum conhecimento ao interferir no mundo, transformando-o e se transformando a si mesmo”.

Nessa perspectiva, as práticas sociais são ações racionais, convocam responsabilidade social, envolvendo uma ética (valores). [...]

Mikhail Bakhtin, em “Os gêneros do discurso”, cita alguns exemplos de comunicação cultural mais complexa: comunicação artística, científica, sociopolítica. Nessa mesma obra, o autor relaciona determinadas condições e funções sociais (científica, técnica, jornalística, oficial, cotidiana), específicas de cada esfera, com a origem e o desenvolvimento de certos gêneros.

Assim sendo, os gêneros de discurso servem ao funcionamento das suas esferas de origem, com suas éticas específicas: íntima, cotidiana, dos negócios, jornalística, publicitária, jurídica, política, sindical, do trabalho, artística, literária, do entretenimento, científica, acadêmica, escolar e assim por diante.

Verbete **Esferas ou campos de atividade humana**, escrito por Roxane Rojo, parte do Glossário Ceale.

Disponível em: <https://bit.ly/janelateorica2> Acesso em: 5/6/2023.

Jornalismo na era da desinformação

(45 minutos)

- Recupere o encontro anterior, em que discutimos o que é jornalismo e pensamos sobre alguns conceitos relevantes dessa esfera da atividade humana.
- Em seguida, explique que faremos a dinâmica do “telefone sem fio” da notícia. Entregue um papel com uma manchete real para uma aluna ou aluno, peça que a leia em voz baixa e conte oralmente para uma/um colega que se senta próxima/o a ela/ele e assim sucessivamente.
- Pergunte que notícia que estava sendo transmitida. Caso a informação tenha se mantido, parabeneze a turma por garantir a qualidade dos fatos. Caso contrário, mostre que esse “telefone sem fio” em que a qualidade da informação se perde ao longo do caminho pode ser parecido com o fenômeno de desinformação. Se algumas/alguns alunas/os tiverem intencionalmente transformado o conteúdo inicial, elas/eles foram produtoras/es de desinformação.
- Exiba [o vídeo do canal Desinformante](#) (6min27s), especialista em educação midiática, em que a desinformação é discutida no contexto da desordem midiática:
- Após a exibição, esclareça os conceitos que podem ter gerado dúvidas.
- Mostre alguns exemplos das práticas citadas no vídeo, entre elas as *deep fakes*, as *fake news* e as informações descontextualizadas. Vale perguntar se a turma tem exemplos dessas práticas, mas seguem algumas sugestões:

Deep fake

Imagem falsa de papa Francisco com casaco volumoso viraliza

<https://www.poder360.com.br/midia/imagem-falsa-de-papa-francisco-com-casaco-volumoso-viraliza/>

Fake news

Governo canadense admite que 74% dos triplamente vacinados agora têm AIDS

<https://lupa.uol.com.br/jornalismo/2023/10/06/canada-nao-aler-tou-que-74-dos-vacinados-contra-covid-19-agora-tem-aids>

Informação descontextualizada

Vídeo mostra comerciantes descartando alimentos em SP em 2020, não no Nordeste recentemente

<https://www.aosfatos.org/noticias/video-alimentos-descartados--ceagesp-2020-nao-nordeste/>

- Explique à turma que todas essas práticas contribuem para o cenário de desordem midiática em que vivemos. Pergunte, então, se o grupo considera que a desinformação sempre existiu ou se é um fenômeno contemporâneo. Estimule a

turma a dar exemplos que comprovem seu ponto de vista.

- Conte que, conforme visto no vídeo do canal **Desinformante**, a desinformação é antiga – basta pensar na campanha contra os judeus feita durante o governo de Hitler na Alemanha durante a primeira metade do século XX. Entretanto, foi potencializada pela sofisticação das tecnologias digitais, como a Inteligência Artificial, que permitiu a criação de imagens como a do Papa Francisco usando um casaco acolchoado branco no lugar das vestes tradicionais.
- Enfatize que as tecnologias digitais – como a internet, os *smartphones* e as redes sociais – permitem a disseminação de *deep fakes*, *fakes news* e informações falsas com velocidade, o que tem gerado graves prejuízos para a sociedade.
- São inúmeras e diversas as consequências. Há casos de [manipulação de resultados de eleições](#), de [questionamento de informações científicas](#) e assim por diante.
- Diante do cenário de desordem informacional e desinformação, pergunte à turma qual é o papel da esfera jornalística.
- Após ouvir as opiniões, volte aos primeiros encontros, em que se discutiu a função social do jornalismo. Relembre que a prática jornalística é técnica, depende de apuração (investigação), checagem dos fatos e confronto de diferentes versões – o jornalista é uma espécie de detetive, de Sherlock Holmes em busca de se aproximar da verdade e de relatá-la de modo objetivo. Por isso, há menos chance de erro na produção de informação por veículos tradicionais.
- Além disso, discuta como a profissão do jornalista – assim como a do médico – é regida por um código de ética e há normas a serem seguidas. Outro ponto relevante é que a publicação de notícias falsas ou informações descontextualizadas pode comprometer a credibilidade de jornais e revistas e abalar a confiança que o público deposita neles.

SAIBA MAIS

Projeto de escrita: Estudantes combatendo fake news

Conheça a iniciativa da professora Vanessa Cristina de Jesus, que partiu das demandas de seus alunos e alunas do 9º ano em uma escola de Belo Horizonte para produzir um trabalho de conscientização sobre a desinformação. O projeto, com duração de 15 aulas, está sistematizado no portal **Escrevendo o Futuro**.

Acesse: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/sua-aula/proje-to-de-escrita/46/estudantes-combatendo-fake-news>

Regulamentação de fake news: censura ou civilidade?

Em uma série de vídeos, o professor Felipe Leal, de Redação e Filosofia, discute se os países precisam de regras para coibir o crescimento da desinformação criada pelas notícias falsas.

Assista: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/sua-aula/orientacao-para-a-pratica/6/artigo-de-opinio--regulamentacao-de-fake-news-censura-ou-civilidade>

Gêneros jornalísticos: Onde está o artigo de opinião?

(90 minutos)

- Nesta aula, promoveremos uma gincana para que a classe, organizada em grupos, localize exemplos de diferentes gêneros jornalísticos. Para isso, separe com antecedência uma série de jornais e de revistas impressos que serão recortados pelas alunas e alunos. Se possível, privilegie a diversidade de veículos e temas na seleção do material. É viável adaptar a atividade para que a gincana seja feita no meio virtual.
- Separe também conjuntos de envelopes ou sacos plásticos (um conjunto para cada grupo de seis alunas/os). Cada conjunto deve ter seis envelopes, identificados com os nomes dos seguintes gêneros textuais:
 1. Editorial
 2. Resenha crítica
 3. Notícia
 4. Tirinha ou charge
 5. Artigo de opinião
 6. Crônica
- Prepare a sala: afaste as carteiras e, no centro, sobre as mesas ou no próprio chão, espalhe as revistas e jornais, de modo que as capas fiquem visíveis.
- Divida a turma em grupos de até seis pessoas e entregue a cada um o conjunto de envelopes e uma folha com a seguinte tarefa:

Hoje, vocês participarão de uma gincana em que deverão localizar, em jornais e revistas, exemplos dos seguintes gêneros textuais:

1. **Editorial:** Representa a opinião do jornal ou revista sobre questões da atualidade. Não costuma ser assinado.
2. **Resenha crítica:** Avaliação, com base em critérios, da produção cultural recente, como filmes, livros e séries. Leva a assinatura da/o crítica/o.
3. **Notícia:** Informa sobre acontecimentos recentes por meio da mobilização de dados e da entrevista a fontes. Pode ou não ser assinada.
4. **Tirinha ou charge:** Vale-se de recursos verbo-visuais (como a caricatura e os balões de diálogo, por exemplo) e do humor para provocar a reflexão sobre questões contemporâneas. Tem autoria identificada.
5. **Artigo de opinião:** Expressa o ponto de vista de uma/um articulista sobre questão polêmica contemporânea. É assinado.
6. **Crônica:** Parte de um fato cotidiano para fazer a reflexão sobre tema pertinente para as/os leitoras/es e a/o autora/or. Sua linguagem e estrutura, ainda que seja um gênero nascido nos jornais, dialoga com a literatura.

Vocês devem se lembrar de recortar os exemplos e de colocá-los, de forma organizada, dentro dos envelopes identificados.



O grupo que encontrar mais exemplos corretos de cada gênero, em diferentes veículos, vencerá a gincana.

Quadro de pontuação

Gênero	Número de exemplos corretos	Nomes dos veículos de origem
Editorial		
Resenha crítica		
Notícia		
Tirinha ou charge		
Artigo de opinião		
Crônica		
Resultado parcial	[Coloque aqui o resultado da soma de exemplos corretos]	[Coloque aqui o número de diferentes veículos pesquisados pelo grupo]
Resultado total	[Coloque aqui a soma dos exemplos corretos com a soma do número de veículos pesquisados]	

- Explique as regras da gincana e o sistema de pontuação. Anuncie que os grupos terão 30 minutos para fazer a exploração do acervo disponível. Use um apito ou buzina para sinalizar o início e o fim da dinâmica.
- Receba os envelopes. Você pode fazer a apuração dos resultados com a turma ou em casa, apresentando o grupo vencedor na aula seguinte. Durante a devolutiva, pode ser uma estratégia interessante recuperar gêneros vistos em outros anos do Ensino Fundamental, como a resenha crítica ou a crônica.
- Após a gincana, pergunte à turma o que perceberam em relação aos jornais e revistas. Há vários aspectos que podem ser elencados:
 - Há frequência – diária, semanal ou mensal – na publicação das edições. Caso a análise seja virtual, as publicações podem ser mais imediatas.
 - Há textos assinados e textos que não são assinados.
 - Os textos podem ou não vir acompanhados de imagens, como fotografias e ilustrações.







- Nos jornais, há manchetes organizadas na primeira página, enquanto a capa das revistas apresenta o assunto ou os assuntos principais da edição. No caso dos sites jornalísticos, a diferença se estabelece pelo aprofundamento que as revistas oferecem por meio das reportagens ou pela dedicação a um único tema – revistas como a Superinteressante, por exemplo, dedicam-se à ciência.*
- Embora a notícia seja predominante nos jornais, ele se constitui em uma espécie de mosaico, no qual estão reunidos diferentes gêneros textuais. Um deles é o artigo de opinião.*

-  Leia um ou dois trechos de artigos de opinião selecionados pelos grupos durante a gincana. Pergunte se algum grupo encontrou notícias relacionadas aos temas que os artigos que você acabou de ler discutem.
-  Explique, então, que é bastante provável que isso aconteça e explique a relação que há entre os gêneros. A função da notícia é informar as pessoas sobre um fato (por exemplo, que o governo brasileiro decidiu criar reserva de vagas para pretos, pardos e indígenas em universidades federais). Já o artigo de opinião tem o papel de apresentar um ponto de vista a partir de um assunto de grande repercussão e que, portanto, deve ter sido pauta de uma notícia. Assim, o artigo depende das notícias para existir.

Produção de jornal mural

(360 minutos ou 8 aulas)

- Inicie a aula contando à turma que farão um jornal mural voltado para a comunidade escolar.
- Mostre um exemplo de jornal mural, produzido por jovens da Escola Municipal Rosana Negrão Freitas dos Santos, localizada em Presidente Prudente, interior de São Paulo. Confira: [Jornal Mural Super Rosana](#)
- Por meio da imagem, identifique com a turma o suporte usado para exibir o jornal, bem como as temáticas dos textos – entre elas a adolescência e as redes sociais, como o YouTube. Considerando o suporte e os assuntos abordados, pergunte à turma para quem acham que o jornal foi produzido e em que local foi posicionado.
- Explique que jornais murais – diferentemente de jornais de grande circulação ou audiência, como o Jornal Nacional, da Rede Globo – têm como foco as comunidades locais e isso é essencial para decidir quais conteúdos o veículo apresentará. Podem atender ao público de uma escola, de uma empresa ou de um hospital. Fica claro, portanto, porque o jornal da Escola Rosana Negrão trata de assuntos próximos dos jovens.
- Para ilustrar a importância de veículos focados na discussão sobre suas comunidades, exiba a entrevista de Renê Silva, morador do Complexo do Alemão, na periferia do Rio de Janeiro, que, aos 11 anos, começou a participar, ainda na escola, de um jornal. Mais tarde, ele fundou seu próprio veículo, o jornal Voz das Comunidades, que existe até hoje.
<https://www.youtube.com/watch?v=Se3W2KjWMKY>
Entrevista de Renê Silva (Brasil, 2019, 18min57s)
- Uma opção ao vídeo é o [texto publicado no site Voz das Comunidades](#) sobre a trajetória de Renê Silva:
- Provoque a turma a refletir sobre a história de Renê:
Por que ele decidiu participar do jornal da escola e, mais tarde, fundar a própria iniciativa de comunicação no Complexo do Alemão?
Quais assuntos eram relevantes para a comunidade em que ele vive?
Por que a iniciativa de Renê é diferente dos grandes – e tradicionais – veículos de comunicação?
- Acesse o site <https://www.vozdascomunidades.com.br/> para que a turma possa ler, ver ou ouvir algumas das notícias publicadas no que já foi um jornal impresso, mas hoje é um portal informativo.

-  Ressalte como os jornais voltados para uma comunidade específica e feitos por pessoas que vivem ali apresentam uma visão diferente, menos estereotipada e mais próxima da realidade do que a oferecida pelas grandes mídias. Note-se também que alguns dos fatos de importância local não apareceriam em um grande jornal – conforme estudamos nos encontros em que falamos sobre os critérios de noticiabilidade.
-  Depois de explorar o exemplo do Voz das Comunidades, promova uma reunião de pauta com a turma para listar assuntos que seriam relevantes para o jornal mural que será produzido pela classe, considerando que o público será a própria comunidade escolar.
-  Reserve um tempo, antes da reunião de pauta, para que as/os alunas/os conversem com diretoras/es, coordenadoras/es pedagógicas/os e outros atores da escola a fim de investigar temas atuais e relevantes do lugar em que estudam.
-  Caso a turma tenha dificuldades em criar a pauta, faça sugestões adequadas ao seu contexto. Citamos aqui apenas alguns exemplos: falha na separação do lixo orgânico e do lixo reciclável; muita sujeira no pátio após o recreio; mudanças no cardápio da merenda escolar; campanha de vacinação na escola; jogos e resultados de campeonato de futebol interclasses, etc.
-  Anote a pauta no quadro (registre em um papel ou fotografe para que as informações não se percam) e, depois de uma “tempestade de ideias” inicial, discuta quais assuntos realmente devem estar no jornal mural. Os critérios podem ser os de noticiabilidade e a capacidade, em razão do número de alunas/os, que a turma terá de apurar e escrever as notícias.
-  O próximo passo é dividir a turma em equipes, pois para que um jornal seja produzido as pessoas exercem diferentes funções. Apresente o seguinte quadro, com a explicação de cada função e forme as equipes. Outra possibilidade é dividir as funções por classe.

FUNÇÃO	ALUNAS/OS
<p> Equipe de reportagem Apura a informação (conversando com pessoas e frequentando os eventos) e redige a notícia. </p> <p> Para quem? Pessoas que são curiosas, extrovertidas e conectadas com tudo o que acontece na escola. </p>	

FUNÇÃO	ALUNAS/OS
<p>Equipe de articulistas Opina sobre fatos relevantes que estão sendo noticiados pelo jornal e debatidos pela comunidade.</p> <p>Para quem? Pessoas que se gostam de escrever, engajam-se em debates e defendem seu ponto de vista com afinco.</p>	
<p>Equipe de edição e revisão Lê, propõe alterações que facilite a leitura dos textos produzidos pelo time de reportagem e os revisa conforme a norma-padrão escrita da Língua Portuguesa. Também decide a hierarquia e a organização das notícias no jornal.</p> <p>Para quem? Pessoas que gostam de escrever e costumam auxiliar os colegas nas produções de texto.</p>	
<p>Equipe de fotografia e ilustração Faz o registro visual dos eventos cobertos pela reportagem ou produz imagens – como desenhos – para complementar os textos.</p> <p>Para quem? Pessoas que se interessam por Artes ou que não perdem a oportunidade de fotografar o que acontece perto delas.</p>	
<p>Equipe de design e diagramação Pensa no <i>layout</i> do jornal – como a escolha das fontes e das cores que serão usadas no nome do jornal, nos títulos e nos textos. Ainda, organiza as notícias de maneira visualmente harmoniosa.</p> <p>Para quem? Pessoas que se interessam por Artes, são organizadas. Em geral, têm os cadernos mais limpos, completos e coloridos da turma.</p>	

- Com as equipes formadas, faça a distribuição das pautas para a reportagem. As notícias podem ser apuradas e escritas por duplas ou trios.
- Apresente modelos de notícias e faça uma breve análise delas:

EXEMPLO A

9º ano B goleia e vence campeonato de futebol Interclasses 2023

21 de agosto de 2023

Por Mariana Santos

Na última sexta-feira (18 de agosto), no turno da manhã, as equipes do 9º ano B e do 8º ano E disputaram a final do Interclasses deste ano na quadra principal da Escola Campesina. Com placar de 5 a 1 para o 9º ano, a vitória veio fácil. O time formado por Vanderson, João Telles, Pedrinho, Menino Messi na linha e João Silva no gol saiu consagrado.

Menino Messi marcou logo no início do jogo e conquistou o título de artilheiro da disputa ao balançar as redes da Campesina mais duas vezes ainda no primeiro tempo. Depois do intervalo, Pedrinho fez dois gols sem chance de defesa para Zé Antônio, o defensor do 8º ano.

No final da partida, Caíque, do 8º, driblou João Silva e diminuiu a vantagem do 9º com uma jogada que surpreendeu a torcida. O estudante declarou ao jornal: “Jogamos bem, mas, infelizmente, não deu, o 9º ano foi superior. Agora, é se preparar para próxima”. Além de Caíque, CR7 Júnior, Diego, Marquinho e Juliano, no gol, entraram em campo pelo 8º ano.

A partida correu sem problemas, com poucas faltas e arbitragem conduzida pelos alunos da 1ª série do Ensino Médio da Escola Agrícola, convidados para apitar a decisão.

EXEMPLO B

Direção cria projeto para conscientizar a escola sobre o lixo deixado no pátio

30 de setembro de 2023

Por Gabriel Oliveira

Tem chamado atenção da comunidade da Escola Campesina a quantidade de resíduos deixada no pátio após o intervalo entre as aulas. Por isso, a diretora Vera Pereira, em parceria com professores, professoras e a coordenadora pedagógica Jussara Santana, está organizando um projeto sobre o tema para as classes do Ensino Fundamental.

“As atividades acontecerão no próximo semestre e procuram conscientizar as turmas sobre cidadania e sustentabilidade”, contou Vera ao jornal. Ela disse que punir os alunos e alunas não é efetivo, por isso, é importante promover uma educação que demonstre a importância do cuidado com os espaços coletivos e com a natureza.

EXEMPLO C

Lixo no pátio não combina com cidadania

Por Laísa Nunes

Recebi com satisfação a notícia de que haverá um projeto de conscientização sobre o lixo deixado no chão do pátio pelos/as estudantes da Escola Campesina durante o horário da merenda. É um absurdo o que tem acontecido, que demonstra que temos falhado em garantir um espaço limpo e agradável para todos e em respeitar as pessoas que fazem a faxina no Colégio.

Penso que teria sido fácil para a diretora Vera Pereira e para a coordenadora Jussara Santana decidirem apenas pela punição dos/as alunos ou deixarem as coisas como estão. Felizmente, elas optaram pelo melhor caminho: a criação de um projeto que contribuirá para a formação cidadã de todos os membros da escola. Além disso, teremos a oportunidade de discutir como nossos maus hábitos impactam os recursos naturais. Portanto, essa é uma iniciativa que merece elogios.

- Leia os exemplos com a turma. Você pode projetá-los ou distribuir cópias dos textos. Responda, em diálogo com a classe, às seguintes questões sobre as referências A e B:
 - O que aconteceu?
 - Quem são as pessoas envolvidas?
 - Onde aconteceu?
 - Quando aconteceu?
 - Como aconteceu?
 - Por que aconteceu?
- Explique que você acaba de apresentar um dos pilares do texto jornalístico. Trata-se do lide (ou, em inglês, lead), por meio do qual são apresentadas as informações principais de uma história, que devem aparecer logo no início da notícia. Já as menos importantes podem ser desenvolvidas ao longo do texto.
- Reforce, ainda, aspectos linguísticos que geram efeitos de sentido nas notícias:
 - **Menção à data e ao nome da/o autora/autor do texto:** A fim de garantir contexto à informação publicada e reconhecer o trabalho e a responsabilidade quem produziu a notícia.
 - **Manchete sintética:** Resume os fatos e chama atenção do público para o ocorrido.
 - **Uso dos verbos no presente:** Apesar de o campeonato de futebol já ter acontecido, os verbos são “vence” e “goleia”, o que dá atualidade à informação.
 - **Escrita na terceira pessoa:** Os textos vêm acompanhados do nome de quem os escreveu, mas a primeira pessoa não é usada ao longo da redação. Isso acontece porque os textos jornalísticos expositivos buscam a objetividade e a imparcialidade.
 - **Citações de pessoas entrevistadas entre aspas, com uso do discurso direto:** A estratégia demonstra apuração do fato, dinamiza o texto e confere credibilidade à notícia.

- Em seguida, aponte as características do Exemplo C. O texto, que é um pequeno artigo de opinião, foi escrito na primeira pessoa e é composto com uma série de adjetivos e advérbios – como “absurdo” e “felizmente” que deixam evidente a opinião da autora sobre o tema. Mais interessante: Ele está em diálogo com o exemplo B, a notícia que trata de uma nova iniciativa na escola. A autora, em uma tentativa de influenciar a opinião de seus leitores, declara apoio público ao projeto.
- Uma vez que o estudo das referências seja feito, organize o fluxo de trabalho e combine um cronograma de entrega das notícias para que as demais equipes possam dar continuidade ao processo. Confira o exemplo e o adapte ao seu planejamento. Vale deixar o cronograma em local visível e ir riscando as oficinas conforme elas são concluídas.

 - Reunião de pauta: 20 de março
 - Definição das equipes: 22 de março
 - Apuração e escrita das notícias e artigos de opinião: entre 22 de março e 10 de abril
 - Produção de fotografias e ilustrações: entre 22 de março e 10 de abril
 - Edição e revisão dos textos: entre 30 e 15 de abril
 - Design e diagramação: entre 10 e 17 de abril
 - Lançamento do jornal para a comunidade escolar: 18 de abril.
- Decida, em conjunto com a turma, o nome do jornal – até para que a equipe de Design possa pensar em cores e em um símbolo ou logomarca para a publicação – e estimule a turma a convidar colegas e professores para o evento de lançamento. Consulte também a classe sobre as possibilidades de suporte: o mural pode ser feito sobre papel pardo, ou online, com a ajuda de ferramentas como o Padlet (<https://padlet.com/>), de celulares e computadores da escola.
- Reserve algumas aulas para esclarecer dúvidas, mostrar outros exemplos que possam apoiar as tarefas da turma e acompanhar o trabalho das equipes de edição, revisão, design e diagramação até que o jornal esteja pronto para ser lançado. Não se esqueça de incluir no expediente o nome de todos que colaboraram com a edição.
- Após o lançamento, converse com a turma para avaliar o que acharam do processo de elaboração do jornal mural e se conseguiram reconhecer competências e habilidades exercitadas ou desenvolvidas ao longo das tarefas.
- Volte ao foco desta oficina: compreender uma série de conceitos ligados ao jornalismo e sua importância para refletir uma comunidade, assim como os assuntos que são e serão mais debatidos por ela. É uma via de mão dupla: a

comunidade pauta o jornal e o jornal pauta a comunidade. Por isso, afirmamos que os meios de comunicação contribuem para a formação da opinião pública.

EM SÍNTESE

Professora/or,

Conhecer o funcionamento da esfera jornalística é parte dos pré-requisitos para compreender em que contexto se insere o artigo de opinião e esse foi um dos objetivos principais desta oficina: perceber o artigo de opinião em diálogo com outros gêneros jornalísticos, como a notícia. Além disso, a construção de um jornal mural (se a atividade for possível no seu planejamento) permite que as/os estudantes se deparem com dilemas éticos e práticos da profissão, façam análises linguísticas enquanto escrevem, editam e revisam. Ademais, possibilita que as/os adolescentes descubram ou desenvolvam habilidades. Esperamos que algumas dessas metas tenham sido alcançadas!

VEM AÍ!

O valor do diálogo para a construção de consensos e a organização de um debate regrado são os focos da Oficina 4. Bom trabalho!

Oficina 4

Argumentar é preciso – Questões
polêmicas e debate regrado



Objetivos

- ✈ Identificar questões polêmicas.
- ✈ Discutir o papel do debate e da argumentação para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.
- ✈ Reconhecer a importância da pesquisa e do debate sobre temas da atualidade para a formulação de argumentos.
- ✈ Iniciar a prática do debate regrado.



Prepare-se:

Professora(or), leia com antecedência e atenção a atividade 3, que organiza o debate regrado, nosso momento de produção oral com alunas e alunos. Se necessário, imprima o roteiro para facilitar a condução da prática e convide outras/os docentes a mediar a discussão.

Número de aulas: 10

1. O valor do debate em situações de conflito
2. Questões polêmicas
3. Produção oral: Debate regrado

Na BNCC

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e/ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

(EF69LP19) Analisar, em gêneros orais que envolvam argumentação, os efeitos de sentido de elementos típicos da modalidade falada, como a pausa, a entonação, o ritmo, a gestualidade e expressão facial, as hesitações etc.

(EF69LP25) Posicionar-se de forma consistente e sustentada em uma discussão, assembleia, reuniões de colegiados da escola, de agremiações e outras situações de apresentação de propostas e defesas de opiniões, respeitando as opiniões contrárias e propostas alternativas e fundamentando seus posicionamentos, no tempo de fala previsto, valendo-se de sínteses e propostas claras e justificadas.

(EF69LP30) Comparar, com a ajuda do professor, conteúdos, dados e informações de diferentes fontes, levando em conta seus contextos de produção e referências, identificando coincidências, complementaridades e contradições, de forma a poder identificar erros/imprecisões conceituais, compreender e posicionar-se criticamente sobre os conteúdos e informações em questão.

(EF69LP32) Selecionar informações e dados relevantes de fontes diversas (impressas, digitais, orais etc.), avaliando a qualidade e a utilidade dessas fontes, e organizar, esquematicamente, com ajuda do professor, as informações necessárias (sem excedê-las) com ou sem apoio de ferramentas digitais, em quadros, tabelas ou gráficos.



O valor do debate em situações de conflito

(90 minutos)

Um dos objetivos desta atividade é refletir sobre o papel que o bom uso da palavra, o debate e a argumentação podem desempenhar na resolução de conflitos e na tomada de decisões coletivas. Para isso, analise com a turma uma notícia sobre o movimento de derrubada de estátuas de figuras históricas controversas após a morte de George Floyd, homem negro assassinado por policiais norte-americanos em 25 de maio de 2020.

No começo da aula, apresente apenas as seguintes manchetes:

“Estátua de Borba Gato, símbolo da escravidão em São Paulo, é incendiada por ativistas”, do **El País Brasil**

“Estátua de ativista negra substitui a de traficante de escravos no Reino Unido”, da **Folha de S. Paulo**

Investigue o quanto elas e eles já sabem sobre o tema por meio de algumas perguntas e registre no quadro as hipóteses apresentadas.

– Por que a estátua de um traficante de escravos foi substituída pela de uma ativista? Que acontecimentos podem ter levado ao ato?

– Por que a estátua de Borba Gato, bandeirante que participou do processo de interiorização do Brasil, foi incendiada por ativistas? A manchete dá alguma pista? Quem são os ativistas ou quem representam?

– A quem a turma atribui a substituição da estátua no Reino Unido? Pela manchete, conseguimos saber se ela foi substituída a pedido do governo?

Só após a sondagem, leia em voz alta, com a colaboração de alunas e alunos, o texto completo de uma das notícias, que trata do evento no Reino Unido e está disponível no menu Coletânea.

Depois da leitura, organize a turma em grupos de até quatro participantes e peça que conversem sobre as seguintes questões:

Agora que vocês têm mais informação, conseguem responder o que motivou a troca das estátuas? Quais das hipóteses iniciais apresentadas pela classe estavam corretas?

Segundo as informações fornecidas pela notícia, parece haver pontos de vista divergentes a respeito da substituição da estátua?

Qual é a posição da turma sobre o tema? O que pensam da derrubada da estátua? A saída escolhida pelos manifestantes foi a mais acertada ou deveriam ter procurado a via legal para remover um símbolo que lhes ofendia? Em relação à substituição pela estátua de uma jovem negra, seria necessário que o artista consultasse a prefeitura, uma vez que se trata do espaço público?

Na localidade em que vocês vivem, há alguma estátua – ou mesmo nome de rua e

escola – que incomode os moradores por prestar homenagens que hoje já não são adequadas?

- Quando a discussão se encerrar nos grupos, retome as questões propostas e abra espaço para que as equipes se posicionem, fazendo intervenções quando necessário.

JANELA TEÓRICA

O que é argumentar?

Não se pode simplesmente impor valores. As leis não são neutras, os cidadãos têm o direito de questioná-las e de discuti-las. Mesmo a construção delas é resultado de um debate. Quando trabalhamos a argumentação com os alunos, estamos trabalhando algo fundamental na vida social, que é o diálogo com o pensamento do outro, ainda que o outro pense de maneira muito diferente da nossa. Esse diálogo com o pensamento do outro é a minha definição do que é argumentação.

Argumentar para dialogar

Qual é a finalidade da argumentação? Transformar o pensamento do outro. Para isso, é necessário levar em consideração esse pensamento para transformar, não para impor. É o diálogo que permite regular a vida coletiva em uma sociedade democrática. Assim, o aluno tem que desenvolver autonomia de opinião. A argumentação é onipresente na vida social.

Joaquim Dolz, professor da Universidade de Genebra, na Suíça, em artigo para o portal **Escrevendo o Futuro**.

Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/revista-digital/artigo/66/pequenos-grandes-poderes> Acesso em: 5/6/2023.

- Chame a atenção para que após a morte de George Floyd, nos Estados Unidos, em maio de 2020, eclodiram manifestações em todo o mundo contra a violência policial e o racismo. Foi durante tal onda de manifestações que a estátua de um traficante de escravos chamado Edward Colston foi derrubada por manifestantes em Bristol, cidade inglesa, e lançada no rio Avon, que passa pela localidade. Informe às/aos estudantes que, antes da derrubada, já havia sido solicitado à prefeitura local que a imagem fosse trocada. Mais tarde, após o ato, um artista, sem autorização da prefeitura, colocou o monumento de bronze em homenagem à ativista negra no lugar em que estava Colston.
- Mencione que a notícia informa que tanto a derrubada da estátua quanto a substituição por um monumento novo não foram autorizadas pelo poder público.

Isso evidencia a diferença de posições em relação ao ato: a dos manifestantes, a do poder público e, em alguma medida, a dos canais de mídia que noticiaram o ato (basta pensar a que informação deram mais ênfase). Além disso, você pode acrescentar que a derrubada das estátuas durante as passeatas de 2020 foi tema de uma série de debates nos meios de comunicação, o que também mostra que não há consenso sobre a questão.

- Ao ouvir o ponto de vista de cada grupo sobre o tema, peça que justifiquem o posicionamento adotado. Indique que há uma relação de hierarquia entre os envolvidos: a prefeitura, responsável pelo espaço público, detém também o comando das forças policiais que poderiam agir contra os manifestantes. Por outro lado, a atitude dos ativistas poderia ser entendida como depredação do patrimônio público? A violência dos policiais nos Estados Unidos e em outras partes do mundo contra os negros justifica as ações das pessoas que removeram a estátua de Edward Colston? Note que não se trata de simplificar a questão, mas de oferecer às alunas e alunos a possibilidade de pensar a partir de diferentes ângulos.
- Durante a conversa, procure valorizar a importância do debate, do diálogo e da argumentação para chegar a soluções sem apelar para a violência. Embora os posicionamentos sejam divergentes, por meio da fala, é possível estabelecer consensos e medidas para sanar o problema.
- Conte aos alunos que a estátua de Colston derrubada pelos manifestantes foi retirada do rio e levada para um dos museus da cidade de Bristol, onde, segundo as autoridades, contribuirá para problematizar o período escravocrata. Já a estátua da ativista foi retirada pela prefeitura menos de 24 horas após ter sido colocada no pedestal. À época, noticiou-se que seria leiloadada e o dinheiro doado a organizações da luta antirracista. O que os grupos pensam da solução? O tema foi suficientemente debatido pela cidade? Chegou-se a uma saída razoável para todos os envolvidos?
- Como foi possível observar por meio do texto e do fato que ele narra, o espaço das cidades é um espaço de disputas. As estátuas são escolhidas por uma determinada – e pequena parte da sociedade – que visa não apenas homenagear determinadas figuras, mas garantir que elas permaneçam visíveis para um grupo amplo de cidadãos que veem a estátua ao transitar pela cidade. Se essa escolha é feita por um grupo restrito, não é democrática e, possivelmente, não representa a todos. Por isso, estabelece uma situação de disputa e conflito.

SAIBA MAIS

Desconstruindo os bandeirantes

O Museu do Ipiranga, em São Paulo, foi restaurado e reaberto em 2022. Sua nova proposta museológica apresenta aos visitantes a exposição Passados imaginados, que discute de que maneira a história brasileira foi construída pela representação de pessoas e eventos em livros didáticos, obras de arte, maquetes e documentos. Isso inclui os bandeirantes, glorificados em pinturas e estátuas à moda de antigos reis. Parte da análise está detalhada em um material para professoras e professores, disponível para download no site da instituição. O material rende uma parceria com a equipe de História para adensar o conhecimento e a argumentação das/os estudantes.

Acesse: https://museudoipiranga.org.br/wp-content/themes/museu-theme/assets/download/passados_imaginados.pdf

- Discuta com as/os alunas/os como não se trata de estabelecer o lado certo e o lado errado da história. No campo da argumentação e do debate, nós vamos além da lógica de “mocinho” e “vilão”. Cabe, sim, perceber que existe um jogo de forças e vozes ou grupos mais reconhecidos do que outros na sociedade. Nesse sentido, a ação de derrubada das estátuas é a forma que os grupos excluídos ou pouco representados encontraram de se fazer ouvir.
- Ainda assim, as tentativas de conquistar tal espaço de fala podem desencadear violência. O que é possível fazer para evitá-la? Converse sobre isso com a turma e reforce que uma forma eficaz de combater a violência e evitá-la é o debate aberto, constante e sistemático sobre as dificuldades a serem contornadas no convívio cotidiano, nos lugares onde vivemos.
- Como forma de concluir a reflexão, discuta com a turma que valor o debate pode ter na condução da vida pública de uma comunidade, de uma cidade, de um Estado ou de um país, bem como no cotidiano das pessoas, especialmente em situações que parecem difíceis. Para tanto, leia e discuta com o seguinte texto:

Quem é você diante de uma situação difícil?

O que é uma “situação difícil?” Em geral, é uma situação que se caracteriza pela violência indesejada que carrega. Apesar de inúmeros progressos realizados com relação a essa questão, a violência continua enraizada no cerne de nossas vidas diárias. [...]

Diante de uma situação difícil, de uma violência que atravessa nosso caminho, temos três opções à nossa disposição: recorrer à violência; fugir; tomar a palavra, tentar argumentar a fim de defender nossas posições e, ao mesmo tempo, pacificar a situação.

Philippe Breton. **Argumentar em situações difíceis**. Barueri: Manole, 2005.

- Questione como a turma se define diante de situações difíceis: tentam tomar a palavra, argumentar e pacificar a situação? A depender das respostas, problematize que características contemporâneas fazem com que seja difícil a garantia do diálogo. Respostas como crescimento dos extremismos e da polarização política são alguns dos caminhos possíveis para a discussão.

Questões polêmicas

(180 minutos)

- Relembre a definição de polêmica vista na Oficina 1 deste caderno, durante a avaliação diagnóstica.

PALAVRA-CHAVE



Polêmica

1. Debate oral.
2. Discussão na imprensa.
3. Controvérsia.
4. Disputa amigável, mas acalorada.

Origem etimológica: francês *polémique*, do grego *polemikê*, feminino de *polemikós*, -ê, -ón, relativo à guerra, preparado para a guerra.

Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pol%C3%AAmica>. Acesso em: 20/6/2023

- Divida a sala em dois grupos e explique que farão uma breve dinâmica de debate. Você apresentará as questões e dirá de qual lado cada equipe deverá ficar. Por exemplo:

- *Quem é o melhor jogador de futebol do mundo: Messi ou Cristiano Ronaldo?*
- *Grupo 1: Defende Messi*
- *Grupo 2: Defende Cristiano Ronaldo*

- Não faça a moderação do debate, mas cronometre cerca de 2 minutos de discussão para cada tema. Se for o caso, chame a atenção para que um dos grupos não monopolize o discurso. Sugerimos, a seguir, alguns temas, mas escolha o que for adequado a sua realidade. O importante é que sejam problemas bastante cotidianos:

- *O feijão deve vir por cima ou por baixo do arroz?*
- *Que matéria é mais fácil: Matemática ou Língua Portuguesa?*
- *Acordar cedo ou acordar tarde?*
- *Qual é a rede social mais legal: Instagram ou TikTok?*
- *É melhor ter muitos amigos ou ter poucos amigos?*
- *Funk ou sertanejo?*

- Após o breve debate, reorganize a sala para explicar que estas são polêmicas, sobre as quais se expressam diferentes posicionamentos sem necessariamente chegar a um consenso. Entretanto, são questões de âmbito pessoal, que pouco interferem na dinâmica coletiva. Uma pessoa pode defender que gosta mais de

acordar cedo e dizer “é apenas a minha opinião”, sem isso gerar consequências para os outros. Não vale o mesmo para debates de caráter social, que podem impactar o coletivo e até a noção de cidadania.

- Dê exemplos de polêmicas que causam impacto em diferentes âmbitos, sem necessariamente discuti-las com o grupo.
 - Devem ser mantidas as cotas para pretos, pardos e indígenas nas universidades públicas?
 - O Brasil deve descriminalizar o porte de drogas para uso?
 - Enfraquecer leis ambientais é importante para garantir o desenvolvimento do agronegócio?
 - Estudantes da educação básica deveriam ser obrigados a frequentar a escola em tempo integral?

- Evidencie que as respostas a essas perguntas, em uma sociedade democrática, são orientadas pela Constituição de 1988 e consolidadas por instituições – como o Congresso Nacional, a justiça ou a Presidência da República, na forma de leis, decisões e decretos –, idealmente, tendo como ponto de partida o diálogo com a população e os diferentes atores sociais, uma vez que afetam o coletivo e podem garantir ou restringir direitos.

- Em seguida, organize o quadro em colunas e peça que a turma elenque algumas questões polêmicas presentes nos diferentes espaços sociais que frequentam. Se necessário, dê exemplos ou use as sugestões a seguir:

ESCOLA	BAIRRO	CIDADE	ESTADO	PAÍS	MUNDO
O uso do celular deve ser proibido na sala de aula?	Moradores que ficam com o som alto ligado até tarde devem ser advertidos pela vizinhança?	O prefeito deve proibir que organizações assistenciais distribuam comida para pessoas em situação de rua?	O transporte público metropolitano, feito por ônibus e trens, deve ser privatizado?	O voto deve ser facultativo no Brasil?	Estátuas que celebram figuras históricas hoje questionadas devem ser mantidas no espaço público?

- Discuta com o grupo como as polêmicas estão presentes em todas as esferas da sociedade e se conectam com as políticas públicas e com os direitos humanos.

- Escolha, então, quatro dos temas propostos pelas alunas e alunos. Elabore uma cartolina ou cartaz para cada tema, com espaço para anotações, e coloque-os em estações, cada uma instalada em um lugar diferente da sala. Veja o modelo:

O voto deve ser facultativo no Brasil?	
SIM	NÃO

- Divida a classe em quatro grupos e solicite que cada grupo comece em um dos cartazes. Cronometre de cinco a dez minutos para que o grupo discuta argumentos para defender um ou outro posicionamento e sintetize as ideias no cartaz em tópicos. Depois do tempo transcorrido, faça com que os grupos troquem de estação, leiam os argumentos apresentados pela equipe anterior. Prossiga com a dinâmica até que todos os grupos tenham passado pelas quatro estações.

O voto deve ser facultativo no Brasil?	
SIM	NÃO
<ul style="list-style-type: none"> - Impediria a compra de votos. - Só iria votar quem realmente se interessa pelas eleições e está informado. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentaria o número de abstenções, que já é grande. - Ampliaria o desinteresse dos jovens pela política.

- Reserve tempo para que a turma circule pelos cartazes elaborados colaborativamente e veja o resultado do trabalho.
- Depois da observação, provoque-os a refletir sobre a atividade:

 - *Qual foi o tema mais fácil de pensar em argumentos? E o mais desafiador?*
 - *A leitura dos demais cartazes, durante o giro entre as estações, influenciou na construção dos argumentos?*
 - *Como cartazes feitos colaborativamente se diferenciam de cartazes feitos individualmente?*
 - *Se pudéssemos comparar a dinâmica de construção colaborativa dos cartazes com a dinâmica dos debates sobre questões polêmicas na sociedade, o que diríamos?*
- Enfatize a experiência que tiveram na dinâmica, ou seja, pensar sobre polêmicas exige que se contemple pontos de vista distintos, de pessoas com experiências diferentes das nossas, e que se dialogue com eles. No mesmo sentido, saber mais sobre o tema, bem como ter proximidade com ele – às vezes, até em razão de um acontecimento pessoal – faz com que seja mais fácil mobilizar ideias em defesa de uma perspectiva.

- Retome os cartazes e verifique com a turma quais ideias representam a defesa de uma opinião de forma válida, respeitosa e, portanto, democrática. Para isso, use as reflexões acerca de liberdade de expressão e discurso de ódio propostas na Oficina 2.
- Explique que, agora que esclarecemos o que são as questões polêmicas por meio de uma espécie de debate por escrito, faremos um debate oral regrado, a fim de que a troca de ideias fique mais veloz e para podermos aprimorar habilidades ligadas à argumentação, à construção de repertório, à oralidade e à expressão corporal.

SAIBA MAIS

Artigo de opinião: Ideias em debate

O vídeo do programa Escrevendo o Futuro (9min49s) discute a importância do debate para a construção da argumentação e dá sugestões para a organização da atividade.

Assista: <https://youtu.be/9qMrHoOgtPs>

Debate regrado

(180 minutos)

- Conte ao grupo que o debate será sobre uma questão bastante sensível e na atualidade: atos violentos cometidos em escolas brasileiras. Discutiremos o seguinte aspecto:

A presença de policiamento nas escolas inibe a violência?

O tema do debate e os contextos escolares

Professora, professor, o tema do debate deste caderno é uma sugestão. Trata-se de uma questão polêmica – como é pertinente ao artigo de opinião. Entretanto, caso este seja um assunto sensível em sua comunidade, é possível mudar a pergunta provocadora, bem como adaptar ou suprimir indicações da oficina de alimentação temática que você considere como “gatilhos” para estudantes.

Uma possibilidade de pergunta é “Como construir a cultura de paz na escola?”. Outras propostas são igualmente pertinentes à faixa etária, como o uso excessivo das redes sociais por adolescentes ou os limites do humor. Você tem experiência profissional e conhece os grupos com que trabalha. Por isso, é a pessoa indicada tanto para definir a temática quanto para mediar uma discussão de forma imparcial, objetiva, ética e respeitosa.

- Para iniciar a conversa, vamos fazer a alimentação temática do debate, com a ajuda da análise de algumas referências sobre o tema. Apresentamos algumas possibilidades, mas fique à vontade para fazer acréscimos à coletânea, priorizando a leitura de diferentes gêneros textuais.

JANELA TEÓRICA

[...] a alimentação temática refere-se à proposição de diferentes atividades em sala de aula, com o objetivo de favorecer a ampla reflexão sobre um determinado assunto, de modo a potencializar a condição de os estudantes “terem o que dizer”.

É importante compreender que o trabalho envolvido na alimentação temática não deve se limitar ao gênero foco de uma SD, ou seja, ainda que o objetivo seja favorecer o aprendizado de um gênero discursivo como o artigo de opinião, o planejamento docente deve contemplar a seleção criteriosa de exemplares de textos deste e de outros gêneros discursivos, tomando como referência a questão a ser tratada. Assim, a variedade de gêneros na escolha das atividades de alimentação temática torna-se elemento-chave para a mais completa e consistente apreensão de sentidos sobre determinado assunto em estudo.

Trecho do artigo O lugar da alimentação temática no ensino de gêneros discursivos, de Patrícia Calheta, publicado no portal Escrevendo o Futuro.

Disponível em: <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/so-bre-o-programa/301/7-razoes-para-navegar-pelos-percursos-formativos>

Acesso em: 9/7/2023.

RESOLUÇÃO DA ONU

A cultura de paz consiste em valores, atitudes e comportamentos que refletem e inspiram a interação social e a partilha com base nos princípios de liberdade, justiça e democracia, todos os direitos humanos, tolerância e solidariedade, que rejeitam a violência e se esforçam para prevenir conflitos, enfrentando suas causas profundas para resolver problemas através do diálogo e da negociação e que garantem o pleno exercício de todos os direitos e os meios para participar plenamente no processo de desenvolvimento de sua sociedade”.

Trecho da Assembleia Geral das Nações Unidas (Resolução A/53/25) 1998

Disponível em: <https://www.unesco.org/biennaleluanda/2021/pt/recursos-sobre-cultura-da-paz> Acesso em: 10/9/2023

ENTREVISTA COM ESPECIALISTA

Telma Vinha, professora e pesquisadora da Universidade Estadual de Campinas, em São Paulo, explica porque o policiamento não é a única solução para a violência nas escolas.

<https://www.unicamp.br/unicamp/tv/direto-na-fonte/2023/03/30/-violencia-premeditada-e-gestada-na-convivencia-toxica>

Entrevista com Telma Vinha (Brasil, 2023, 9min17s)

ARTIGO ACADÊMICO

“A escola é a principal responsável por políticas escolares transformadoras da cultura da paz, porém ações fora do perímetro escolar e de remediação imediata necessitam de apoio do poder público na figura do policial ostensivo especializado naquele ambiente. Por isso, a necessidade de um policiamento escolar que atenda os princípios dos Direitos Humanos, e colabore com o planejamento pedagógico de forma construtiva”.

Trecho de artigo de Renata Braz das Neves Cardoso (Doutoranda e Mestre em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional pela Universidade de Brasília) e Fagner de Oliveira Dias (Doutorando e Mestre em Administração pela Universidade de Brasília).

Disponível em: <https://fontesegura.forumseguranca.org.br/a-violencia-escolar-e-a-funcao-do-batalhao-de-policiamento-escolar/> Acesso em: 10/10/2023

PROJETO DE LEI

O presente projeto de lei tem por objetivo garantir a segurança das escolas públicas estaduais, oferecendo uma opção de segurança armada aos alunos, professores e demais funcionários. A presença de policiais militares de folga pode ajudar a prevenir e inibir a ocorrência de crimes e violências nas escolas, aumentando a sensação de segurança dos envolvidos.

A presença do tráfico de drogas próximo às escolas públicas vem aumentando, representando boa parte do lucro dos traficantes. Diariamente, criminosos se aproveitam da inocência de crianças e adolescentes para vender narcóticos ou atrair esses jovens para a vida do tráfico. É fundamental dar fim a essa realidade.

Além disso, alunos e professores passam constantemente por situações de risco no ambiente escolar. Um levantamento recente feito pelo Instituto Locomotiva junto ao Sindicato dos Professores do Estado de São Paulo (Apeoesp) revelou que 48% dos estudantes e 19% dos professores da rede pública paulista sofreram algum tipo de violência nas dependências das escolas que frequentam [...].”

Projeto de lei nº 447/2023, apresentado pelo deputado estadual Guto Zacarias à Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, em abril de 2023

Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/spl/2023/04/Propositura/1000486028_1000623295_Propositura.pdf Acesso em: 10/10/2023

REPORTAGEM

“[...] Aumentar a presença do policiamento nas escolas e nos arredores, criar aplicativos ou botões que podem ser acionados em casos de emergência para alertar órgão da polícia ou dos bombeiros são algumas das ações discutidas atualmente pelos governos do Rio de Janeiro e de São Paulo, por exemplo, [para aumentar a segurança nas escolas].

‘As experiências que vimos nos Estados Unidos, como o que aconteceu em Uvalde, no Texas, nos indicam que colocar detector de metais ou ronda policial dentro da escola não aumenta a segurança de fato. Essas medidas acabam por piorar a situação porque deixam todos os adolescentes e a comunidade escolar em estado de alerta, principalmente estudantes negras(os) e de outras minorias que são vítimas da violência policial diariamente fora da escola’, ressalta Letícia Oliveira, editora do site do coletivo de informação El Coyote”.

Trecho de reportagem de Stephanie Kim Abe sobre ataques às escolas para o Cenpec.

Disponível em: <https://www.cenpec.org.br/noticias/violencia-escola> Acesso em: 10/10/2023

- Discuta as referências em conjunto com a turma, abordando as possíveis interpretações de cada texto, as vozes mobilizadas e os posicionamentos explícitos e implícitos.
- Após a leitura das referências, divida a turma em sete grupos para o debate. Explique que, nesta oficina, não haverá a oposição direta entre dois lados, mas que cada grupo representará diferentes atores da sociedade com interesse sobre o assunto. Trata-se de uma simulação de audiência pública, que o poder público pode organizar antes de tomar decisões sobre temas relevantes para a sociedade.

SAIBA MAIS

O que é uma audiência pública?

O site Politize! explica como as audiências funcionam e conta como participar desse tipo de atividade, que faz parte do exercício da democracia.

Acesse: <https://www.politize.com.br/audiencias-publicas-como-participar/>

- A seguir, há uma ficha para organizar e determinar o papel de cada grupo no debate. Você pode usá-las ou fazer as adequações que julgar necessárias.

Ator social	Posicionamento	Aluna(o) ou Grupo
Mediador do debate	Neutro	<i>Função pode ser assumida pela equipe docente</i>
Secretárias/os de segurança pública	A favor do policiamento dentro das escolas	
Sindicato das professoras/es	Contra o policiamento dentro das escolas	
Representantes de alunos/as de escolas públicas e privadas - Grupo 1	Contra o policiamento	
Representantes de alunos/as de escolas públicas e privadas - Grupo 2	A favor do policiamento	
Especialistas e pesquisadores de universidades	Contra o policiamento	
Associações de bairro	A favor do policiamento dentro das escolas	
Avaliadores do debate	Neutros	

- Distribua os papéis a cada grupo e reserve tempo para fazerem uma pesquisa que fundamente o posicionamento. Instrua sobre as fontes legítimas (conforme discutido na oficina deste caderno que trata de liberdade de expressão e desinformação) e sobre informações que devem ser selecionadas e contextualizadas. Ainda, estimule as equipes a pensar que um debate segue a lógica de um jogo de xadrez: é necessário considerar todos os elementos (atores sociais) do tabuleiro, antecipar movimentos de oponentes e explorar deslizes.

Como se preparar para um debate regado

Investigação é a base: Pesquise informações em fontes de confiança sobre o tema e sobre todos os atores sociais envolvidos na discussão. Valem sites de notícias confiáveis, artigos acadêmicos, entrevistas de especialistas, leis e vídeos de divulgação científica, por exemplo.

Poucas e boas: Em vez de recorrer a muitas fontes, escolha algumas e aprofunde-se nas informações. Leia os implícitos e os explícitos para estruturar a argumentação.

Cartas na manga: Faça sínteses, por escrito, de argumentos e de estratégias.

Treino é treino, jogo é jogo: Antecipe potenciais argumentos dos outros participantes e organize respostas em tópico, por escrito. Membros do grupo podem também assumir diferentes papéis como forma de praticar o improviso diante de um dado ou argumento surpresa lançado por oponentes.

Contadores de história: Use casos reais, atrelados a histórias de pessoas, para ganhar a atenção – e a emoção – de quem assiste ao debate.

Em voz alta: Treine a apresentação dos argumentos (com o espelho do banheiro, com os colegas, com professores) para praticar a oralidade e combater a ansiedade de falar em público.

- Ainda durante a preparação para a audiência pública, apresente a dinâmica do debate.

Dinâmica do debate

Discursos iniciais: Até 1 minuto para cada grupo (cerca de 6 minutos no total)

Cada grupo que representa os atores sociais será chamado pelo mediador para fazer um discurso inicial, de até um minuto, em que apresente seu posicionamento e as principais razões que conduziram a tais ideias.

Debate mediado: Até 1min30s para cada grupo (cerca de 30 minutos no total)

O mediador organizará uma lista de inscrição para o debate e cada grupo poderá falar até três vezes (1min30s de duração cada). A cada fala, é possível

apresentar novos argumentos, fazer perguntas ou rebater ideias apresentadas por outros grupos. É possível também combinar estratégias coletivas de argumentação com aliados. Entre um turno de fala e outro, as/os estudantes podem se reunir para rever a estratégia, desde que não atrapalhem a dinâmica.

Debate sem mediação: De 5 a 10 minutos

O mediador determina um tempo para esta oficina do debate, os grupos se levantam de suas posições e organizam com autonomia os turnos de fala.

Discursos finais: Até um minuto (cerca de 6 minutos no total)

Os grupos retomam momentos-chave do debate para reforçar a defesa de sua perspectiva sobre o tema para os avaliadores.

- Ressalte que os avaliadores não participarão do debate, apenas farão observação e anotações, com base em critérios, para deliberar sobre o posicionamento mais adequado, com base no desempenho dos grupos.

Sugestão de critérios de observação

1. Pesquisa sobre o tema
2. Mobilização de fontes confiáveis
3. Coerência com o papel social e o posicionamento designados
4. Entrosamento do grupo
5. Oralidade
6. Respeito aos outros grupos

- Combine uma data para as atividades e, se houver possibilidade, peça que os grupos se vistam a caráter, com roupas que marquem a posição social de cada grupo (estudantes podem usar uniforme; secretárias/os podem vestir trajes mais formais, por exemplo).
- Na data combinada, retome as instruções do debate e organize a sala em círculo ou semicírculo, de modo que os avaliadores tenham visão privilegiada de todos os grupos.
- Assuma o papel de mediação ou conte com o apoio de um/a colega, ou estudante para exercer a função. Use cronômetro e instrumento que sinalize o fim do tempo de fala de cada grupo (apito, buzina, campainha, etc.).

- Antes de iniciar o debate, lembre-se de que os participantes devem exercitar o respeito por todos os participantes e pelos casos de ataques às escolas. Trata-se de atividade que aborda tema sensível.
- Conduza o debate e, se necessário, faça intervenções entre uma fala e outra, para manter o decoro ou para lembrar a turma dos recursos que constroem um bom debate.
- Quando o turno de falas finais for encerrado, convide os debatedores a sair da sala para beber água e ir ao banheiro, enquanto a equipe de avaliadores discute o desempenho de cada grupo. Apoie os avaliadores nesta tarefa por meio da reflexão sobre os critérios de observação. Oriente-os a escolher dois grupos que tiveram melhor desempenho no debate e a justificar suas escolhas com base nos exemplos vistos em classe.
- Chame os debatedores para a sala e peça que os avaliadores compartilhem, em voz alta, suas percepções e os grupos selecionados como “vencedores” do debate, mesmo que tenham posicionamentos diferentes. O importante é reconhecer o exercício do uso pacífico e democrático da palavra e do diálogo.
- Pergunte à turma como se sentiram durante a atividade, elenque dificuldades e facilidades durante o processo e de que maneira poderiam ter desempenho melhor em outras edições do debate. Use os critérios de avaliação para dar devolutiva oral à classe e pergunte se gostariam de debater outros temas e o que gostariam de debater.
- Retome as motivações desta sequência de atividades: conflitos podem ser resolvidos de muitas maneiras. Entretanto, não encontramos, enquanto sociedade, nenhuma estratégia mais efetiva e democrática do que o debate transparente e embasado por informações consistentes.
- Por fim, distribua folhas de papel, solicite que façam uma breve autoavaliação sobre a experiência, recolha, analise e registre as respostas para atividades posteriores.

EM SÍNTESE

Professora/or,

em uma época de polarização política e de criação de bolhas sociais como a que vivemos, o papel – atribuído também à escola – de formação democrática e cidadã se amplia. Aqui, propusemos uma simulação de debate, que preza pelo exercício do diálogo e remete a situações da vida na esfera pública. É evidente que a atividade, além de contribuir para a escrita dos artigos de opinião, pode extrapolar o papel didático e embasar assembleias com temáticas relativas ao universo da escola em que você atua, para que as/os estudantes tenham experiências efetivamente partícipes dos processos decisórios de uma instituição que frequentam quase diariamente.

VEM AÍ!

Na Oficina 5, discutiremos a função social e a estrutura composicional do artigo de opinião. A análise desses textos demonstrará como argumentos construídos no debate público se transformam em escritos – e como a escrita de artigos de opinião fomenta o debate público, alimentando, portanto, um ciclo de reflexões por meio da linguagem em suas diferentes formas.




Oficina 5

O gênero: Artigo de Opinião

Nesta oficina, você é convidada(o) a refletir com sua turma sobre as características do gênero textual: artigo de opinião. Percorreremos como este gênero se organiza, qual a sua função social e qual sua estrutura composicional. Para isso, a turma será convidada a ler diferentes artigos e identificar e reconhecer os elementos descritos acima.



Objetivos

-  Aprofundar a compreensão do conceito de gênero textual.
-  Discutir as situações de produção e a função social do gênero Artigo de Opinião.
-  Reconhecer a estrutura ou forma composicional predominante dos artigos de opinião.

Prepare-se:

Professora(or), em parte desta oficina, retomaremos algumas ideias previamente exploradas nas atividades deste caderno, como a relação do artigo de opinião com outros gêneros jornalísticos, mas aprofundaremos o conceito de gênero com a reflexão sobre função social e estrutura composicional.

Número de aulas: 5

Percurso desta oficina:

1. O que é um gênero textual?
2. O poder de opinar: Artigo e função social
3. Como é que é? – A estrutura composicional

Na BNCC

(EF69LP11) Identificar e analisar posicionamentos defendidos e refutados na escuta de interações polêmicas em entrevistas, discussões e debates (televisivo, em sala de aula, em redes sociais etc.), entre outros, e se posicionar frente a eles.

(EF69LP16) Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.

O que é um gênero textual?

(90 minutos)

- Organize a sala em círculo e, no centro da roda, sobre uma mesa ou tecido, distribua materiais como histórias em quadrinhos, poemas, bulas de remédio, receitas, horóscopo, romances, contos, notícias, artigos de opinião, anúncios, charges, tirinhas, piadas, memes, prints de conversas por aplicativos de mensagens como WhatsApp, redação do Exame Nacional do Ensino Médio, resenhas críticas, crônicas, páginas de diário, cordéis, placas, cartazes, bilhetes, contos de fadas e outros exemplos de gêneros textuais que você julgar pertinentes. É importante que haja diversidade e quantidade de exemplos para serem manuseados.
- Reserve tempo para que a turma explore os materiais livremente, em uma espécie de seção de leitura de apreciação sem objetivo didático claramente definido no início.

JANELA TEÓRICA

Gênero e tipo textual

Para uma maior compreensão do problema da distinção entre gêneros e tipos textuais sem grande complicação técnica, trazemos a seguir uma definição que permite entender as diferenças com certa facilidade. Essa distinção é fundamental em todo o trabalho com a produção e a compreensão textual. (...)

Vejamos aqui uma breve definição das duas noções:

(a) Usamos a expressão tipo textual para designar uma espécie de construção teórica definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas}. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção.

(b) Usamos a expressão gênero textual como uma noção propositalmente vaga para referir os textos materializados que encontramos em nossa vida diária e que apresentam características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Trecho do artigo **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**, de Luiz Antônio Marcuschi, disponível no livro **Gêneros textuais & ensino**, organizado por Angela Paiva Dionísio, Ana Rachel Machado, e Maria Auxiliadora Bezerra (Editora Parábola, 2010).

- Depois da oficina de apreciação, peça que algumas/ns estudantes escolham um exemplar do material para apresentar às/aos colegas.
- Oriente-as/os a fazer a apresentação contando qual é o tema do material, qual é o gênero (um poema, uma história em quadrinhos e assim por diante), como identificam que se trata de um exemplar daquele gênero. Por fim, solicite que tracem hipóteses para justificar a necessidade daquele gênero, ou seja, que necessidade humana e social tal gênero contribui para suprir.
- Após a apresentação dos voluntários, use exemplos para explicar ou retomar o conceito de gênero textual. Trata-se, como afirma Marcuschi, de um conceito propositalmente vago para identificar fenômenos da comunicação humana que atendem a demandas dos falantes – objetivas ou subjetivas. Dessa forma, as bulas de remédio surgem como consequência da demanda de instruir e alertar a respeito do consumo de medicamentos; as receitas registram o conhecimento sobre formas de preparar alimentos e, ao mesmo tempo, em que oferecem uma espécie de tutorial para as/os cozinheiras; notícias, como vimos anteriormente, informam sobre acontecimentos com base em critérios de noticiabilidade; cartas de amor representam a urgência de manifestar e registrar sentimentos.
- Lembre também que há gêneros que aprendemos no cotidiano, ao longo da vida – como contar piadas. Mas há aqueles que, para serem produzidos, demandam mais reflexão e aprendizado formal. É o caso da escrita de textos dissertativo-argumentativos, que aprendemos na escola; das petições dos advogados ou os laudos dos médicos, abordados na educação superior; da elaboração de relatórios técnicos, fruto de práticas de trabalho.
- Questione, ainda, de que maneira as/os jovens foram capazes de identificar os gêneros, mesmo que no início não tenham recebido muitas informações de contexto. O grupo pode elencar fatores como a presença de ilustrações associadas a textos em balões nas histórias em quadrinhos ou a tipografia, a linguagem técnica e objetiva, além do modo como está dobrado o papel das bulas de remédio. Explique, então, que os gêneros têm formas mais ou menos estáveis, que serão estudadas nas próximas aulas. Por isso, em alguns casos, o reconhecimento, devido ao contato cotidiano e interacional com a língua, é imediato.
- Ressalte que os gêneros estão em diálogo com diferentes interlocutores, o que pode interferir na temática, na estrutura e na linguagem. Basta comparar uma história infantil com um romance clássico ou um verbete de enciclopédia para que isso fique evidente. Mais ainda, em um cenário de divergência de opiniões, um artigo – ainda que preserve a estrutura e a temática – pode claramente se dirigir a diferentes interlocutores.
- Por fim, lembre que não há um conjunto pré-determinado de gêneros textuais no mundo, uma vez que eles atendem as necessidades da comunicação humana e estão em constante transformação.

O poder de opinar: Artigo e função social

(45 minutos)

- Retome o conceito de gênero do discurso, bem como as atividades sobre esfera jornalística, presente na Oficina 3 deste caderno. Explique que discutiremos com mais aprofundamento a função social artigo de opinião, ou seja, a que demandas da comunicação humana o gênero atende.
- Solicite apoio da turma para ler o texto **As cotas raciais devem ser vistas como um caminho sem volta**, de Jeferson Tenório, escritor, professor e pesquisador brasileiro. O artigo foi publicado no UOL e reproduzido pelo portal Geledés.

As cotas raciais devem ser vistas como um caminho sem volta

Jeferson Tenório

Em 2008, fiz o vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entrei pelo sistema de cotas raciais e posso dizer que a minha vida mudou a partir daquele momento. Antes disso, em 2007, participei de movimentos para pressionar a Reitoria da universidade a implantar o sistema de cotas. Lembro, na época, das coisas que se ouvia dentro e fora do ambiente acadêmico: que as cotas colocariam pessoas despreparadas na universidade, que os cotistas iriam baixar o nível do desempenho acadêmico ou que profissionais cotistas não seriam contratados pelo mercado de trabalho, pois seriam profissionais inferiores.

Nenhum desses discursos se efetivou. Sou resultado dessas políticas públicas. Tornei-me professor, escritor e acadêmico. Hoje, olhando para atrás, não tenho dúvidas que sem as cotas eu não estaria aqui como colunista deste veículo, por exemplo. Não teria escrito e publicado meus livros. É preciso pensar que uma prova de vestibular, do modo como ela é constituída, privilegia uma determinada classe e raça. Uma prova objetiva não mede a qualidade nem a inteligência de um estudante. O que mede a sua qualidade e inteligência é a jornada dele durante a graduação. Porque não há provas diferenciadas para cotistas, não há trabalhos acadêmicos diferenciados para cotistas.

Pesquisas mostram que o nível dos cursos não caiu, e que os cotistas tiveram um desempenho igual ou maior aos de não-cotistas. Além disso, a entrada de negros e negras não mudou apenas a cara da universidade em termos de representatividade, mas também acarretou numa mudança de saberes epistemológicos nos cursos. Discussões como decolonialidade, feminismo negro e outras pautas identitárias passaram a fazer parte dos currículos de forma orgânica e concreta. Assim, no contexto em que chegamos, é impensável, hoje, passar por algum curso acadêmico, seja ele qual for, sem discutir as pautas identitárias na teoria e na prática.

Nos últimos anos, observei no curso de letras, por exemplo, mudanças significativas tanto no campo da pesquisa quanto na formação de profissionais.

Autores e autoras negras passaram a ser estudados, pesquisados e referenciados. O cânone branco, hétero e eurocêntrico passou a ser questionado como única forma de ver o mundo. A pluralidade passou ser realidade. No entanto, ainda há problemas a serem resolvidos: como o abandono de cotistas que não conseguem seguir no curso por questões econômicas e familiares ou ainda as dificuldades de se adequarem ao ambiente hostil academia devido aos embates de experiências e saberes.

A lei de cotas foi sancionada em agosto de 2012, nas instituições federais. O sistema reserva 50% das vagas para negros, pardos, indígenas e pessoas de baixa renda. O programa que completa 10 anos trouxe cara nova para universidade, tornando-a mais diversa e inclusiva. O sistema de cotas é, inegavelmente, uma das grandes conquistas em busca de uma igualdade racial e social.

Por isso, acredito que a discussão não deveria mais ser em torno da continuação ou não do programa, mas sim de sua ampliação. As cotas devem ser vistas como um movimento sem volta. Porque não se faz reparação histórica com poucos anos de implantação de políticas públicas. Estamos longe de chegar a uma equidade racial no Brasil. Certamente houve avanços nesse sentido, mas ainda precisamos de mais tempo. Quase quatro séculos de escravidão deixaram marcas para outros tantos séculos. Precisamos de dezenas de anos para chegarmos a uma reparação efetiva.

É importante lembrar que o 7º artigo da lei recomenda que o programa passe por uma revisão após 10 anos, mas a revisão das cotas não é obrigatória. Além disso, o período de revisão também é flexível. Não há uma data específica para o debate. No entanto, sabemos que há setores da sociedade contrários às cotas justamente porque veem o programa de forma distorcida. Neste sentido, a lei proíbe a extinção do sistema de cotas. Pois por mais que haja pressão para que se perca mais direitos, essa conquista não será retirada.

A questão, portanto, como disse anteriormente, não é mais se devemos ou não ter cotas raciais, a questão agora é ampliar as vagas e criar políticas para manter esses estudantes até o final do curso. Porque é na diversidade que aprendemos a conviver de modo mais ético com o outro. Gosto muito da seguinte metáfora: os dedos das mãos são diferentes uns dos outros, e por serem diferentes é que juntos se tornam fortes. Talvez cheguemos num tempo em que será possível entendermos que é no diverso que nos tornamos melhores.

Disponível em: <https://www.geledes.org.br/as-cotas-raciais-devem-ser-vistas-como-um-caminho-sem-volta/> Acesso em: 3/10/2023

- Primeiro, compartilhe com a turma o contexto de produção do artigo, que foi publicado em 2022. Explique que, naquele ano, a Lei de Cotas (que estabeleceu, em todo o país, reserva de vagas nas universidades públicas para estudantes pretos, pardos, indígenas, com deficiência, de baixa renda, egressos de escolas públicas) completava 10 anos. Em 2023, a lei foi atualizada para incluir quilombolas.
- Em seguida, peça que, com base no texto, o grupo discuta a função social do artigo veiculado em um dos maiores portais de informação do Brasil, o UOL, e em um site especializado e reconhecido pelas pautas ligadas à temática racial e dos direitos humanos. Qual é o papel do texto de Tenório no contexto brasileiro contemporâneo? A que necessidade humana de comunicação textos como este atendem?
- Retome as atividades sobre esfera jornalística e questão polêmica para pontuar que os artigos de opinião, como o próprio nome afere, são textos que expressam a perspectiva de suas/eus autoras/es sobre temas atuais e controversos.
- Assim, os artigos atendem à necessidade humana – e social – de participação no debate público (já que são publicados na mídia jornalística), dão voz a diferentes setores sociais e buscam tanto apresentar diferentes perspectivas sobre um tema quanto persuadir o público a aderir a uma tese, ou seja, ao ponto de vista de quem os escreveu.
- Identifique, em diálogo com a turma, de que questão polêmica trata o artigo lido, qual é o posicionamento do autor e por qual razão é importante que um homem preto, que ingressou na universidade pública por meio de um sistema de cotas, posicione-se frente ao tema. Questione também que outros grupos sociais poderiam ter a necessidade de se posicionar sobre um tema como as cotas nas universidades públicas e a quais desses grupos o autor parece se dirigir no texto.
- Enfatize, então, a noção de igualdade e de participação presente nos valores das sociedades democráticas. O exercício da liberdade de expressão, por meio da escrita, é parte desse jogo, da conquista e da manutenção de direitos.

Como é que é? A estrutura composicional

(90 minutos)

- Faça cópias do artigo de opinião **Retrocesso cultural: Tudo começa com “um passinho”?**, de Rayana do Nascimento Cruz, que era estudante do Ensino Médio na Ilha de Itamaracá, Pernambuco, quando escreveu o texto. Escreva o título do artigo e o nome da autora na lousa.
- Entregue a cada estudante apenas um parágrafo do texto, mas garanta que o mesmo número de cópias de cada parágrafo foi distribuído pela sala.
- Apresente ao grupo a estrutura mais comum dos textos argumentativos, o que inclui os artigos de opinião. Em geral, há introdução, desenvolvimento e conclusão. Se necessário, use o material a seguir como apoio.

Estrutura dos textos dissertativos

O texto dissertativo tende a se organizar em três grandes partes (introdução, desenvolvimento e conclusão), que, grosso modo, correspondem, respectivamente, às decisões tomadas pelo articulista a respeito de como começar o seu texto, dar a ele a melhor sequência e, por fim, “passar a palavra”, com a convicção de “ter dado o recado”.

Introdução: Cumpre várias funções, pois apresenta o assunto; aponta, direta ou indiretamente, a questão polêmica; situa essa questão no tempo e no espaço (contextualização); especifica o âmbito do debate; indica, direta ou indiretamente, quem são seus interlocutores (apoiadoras/es, adversárias/os, as/os próprias/os leitores); esclarece as motivações da/do articulista (“Escrevo esse artigo porque...” etc. Pode, ainda que não obrigatoriamente, apresentar a tese – ou o ponto de vista – da/o autora/or. Normalmente, ocupa um parágrafo, logo no início do texto.

Desenvolvimento: Parte do artigo em que o articulista explica e justifica as posições e a opinião dele sobre o assunto – apresentando argumentos, indicando as condições em que devem ser recebidos (“é certo”; “é provável”; “é possível”; “em tais ou quais situações” etc.), expressando convicções, esclarecendo o sentido de algum vocábulo importante, analisando e avaliando fatos, examinando dados de pesquisas, resumindo e contestando posições contrárias defendidas por adversários etc. Assim, a principal função do desenvolvimento é reunir e examinar informações que sirvam de argumentos adequados para a sustentação da tese.

Conclusão: Como o próprio nome indica, a conclusão não é apenas o fechamento do texto, mas, principalmente, o ponto de chegada de todo o raciocínio desenvolvido. A principal função da conclusão é (re)apresentar explicitamente a opinião da/o articulista. Mesmo que ela já tenha aparecido na introdução – ou, menos provavelmente, no desenvolvimento –, é na conclusão, ou seja, depois de todo um adequado trajeto argumentativo, que ela aparece como opinião fundamentada e, portanto, como tese.

- Dê ao grupo a missão de montar o quebra-cabeça textual. Primeiro, eles precisam reunir os parágrafos que estão separados. Depois, precisam colocar esses parágrafos em uma ordem que pareça fazer sentido e corresponder à estrutura teórica apresentada.
- Projete a versão original e completa do artigo e verifique quais grupos conseguiram montar o “quebra-cabeça”. Questione se, conforme as definições apresentadas de introdução, desenvolvimento e conclusão, haveria outras possibilidades de arranjo para o texto de Rayana.

Retrocesso cultural: Tudo começa com “um passinho”?

Rayana do Nascimento Cruz

[INTRODUÇÃO]

1. Um estado que se orgulha por de suas veias correr um sangue cultural extremamente rico que eclode na voz da preta cirandeira Lia de Itamaracá, nas rodas do coco, na xilogravura de J. Borges, na arte armorial do mestre Suassuna, no fervor do frevo e na apoteose do maracatu, atualmente tem sido invadido por uma nova febre popular – o passinho – que tomou conta do cenário artístico pernambucano, nos fazendo refletir: – É um retrocesso cultural?

[DESENVOLVIMENTO]

2. Na ilha de Itamaracá há as “batalhas do passinho” que reúnem grupos para as disputas de coreografias. Esse movimento virou um símbolo de resistência da periferia e um grito de identidade na vida dos jovens que fazem parte dessa cultura de massa, pois para muitos torna-se um muro de contenção para a violência e as drogas, já que muitas vezes os integrantes dos grupos ficam horas ensaiando, criando coreografias e assim ficam longe do contato com a hostilidade e a perversidade que existem, infelizmente, nas comunidades da Ilha.

3. Para Ricardo Silva, integrante de um dos grupos de passinho da Ilha, o importante mesmo é ser reconhecido, pois junto com o brega funk, esse novo ritmo tem tirado muita gente do tráfico. O jovem ainda acrescenta que poderia ser mais um na Penitenciária Barreto Campelo, mas preferiu o lado da arte e se deu uma nova chance. Sem dúvida, um movimento artístico como esse muda a vida de um ser humano, pois independente de gênero, classe social, etnia ou orientação sexual, a arte sempre transforma. Assim, como arte vinda dos menos favorecidos, o passinho também é uma mobilização social. É preciso que seja reconhecido, pois veio despir o preconceito da cultura periférica que desde sempre é excluída da sociedade, como o rap, o grafite e outras culturas que fazem parte das comunidades.

4. Por outro lado, muitas letras de música não são nenhuma composição da Bia Ferreira ou do Caetano Veloso e contribuem com a cultura do machismo que está enraizada na sociedade. E, é claro que são sexistas, pois abordam os interesses masculinos com base nos seus desejos carnavais, tratando a mulher como objeto, como no trecho: “Arrastei ela pro meu carro, dei um trato e um amasso”, dos cantores Shevchenko e Elloco. Essa cultura de tratar a mulher como propriedade masculina enfraquece o movimento feminista que em Itamaracá ainda é muito pequeno devido a pensamentos patriarcais e machistas. Felizmente já há grupos que relutam para que suas músicas fujam das características negativas, mas continuam sendo vítimas de críticas, talvez por pertencerem a um movimento de periferia ou pela frequente presença de crianças nas disputas que, para muitos ilhéus, demonstra a substituição da antiga dana das cadeiras infantil pela “novidade” do brega funk e a igualdade da ciranda pela rivalidade das batalhas. É mesmo um retrocesso?

5. A Ilha de Itamaracá é a terra da ciranda e durante anos vem sofrendo uma desvalorização cultural e o passinho, de certo modo, chega a ameaçar a cultura itamaracaense, pois grande parte da população jovem não dá mais voz e espaço às belas tradições da ilha que estão a cada dia sendo esquecidas. Como exemplo temos a “sambada de coco” que ocorria na praia da colônia de pescadores e acabou sendo interrompida por falta de verba. Como símbolo de resistência, o grupo Nossa Cultura Tem Som foi criado para homenagear as mestras Lia da Ciranda, Anjinha e Totinha do Coco e também resgatar esse valor cultural que ao longo dos anos vem perdendo espaço para os produtos da globalização.

[CONCLUSÃO]

6. É perceptível que as ideias fixas só crescem quando se fala em ruptura de tradição, mas quando são cheias de histórias, é difícil ficar ao lado de uma cultura que tem pontos negativos, ofensivos para quem está fora do movimento e muitas vezes age por discriminação. Acredito que o passinho não seja um retrocesso propriamente dito, pois é fato que está ajudando a vida dos jovens nas comunidades de Itamaracá. Mas para ser reconhecido como mobilização, precisa de uma “reforma” sem deixar vestígios de preconceito, machismo e conteúdos eróticos que infelizmente são fortemente consumidos pela indústria.

- Faça a leitura em voz alta do texto e promova a análise da estrutura em parceria com as/os alunas/os.

Roteiro de análise

Que informações a autora usa para contextualizar o tema?

Note-se que o grande tema do artigo de Rayana é a cultura no estado em que vive, Pernambuco, por isso, ela lança mão da enumeração de fenômenos culturais como as rodas de coco e as xilogravuras de J. Borges.

Qual é o tema central do artigo e a questão polêmica que procura debater?

A resposta está no final da introdução: “atualmente, tem sido invadido por uma nova febre popular – o passinho – que tomou conta do cenário artístico pernambucano, nos fazendo refletir: – É um retrocesso cultural?”. A autora falará sobre uma nova manifestação cultural e discutirá se representa progresso ou retrocesso para a região.

O que a autora defende?

Ao longo do texto, Rayana aprofunda-se na contextualização do tema para explicar às/aos leitoras/es o que é o passinho. Apresenta aspectos positivos da prática, como a inserção social de jovens em situação de vulnerabilidade social, como acontece no segundo e no terceiro parágrafos. Entretanto, também demonstra insatisfação com o conteúdo de algumas letras de música tocadas nas batalhas de passinho.

Em que momento do texto a tese – ou o ponto de vista – da autora fica claro?

Vale chamar atenção para a conclusão, no quinto parágrafo, em que a autora responde à questão proposta na introdução: “Acredito que o passinho não seja um retrocesso propriamente dito, pois é fato que está ajudando a vida dos jovens nas comunidades de Itamaracá. Mas para ser reconhecido como mobilização, precisa de uma “reforma” sem deixar vestígios de preconceito, machismo e conteúdos eróticos que infelizmente são fortemente consumidos pela indústria”. Desse modo, embora a questão polêmica seja identificada na introdução, é apenas na conclusão, como derivação do desenvolvimento argumentativo, que a autora deixa claro seu ponto de vista, “passa o recado” para o público.

- Explique à turma que elas/es fizeram a análise da estrutura composicional de um artigo de opinião, mas que essa estrutura não é uma receita, com passos bem definidos para serem meramente reproduzidos.
- Enfatize que parte do estilo das/os autoras/es advém justamente da maneira como manipulam a estrutura para alcançar seus objetivos. O texto de Rayana Cruz gera expectativa no leitor ao discutir aspectos positivos e negativos da questão e afirmar seu ponto de vista – que, diga-se, não é simples, pois representa uma visão ponderada sobre o assunto – apenas no final.

- Compare os textos de Rayana e Jeferson para mostrar que têm mais ou menos a mesma extensão. No primeiro caso, são cinco parágrafos com tamanho semelhante. No segundo, são oito parágrafos, também com alguma simetria. São textos de origem jornalística, quando os jornais ainda eram impressos e distribuídos, em geral, uma vez ao dia. Lia-se em momentos de pausa e com alguma velocidade. Afinal, o que é polêmica hoje pode deixar de ser amanhã. Daí, a extensão mais breve do que a de um conto ou reportagem, por exemplo.
- Aponte, em ambos, a presença de títulos sintéticos, que cumprem diferentes funções. No texto de Jeferson, o título resume o ponto de vista do autor. No de Rayana, há o convite à reflexão e a multiplicidade de significados dada pelo uso da palavra passinho.
- Caso considere pertinente, faça a análise do artigo de Jeferson Tenório também com o intuito de evidenciar a estrutura composicional mais ou menos flexível dos textos de opinião. As análises feitas com frequência ajudarão o grupo a se familiarizar com a estrutura, reconhecendo-a com mais facilidade tanto nos momentos de leitura quanto de escrita.

JANELA TEÓRICA

A estabilidade nos gêneros do discurso

*Falamos apenas através de certos gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados têm **formas** relativamente estáveis e típicas de **construção do conjunto**. Dispomos de um rico repertório de gêneros de discursos orais (e escritos). **Em termos práticos**, nós o empregamos de forma segura e habilidosa, mas **em termos teóricos** podemos desconhecer inteiramente a sua existência. [...] Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em forma de gênero e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras, adivinhamos certo volume (isto é, uma extensão aproximada do conjunto do discurso), uma determinada construção composicional, prevemos o fim, isto é, desde o início temos a sensação do conjunto do discurso que, em seguida, apenas se diferencia no processo de fala. Se os gêneros do discurso não existissem e nós não o dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, de construir livremente cada enunciado e pela primeira vez, a comunicação discursiva seria quase impossível (p. 38 e 39).*

Trecho do texto **Os gêneros do discurso**, de Mikhail Bakhtin, disponível no livro de mesmo nome, com tradução de Paulo Bezerra (Editora 34, 2016). Grifos do autor.

EM SÍNTESE

Professora/or,

tendo como ponto de partida a realidade das/os estudantes, procuramos consolidar o conceito de gênero textual associado às práticas reais de uso da linguagem. Valorizamos também os olhares sobre o território para problematizar questões sociais e, mais uma vez, relacionar o estudo do artigo de opinião ao impacto sobre a vida cotidiana e à vivência crítica e democrática.

VEM AÍ!

Na Oficina 6, nossa pauta será o planejamento dos artigos de opinião. Após a reflexão sobre função social e estrutura composicional, faremos uma prática de cartografia para investigar o território. Também discutiremos estratégias para construir o ponto de vista sobre um tema e maneiras de organizar as ideias que as/os estudantes desejam defender.





Oficina 6

A palavra no papel

Este é um convite à investigação do território em que a escola se insere a partir de novas lentes. A cartografia, nas atividades seguintes, é compreendida de forma ampliada, como instrumento produtor e difusor de conhecimentos das/os estudantes e da comunidade. Os resultados desse exercício de observação levarão à escolha de temas para a escrita de um artigo de opinião de autoria das/os alunas/os.



Objetivos

-  Investigar, por meio de estratégias de cartografia, temáticas para a produção de artigos de opinião conectadas ao território em que as/os estudantes vivem.
-  Compreender, em reunião de pauta acerca das temáticas dos artigos, diferentes perspectivas sobre o território.
-  Refletir sobre papel da tese no planejamento do artigo de opinião.
-  Elaborar planejamento para a escrita de artigo de opinião sobre tema autoral.

Prepare-se:

Professora(or), Esta oficina prevê uma caminhada pela região da escola, por isso, planeje a atividade com antecedência. Vale também tentar parcerias com docentes de Geografia para discutir o conceito de cartografia e realizar uma atividade de construção de mapas.

Número de aulas: 8

Percurso desta oficina:

1. Cartografia: mapas críticos
2. Reunião de pauta
3. Definição da tese
4. Planejamento do artigo

Na BNCC

(EF69LP13) Engajar-se e contribuir com a busca de conclusões comuns relativas a problemas, temas ou questões polêmicas de interesse da turma e/ou de relevância social.

(EF69LP14) Formular perguntas e decompor, com a ajuda dos colegas e dos professores, tema/questão polêmica, explicações e/ou argumentos relativos ao objeto de discussão para análise mais minuciosa e buscar em fontes diversas informações ou dados que permitam analisar partes da questão e compartilhá-los com a turma.

(EF69LP15) Apresentar argumentos e contra-argumentos coerentes, respeitando os turnos de fala, na participação em discussões sobre temas controversos e/ou polêmicos.

(EF89LP10) Planejar artigos de opinião, tendo em vista as condições de produção do texto – objetivo, leitores/espectadores, veículos e mídia de circulação etc. –, a partir da escolha do tema ou questão a ser discutido(a), da relevância para a turma, escola ou comunidade, do levantamento de dados e informações sobre a questão, de argumentos relacionados a diferentes posicionamentos em jogo, da definição – o que pode envolver consultas a fontes diversas, entrevistas com especialistas, análise de textos, organização esquemática das informações e argumentos – dos (tipos de) argumentos e estratégias que pretende utilizar para convencer os leitores.

Cartografia: mapas críticos

(180 minutos)

- Agora que a turma já se aprofundou na função social do artigo de opinião e na forma composicional do gênero, explique que escolherão um tema para elaborar a primeira escrita de um artigo autoral.
- Para isso, instigue a turma a fazer uma cartografia crítica do território. Organize com antecedência uma saída a pé pelos arredores da escola. Com a participação das/os alunas/os, determine um tempo e um roteiro para a caminhada. Antes de sair, oriente-as/os a treinar o olhar para enxergar aquela paisagem conhecida com novos óculos: Que relações e sentimentos têm em relação ao território? Quais experiências vivenciaram ali? Onde se escondem temas que podem pautar artigos de opinião? Que questões polêmicas estão presentes na comunidade? Quais são mais visíveis e quais, apesar de importantes, parecem não receber tanta atenção?
- Durante a caminhada, oriente-os a levar material para anotações, pois devem registrar as pautas que identificaram, conversas que tiveram na comunidade, frases ou reclamações que ouviram, novidades na paisagem que não tinham percebido e assim por diante (inspire-os com imagens de jornalistas com um bloquinho ou Guimarães Rosa e suas cadernetas de viagem pelo sertão). Se possível (em razão de condições socioeconômicas e de segurança), elas/es devem fazer registros fotográficos da caminhada.
- No encontro posterior à caminhada e com o apoio de docentes de Geografia, conceitue brevemente o que é cartografia e explique que farão um mapeamento crítico e afetivo do território em que vivem.

PALAVRA-CHAVE

Cartografia

A busca nos dicionários mostra que a cartografia é uma área científica que consiste em estudar e desenvolver técnicas para a representação de objetos, ambientes, fenômenos e dados. De modo geral, pode-se dizer que o produto desse trabalho são os mapas, em suas mais variadas formas. Entretanto, esse conceito vem se ampliando para contemplar a cartografia e os mapas não apenas como meio de disseminação do conhecimento, mas também de sua produção pelos diversos atores sociais.

- Projete o mapa dos arredores da escola, identifique o trajeto percorrido na aula anterior e distribua folhas sem pauta em tamanho A3 ou A4.

- Instrua-os a desenhar um mapa do caminho percorrido, que não tem a obrigação de ser fiel à projeção. Há lugar para representações subjetivas. A atividade pode ser feita em grupos de até quatro estudantes que tenham vivências diferentes no território.

SAIBA MAIS

Milton Santos é um dos personagens da série “Cientistas do Brasil que você precisa conhecer”, do Nexo Jornal. A animação conta a trajetória do geógrafo e suas principais contribuições aos estudos sobre território.

Assista: <https://www.youtube.com/watch?v=TRfYvlors78>

- Em seguida, peça que preencham o mapa com informações objetivas e subjetivas (veja o roteiro com orientações). Incentive a liberdade no registro: os/as estudantes podem fazer desenhos, colocar letras de música, palavras-chave, manchetes de jornal, bem como usar canetas coloridas, fotografias e recortes de revista para expressar as observações e ideias que surgiram na caminhada.

Ingredientes para um mapa crítico-afetivo do território

- Marcos geográficos da paisagem (o curso de um rio, praias, morros, floresta).
- Marcos da presença humana na paisagem (templos religiosos, casas, comunidades, condomínios, prédios comerciais, barragens, viadutos).
- Prédios públicos (Prefeitura, Câmara dos Vereadores, Unidade Básica de Saúde, Centro de Apoio Psicossocial, Fórum).
- Pessoas de referência no território (mãe de santo, presidente da associação de moradores, professora, diretora de escola).
- Equipamentos culturais públicos ou não (quadra de esportes, biblioteca, piscina pública, espaços de bailes e festas, associação que oferece cursos pagos ou gratuitos).
- Pontos de engajamento social (sede de sindicato, associação de trabalhadores, associação de bairro).
- Centros de educação (escolas, universidades, unidades profissionalizantes).
- Lugares mais frequentados pelas/os autores do mapa e sentimentos ou sensações associados a eles.
- Lugares que eram pouco notados, mas foram observados com mais atenção durante a caminhada investigativa.
- Polêmicas e questões associadas ao território.

- Quando os grupos finalizarem a confecção dos mapas, organize a sala em círculo. Peça que cada grupo se apresente e que cada estudante conte brevemente sobre sua relação com o território. Vivem na região? Se sim, há quanto tempo? Se não, onde vivem? Como chegam à escola? O que chama mais atenção no território? O que notaram na caminhada e gostariam de compartilhar com os demais.
- Depois que todos os grupos se apresentarem, reflita sobre como a definição de território pode ir muito além da ideia de uma área delimitada. Para o geógrafo brasileiro Milton Santos, território é o que nos pertence, é o que foi transformado pela história e pela ação humana, é constituído pelas relações que tecemos ali e pelas experiências que vivemos. Assim, é um conceito complexo, permeado pelos nossos afetos, aqui compreendidos em sentido amplo, como os próprios mapas confeccionados durante a aula provavelmente manifestam.
- Durante a aula ou como tarefa, solicite às/aos alunas/os que pensem em dois ou três temas, ligados ao território que observaram, sobre os quais gostariam de escrever artigos de opinião. Na próxima aula, haverá uma reunião de pauta, tal qual acontece nas redações jornalísticas.

SAIBA MAIS

Investigação cartográfica na educação integral

O especial do Cenpec discute a atualização do conceito de cartografia e, ainda, mostra como a educação pode se apropriar dela para ampliar as perspectivas sobre o território, promover pesquisas e contemplar a formação das/os estudantes de maneira holística.

Acesse:

<https://www.cenpec.org.br/acervo/investigacao-cartografica-na-educacao-integral-2>

Observatório de Territórios Saudáveis e Sustentáveis da Bocaina

Confira uma experiência prática de uso da cartografia social para fortalecer uma área de preservação ambiental com respeito aos saberes e fazeres das populações locais.

Acesse: <https://www.otss.org.br/cartografia-social>

Reunião de pauta

(45 minutos)

- Retome a atividade de cartografia da aula anterior, organize a classe em círculo e peça que cada aluna/o compartilhe as propostas em que pensou.
- Com a ajuda da classe, discuta qual dos temas apresentados é mais pertinente e atende melhor às demandas de um artigo de opinião: Trata-se de questão atual? É polêmica? É um debate que contribuiria para o exercício de valores democráticos e para gerar impacto positivo sobre o território?
- Deixe que os colegas façam sugestões e registre as pautas na lousa. Relembre dados e críticas que haviam aparecido durante a atividade de cartografia, negocie eventuais repetições de tema. Se houver dificuldade, estimule-as/os a pensar em perguntas sem resposta ou em problemas que, se resolvidos, melhorariam a vida das pessoas que vivem aquele território.
- Feche a pauta, anote as/os responsáveis por cada uma e combine que, em casa, devem fazer breve pesquisa sobre o tema.

A definição da tese

(90 minutos)

- Recupere o conceito de tese. Use a seção Palavra-chave como apoio.

PALAVRA-CHAVE

Tese

É o posicionamento da/o autor/a em relação à questão ou ao problema apresentado. Se mencionada no começo do artigo, também tem a função de anunciar ou antecipar os argumentos que serão discutidos, como uma espécie de guia ou fio-condutor para o texto. Já se mencionada no final do artigo, revela o raciocínio lógico do texto que levou à resposta para a questão ou problema discutido.

- Mencione as teses de Rayana Cruz e Jeferson Tenório, cujos artigos foram analisados em aulas anteriores. Ambas aparecem explicitamente na conclusão:

Questão: Passinho – Retrocesso cultural?

Tese explicitada: “Acredito que o passinho não seja um retrocesso propriamente dito, pois é fato que está ajudando a vida dos jovens nas comunidades de Itamaracá. Mas para ser reconhecido como mobilização, precisa de uma “reforma” sem deixar vestígios de preconceito, machismo e conteúdos eróticos que infelizmente são fortemente consumidos pela indústria”.

Questão: A lei de cotas raciais para ingresso nas universidades brasileiras deve ser revista?

Tese explicitada: “A questão, portanto, como disse anteriormente, não é mais se devemos ou não ter cotas raciais, a questão agora é ampliar as vagas e criar políticas para manter esses estudantes até o final do curso”.

- Reforce que a tese será sempre desenvolvida com detalhes, por meio de estratégias argumentativas, ao longo do desenvolvimento do texto, por isso, deve ser breve, apenas uma síntese do posicionamento.
- Ilustre a aula com outros exemplos de tese que possam contribuir para que as/os estudantes formulem seus próprios posicionamentos.
- Entregue tarjetas de papel ou post-its a cada estudante. Peça que registrem nele o tema escolhido e a tese que pretendem desenvolver. É possível organizar o raciocínio em três perguntas:
 - Qual é o tema do artigo?
 - Qual é o posicionamento que será defendido?

3. O que justifica a defesa desse posicionamento?

Exemplo:

A merenda escolar deve servir alimentos ultraprocessados?

Não deve servir alimentos ultraprocessados.

O consumo desse tipo de alimentos é baixo em nutrientes e muitas/os estudantes fazem quase todas as refeições na escola. Além disso, tais alimentos geram prejuízos à saúde.

- Organize um mural com as tarjetas ou *post-its* e oriente as/os alunas/os a ler e a comentar a produção dos/as demais: há tese? O posicionamento e as ideias que serão defendidas ficaram compreensíveis? É possível imaginar ou antecipar como a tese será defendida? Comente você também o mural e faça intervenções para melhorar as teses mais frágeis ou para retomar conceitos que não foram bem apreendidos.

Planejamento do artigo de opinião

(45 minutos)

- Depois da dinâmica, solicite às/aos estudantes que elaborem, em tópicos ou em um mapa mental, o planejamento do artigo de opinião, conforme os itens a seguir, e o tragam na próxima aula. No exemplo, escolhemos o tema sobre Policiais armados nas escolas, que orientou o debate regrado, para fazer o planejamento. Trata-se de um exemplo muito elaborado, que você pode ter como referência para conduzir a conversa e construir um planejamento coletivo com os/as estudantes antes que elas/es trabalhem individualmente.

Planejamento do artigo de opinião

Apresentação do tema

O que aconteceu que levou à discussão do tema?

Exemplo: A presença de policiais armados cotidianamente na instituição.

Qual é a polêmica?

Exemplo: A presença de policiais armados ajudará a coibir a violência?

Quais são os pontos de vista sobre a questão?

Exemplo: “Sim, pois vão prevenir a ocorrência de atos violentos”, ou “Não, pois a origem da violência nas escolas é complexa e tem vários fatores”.

Tese

Qual é o posicionamento?

Exemplo: Policiais ajudam a coibir a presença de alguns atos (como roubos e brigas no entorno da escola), mas não necessariamente todos.

Argumentação

O que justifica o posicionamento?

Exemplo: Ataques a escolas tem origem em vários fatores, como o crescimento da polarização da sociedade, o aumento da circulação de armas, a falta de monitoramento por parte do Estado de grupos organizados, a não-coibição ao bullying e a falta de apoio psicológico adequado. Só o policiamento, portanto, não resolve.

O que sustenta o posicionamento?

Exemplo: Falas de especialistas, casos de escolas norte-americanas em que ocorreram violência mesmo com policiamento armado, análise das motivações que levaram a atos de violência em escolas no Brasil.

Conclusão

O que a/o leitora/or deve concluir após a leitura do artigo?

Exemplo: Colocar policiais armados na escola não é a única estratégia para combater os ataques violentos a essas instituições. Há outras possibilidades, como uso da inteligência da polícia para monitorar ataques organizados pela internet e a criação de um programa de combate ao bullying e apoio psicológico eficiente nas escolas.

- Solicite que tragam o planejamento completo na próxima aula para que o documento as/os oriente na escrita da primeira versão do artigo de opinião sobre tema autoral.

EM SÍNTESE

Professora/or,

O território representa um horizonte promissor para a escrita do artigo de opinião pelas/os alunas/os dos Anos Finais. Trata-se do mundo próximo, cotidiano, mas que permite a extrapolação para problemas que são também universais, como a desvalorização de culturas, o racismo e o racismo ambiental, a violência contra a mulher, a perda de direitos ou as mudanças climáticas, por exemplo. Ademais, escrever sobre o que se vive posiciona os/as estudantes em seu lugar de fala e coloca certezas em perspectiva. Eis um caminho possível para a formação de autoras/es e não apenas reprodutores de fórmulas textuais.

DEM AÍ!

Na próxima Oficina, vamos estudar as possibilidades de sustentação da tese por meio de estratégias argumentativas.

Oficina 7

A sustentação da tese

Chegamos à oficina mais densa deste caderno docente. Trataremos da argumentação com detalhes. Embora nosso foco seja o gênero artigo de opinião, vale mencionar que as discussões das quatro primeiras atividades contemplam uma visão ampliada das competências e habilidades envolvidas no argumentar, de modo que podem ser úteis ao trabalho com outros gêneros textuais. Adiantamos também que se trata de uma Oficina extensa, mas cabe a você selecionar os momentos do percurso que atendem melhor às necessidades dos grupos para os quais você leciona. Bom trabalho!



Objetivos

- ✈ Conceituar estratégia argumentativa, lógica argumentativa e contra-argumentação.
- ✈ Compreender como os conceitos relativos à argumentação se aplicam ao artigo de opinião.
- ✈ Identificar e mobilizar tipos de argumentos.
- ✈ Rever e ajustar, à luz da teoria da argumentação, os planejamentos de texto elaborados na última aula.
- ✈ Acompanhar a escrita das/os alunas/os e identificar dificuldades no processo de produção textual.

Prepare-se:

A construção da argumentação é o tema desta oficina. Há uma dinâmica sobre estratégias argumentativas que precisará de instruções impressas. Também será necessário fazer cópias ou projetar artigos para a análise textual coletiva. Bom trabalho!

Número de aulas: 9

Percurso desta oficina:

1. Estratégia argumentativa e auditório
2. A lógica argumentativa
3. Tipos de argumento
4. Contra-argumentação
5. Revisão do planejamento
6. Escrita do artigo

Na BNCC

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, podcasts noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como vlogs e podcasts culturais, gameplay, detonado etc. – e cartazes, anúncios, propagandas, spots, jingles de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de booktuber, de vlogger (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP16) Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermidiáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.

(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

(EF09LP03) Produzir artigos de opinião, tendo em vista o contexto de produção dado, assumindo posição diante de tema polêmico, argumentando de acordo com a estrutura própria desse tipo de texto e utilizando diferentes tipos de argumentos – de autoridade, comprovação, exemplificação, princípio etc.

(EF89LP14) Analisar, em textos argumentativos e propositivos, os movimentos argumentativos de sustentação, refutação e negociação e os tipos de argumentos, avaliando a força/tipo dos argumentos utilizados.

Estratégia argumentativa e auditório

(90 minutos)

- Organize a sala em grupos e conte que farão uma atividade para aprofundar conceitos relativos à argumentação.
- Distribua entre os grupos as seguintes missões (os exemplos são apenas sugestões. Adapte-os à realidade de seu grupo e escola):

Situação A

Público: Direção da escola

Missão: Convencer a escola a realizar um torneio de futebol interclasses no horário de intervalo entre as aulas. O último campeonato foi cancelado em razão de um episódio de violência entre os times.

Meio: Encenação de reunião entre direção e alunas/os.

Situação B

Público: Responsáveis pelas/os estudantes

Missão: Convencer as/os responsáveis de uma/um aluna/o a participar de uma festa na casa de uma/um colega de classe. A festa ocorrerá na véspera de uma prova importante.

Meio: Encenação de jantar na casa da/o aluna/o que quer participar da festa.

Situação C

Público: Adolescentes no 9º ano do Ensino Fundamental

Missão: Convencer o público sobre os riscos do consumo de cigarros eletrônicos, de álcool ou de drogas ilícitas.

Meio: Vídeo de até um minuto que será divulgado em redes sociais.

Situação D

Público: Secretaria de Transportes do município

Missão: Convencer o poder público a melhorar o transporte escolar do município, pois há falta de ônibus e as condições de manutenção são péssimas.

Meio: Apresentação de depoimentos das/os estudantes prejudicados pela qualidade do transporte.

Situação E

Público: Empresa que contrata jovens aprendizes

Missão: Convencer as empresas locais a valorizar o trabalho dos jovens aprendizes e a dar tarefas mais desafiadoras para esses jovens durante o expediente.

Meio: Encenação de escrita de carta ou e-mail direcionada aos chefes da empresa.

Situação F

Público: Organização não-governamental que distribui bolsas de estudo de inglês para jovens de baixa renda.

Missão: Convencer a organização de que uma/m das/dos participantes do grupo é a pessoa mais indicada para receber a bolsa de estudos.

Meio: Simulação de entrevista entre representante da organização e a/o aluna/o.

- Explique que se trata de uma competição e cada grupo terá de cumprir, da melhor maneira possível, as missões designadas. Esclareça eventuais dúvidas para a realização da tarefa, distribua o material necessário e reserve entre 20 e 30 minutos para que as equipes planejem, testem e ensaiem ou executem as tarefas.
- Chame funcionárias/os da escola ou estudantes de outras classes para assistir e avaliar as apresentações. Elas/es farão parte do auditório, conceito que discutiremos em breve.
- Prepare os materiais necessários, como projetor e som para o vídeo, e estabeleça uma ordem para as apresentações.
- Ao final, peça que os convidados façam comentários e escolham a apresentação mais convincente, que provavelmente teria mais chance de conquistar o público e garantir adesão à tese.
- Explique à turma que as missões desta atividade são teses e cada grupo exercitou o planejamento de uma estratégia argumentativa (como convencer o público para quem falamos sobre nosso posicionamento?). Para isso, as/os alunas/os devem ter pensando em argumentos, na sequência em que esses argumentos seriam apresentados, nas potenciais reações e respostas dos interlocutores e na linguagem. A conversa com o chefe da empresa pede extrema formalidade. Já o convencimento das/os responsáveis exige algum grau de apelo emocional, pois há um vínculo doméstico e de intimidade entre os envolvidos. Note-se que, durante o debate regrado, elas/es também praticaram o desenvolvimento de estratégias argumentativas.

PALAVRA-CHAVE

Estratégia argumentativa

Podemos definir estratégia argumentativa como o conjunto de procedimentos e recursos verbais utilizados pelo(a) argumentador(a) para convencer tanto seus adversários quanto o auditório envolvido. Como em qualquer outra área de atividade humana, uma boa estratégia é fundamental para garantir resultado favorável. No caso da argumentação, isso envolve desde a escolha das palavras mais apropriadas à linguagem e ao “tom certo” até os tipos de argumento construídos e a organização geral da argumentação.

- Mostre que um fator preponderante para a definição da estratégia argumentativa durante a dinâmica foi o público, que, na teoria da argumentação, é chamado de auditório. O auditório representa quem buscamos convencer e, quanto mais o

conhecemos, melhor será a estratégia argumentativa.

- Faça o paralelo entre a dinâmica e o artigo de opinião para mostrar que o auditório pode ser amplo (caso de articulistas que escrevem em grandes veículos de comunicação com muitos acessos diários na internet ou mesmo do influencer que escreve “textões” e tem milhões de seguidores de diferentes gêneros, etnias, regiões e classes sociais). Ao contrário, pode ser que se trate de um público mais restrito e especializado (caso de quem dá opiniões, por exemplo, sobre economia), então, para opinar é necessário saber muito sobre o assunto e sobre o público, que é capaz de identificar com habilidade falhas na argumentação.
- Convide a turma a revisitar os planejamentos do artigo de opinião. As/os estudantes são capazes de reconhecer qual é o auditório do texto que escreverão? No caso do debate regrado, era fácil: o auditório foi constituído pelas/os próprias/os colegas e por você, professora/or.
- Enfatize que, na escola, o interlocutor mais direto é o professor (porque está consolidada a prática de escrita, correção e devolução, sem que esses textos circulem para além da sala de aula), mas pode ser também que as/os alunas/os estejam escrevendo para um concurso e, adiante, na trajetória escolar, é possível, ainda, que escrevam textos argumentativos para serem lidos por corretoras/es de redação no vestibular.
- No caso da sequência de atividades deste caderno, lembre que os textos devem ser escritos tendo como público a comunidade do território em que vivem, pois haverá uma oficina de socialização das escritas. E, é claro, elas/es podem fazer recortes dentro desse amplo auditório, como as mulheres que sofrem violência doméstica e temem denunciar os agressores ou a população que pena com a má qualidade do transporte, mas não enxerga relevância em se manifestar contra as autoridades.

JANELA TEÓRICA

Auditório

A argumentação efetiva tem de conceber o auditório presumido tão próximo quanto possível da realidade. Uma imagem inadequada do auditório, resultante da ignorância ou de um concurso imprevisto de circunstâncias, pode ter as mais desagradáveis consequências. Uma argumentação considerada persuasiva pode vir a ter um efeito revulsivo sobre um auditório para o qual as razões pró são, de fato, razões contra. O que se disser a favor de uma medida, alegando que ela é capaz de diminuir a tensão social, levantará contra tal medida todos os que desejam que ocorram distúrbios.

O conhecimento daqueles que se pretende conquistar é, pois, uma condição prévia de qualquer argumentação eficaz.

Trecho do livro **Tratado da argumentação – A nova retórica**, de Chaim Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (Martins Fontes, 2005).

A lógica argumentativa

(90 minutos)

- Pergunte à turma se sabem definir o que é lógica e em que situações a aplicam na vida. Questione o que quer dizer uma pessoa que diz coisas “sem noção” ou “sem nexos” e o que quer dizer quando um locutor esportivo, ao anunciar o resultado de um jogo de futebol, arremata: “Deu a lógica!”. É possível que as/os estudantes mencionem entre os exemplos a lógica dos exercícios de Matemática, a lógica dos jogos de tabuleiro e games ou a probabilidade, como no exemplo do locutor.
- Discuta como a ideia de lógica está associada ao exercício do pensamento e à verificação do que é verdadeiro por meio de operações intelectuais. Praticamos análises lógicas o tempo todo: questionamos discursos incoerentes, conferimos o valor da conta em uma lanchonete, premeditamos os acontecimentos de um filme ou série e assim por diante. No texto, não é diferente. Por isso, vamos analisar de que modo a lógica se manifesta em um artigo de opinião.
- Projete ou distribua cópias do texto “Minha identidade não é sua fantasia”, de Samela Sateré Maué. Os parágrafos estão numerados para facilitar a análise posterior.

Minha identidade não é sua fantasia

17 de fevereiro de 2023

1. É carnaval, época em que muitas pessoas saem nas ruas em busca de diversão e entretenimento. Mas sabe o que não é nada divertido, pelo contrário é muito desrespeitoso? É quando nessa época as pessoas se fantasiam de “índio”.
2. Ainda bem que estamos aqui para descomplicar, sendo referências nos assuntos que são nossos, protagonizando as nossas pautas.
3. O primeiro ponto relacionado à fantasia de índio remete logo ao nome. “Índio” é um termo pejorativo e errado – dado pelos colonizadores quando invadiram o Brasil –, que não traduz toda a nossa diversidade. Quando as pessoas usam esse termo, elas remetem a somente um povo, invisibilizando, por ignorância, os mais de 305 povos indígenas que, com sua diversidade, vivem no Brasil.
4. Usar o termo também traz adjetivos e estereótipos construídos pela colonização, e reproduzidos por muito tempo nas escolas e veículos de comunicação como “índio preguiçoso”, “índio sem alma” ou “índio anda nu”.
5. Geralmente, quando as pessoas usam da nossa identidade no carnaval, elas também usam o termo “tribo”, que não condiz com a nossa organização social. Somos Povos, segundo a Constituição, nos artigos 231 e 232, pois cada povo tem língua, cultura, território e identidade diferentes. [...]

6. Agora, vamos às fantasias. [...] quando as pessoas usam “fantasia de índio” para brincar o Carnaval, elas deturpam nossas imagens e reproduzem estereótipos que nós tentamos desconstruir há séculos (como os termos já citados) [...].

7. Outra situação está relacionada à fetichização dos nossos corpos: a nudez do Carnaval atrelada a nossa identidade objetifica o corpo da mulher indígena e banaliza toda violência sofrida no processo colonizador, caso do estupro das nossas ancestrais.

8. Quando se fantasiam, também descaracterizam as nossas pinturas e adereços que podem ser sagradas; nossas pinturas podem remeter a diferentes situações de nossas vidas – como rituais e casamentos – ou indicar status social na aldeia, como caciques, tuxauas, mulheres casadas, solteiras, homens casados e solteiros. Elas não podem ser reproduzidas sem sentido e/ou propósito. Isso vale para os adereços como colares, brincos e cocares, que remetem a respeito e status social e não devem ser banalizados, mas sim respeitados.

9. “Mas como eu posso homenagear os povos indígenas?” Vale começar nos ajudando a desconstruir estereótipos e lutando conosco pelas nossas lutas e pautas – como a pauta indígena e ambiental em defesa da vida – e nos reconhecendo enquanto povos originários do Brasil.

Disponível em: <https://projetocolabora.com.br/ods10/minha-identidade-nao-e-sua-fantasia/>
Acesso em: 10/10/2023

● Leia o texto em voz alta e, depois, pergunta à turma se conseguem deduzir alguma informação sobre quem é e qual é a atuação da autora do texto. Após ouvir as respostas, conte que Samela nasceu no Amazonas, foi criada pelas mulheres artesãs e ativistas do povo Sateré Maué, formou-se em Biologia, é comunicadora e já participou dos maiores eventos mundiais sobre o clima, como a COP ou Conferência das Partes, promovida pela Organização das Nações Unidas para discutir questões ambientais.

● Em seguida, peça que a turma analise o texto com base nas seguintes perguntas:

Em que contexto, Samela escreveu o texto? Qual foi sua principal motivação para expressar sua opinião por meio de um artigo?

Ressalte que o texto data de fevereiro de 2023, ou seja, foi escrito às vésperas do Carnaval, momento em que fantasias que fazem referência às culturas brasileiras ainda são comuns: há “índios”, “mães de santo” e “muçulmanos”, por exemplo.

Qual é a tese da autora ou a que conclusão Samela quer que as/os leitoras/es cheguem?

Ela problematiza o uso de fantasias de “índio” do Carnaval, ao apontar as origens e as consequências dessa prática, o que se evidencia já no título do artigo de opinião: “Minha identidade não é sua fantasia”.

Como a autora sustenta a tese?

Peça à turma para identificar quais argumentos estão presentes no texto. Samela Sateré Maué recorre à história, quando faz menção a valores da colonização que são propagados sem reflexão até a atualidade. Menciona também a concepção limitada que a população tem dos povos indígenas (ao chamá-los de tribos), o quanto o uso de pinturas e adereços pode ser ofensivo e a associação entre nudez e mulheres indígenas como forma de objetificação.

- Retome a definição de estratégia argumentativa para perguntar à turma se consideram o artigo de opinião convincente e qual é a estratégia adotada pela autora. É possível indicar o lugar de fala que ela ocupa na discussão, já que é uma mulher indígena, que conhece tanto os ritos quanto as vestes e símbolos de seu povo. Além disso, Samela é ativista e pensa tanto nos problemas históricos enfrentados pelas populações indígenas quanto nas reverberações de tais questões no presente. As perguntas retóricas – como a do primeiro parágrafo: “Sabe o que não é nada divertido, pelo contrário é muito desrespeitoso?” – e o título, que já sintetiza o ponto de vista que ela defenderá, compõem também a estratégia.
- Caso queira aprofundar o estudo da lógica argumentativa, apresente ao grupo a argumentação como uma área de pesquisa. Conforme temos estudado e vivenciado nas últimas atividades, argumentar é um exercício intelectual complexo, que demanda uma série de habilidades, as quais podem ser sofisticadas com a prática. Já há séculos essas habilidades vêm sendo estudadas e, no século XX, dois nomes se destacam. O primeiro é Stephen E. Toulmin (1922–2009) e o segundo é o polonês Bélgica Chaïm Perelman (1912–1984), a quem creditamos a noção de auditório adotada neste material. Para apoiar a análise do texto, você pode se basear no esquema proposto por Toulmin, aqui ligeiramente adaptado para fins didáticos.

JANELA TEÓRICA

O esquema de Toulmin

A estrutura do argumento, de acordo com Toulmin



Stephen Toulmin. 1958 (1ª ed.). *Os usos do argumento*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (Ferramentas)

Acompanhe a explicação passo a passo:

D – É o conjunto de Dados, ou seja, de fatos, indícios, informações etc., que o argumentador toma como ponto de partida para o seu raciocínio.

No texto, o dado do qual Samela Sateré Maué parte para desenvolver seu artigo é o fato citado no primeiro parágrafo: o incômodo gerado pelo uso de fantasias de “índio” durante o Carnaval.

C – É a Conclusão a que o argumentador quer chegar, ou seja, a tese que pretende defender, em relação aos argumentos usados como base para o artigo.

Nesse sentido, Samela quer nos levar à conclusão que identificamos na atividade: usar fantasia de “índio” alimenta estereótipos e violências contra as populações indígenas.

J – É o conjunto de Justificativas, ou seja, de argumentos propriamente ditos, que o argumentador reúne e analisa com o objetivo de sustentar a conclusão ou tese.

No artigo aqui analisado, os principais argumentos são aqueles apresentados na seção do texto que denominamos “Desenvolvimento”, ou seja, os parágrafos que vão de 2 a 8.

S – É o Suporte (para os Dados ou para as Justificativas), ou seja, o conjunto de informações ou argumentos complementares que ajudam o argumentador a reforçar ou os Dados e fatos de que parte ou, ainda, as

Justificativas que apresenta. Alguns dos argumentos desenvolvidos ao longo do artigo funcionam como suporte para outros, de forma que a conclusão ou justificativa final vem amparada por todo um esquema argumentativo.

No artigo de Samela Seteré Maué, um bom exemplo de suporte aparece nos parágrafos 3, 4 e 5, que discutem como a linguagem reproduzida no Carnaval serve para disseminar estereótipos, preconceito e informação equivocada: “O primeiro ponto relacionado à fantasia de índio remete logo ao nome. “Índio” é um termo pejorativo e errado – dado pelos colonizadores quando invadiram o Brasil –, que não traduz toda a nossa diversidade. Quando as pessoas usam esse termo, elas remetem a somente um povo, invisibilizando, por ignorância, os mais de 305 povos indígenas que, com sua diversidade, vivem no Brasil”. Na sequência, ela acrescenta: “Usar o termo também traz adjetivos e estereótipos construídos pela colonização, e reproduzidos por muito tempo nas escolas e veículos de comunicação como ‘índio preguiçoso’, ‘índio sem alma’ ou ‘índio anda nu’”. Este argumento complementa o anterior, o qual mobiliza a linguagem, aparentemente inofensiva e dissociada do Carnaval, como fundamental parte de práticas excludentes. Por fim, a autora afirma: “Geralmente, quando as pessoas usam da nossa identidade no carnaval, elas também usam o termo ‘tribo’, que não condiz com a nossa organização social. Somos Povos, segundo a Constituição, nos artigos 231 e 232, pois cada povo tem língua, cultura, território e identidade diferentes”. Com a reflexão sobre o termo “tribo”, a ativista e comunicadora fecha uma sequência de raciocínio. O objetivo da autora é levar o auditório a pensar em questões sobre as quais talvez nunca tenha pensado, porque se trata de um fenômeno naturalizado – pela mídia e pelas escolas, como Samela defende – na sociedade brasileira.

M – É o Modalizador, a palavra ou expressão por meio da qual o argumentador manifesta determinada atitude em relação à conclusão que pretende levar o leitor a aceitar: “é certo que”, “necessariamente”, “talvez”, “é provável/possível que”, “na medida em que” etc.

Alguns exemplos, no artigo de Samela:

“Ainda bem que estamos aqui para descomplicar...” (2º parágrafo)

“Geralmente, quando as pessoas usam da nossa identidade no Carnaval, elas também usam o termo ‘tribo’, que não condiz com a nossa organização social”. (5º parágrafo)

“Elas não podem ser reproduzidas sem sentido e/ou propósito”. (8º parágrafo)

R – É a Refutação, ou seja, a contestação que seria possível fazer ao raciocínio do argumentador, mas ela somente é citada para mostrar como e por que ela não procede. Assim, a Refutação funciona como um recado ao adversário: “Eu sei que você pode dizer que... mas esse contra-argumento não é válido, por tais e tais motivos”.

Em seu raciocínio, Samela antecipa e contesta o contra-argumento possível à sua tese na conclusão, de modo indireto, ao perguntar “Mas como eu posso homenagear os povos indígenas?”. Com a pergunta, ela antecipa o argumento de quem defende que a fantasia é uma homenagem e oferece alternativas para homenagens que ela considera mais pertinentes.

Os DADOS, a CONCLUSÃO e a JUSTIFICATIVA compõem o núcleo de uma argumentação. Em muitos casos, o raciocínio resume-se a eles. Veja, como exemplo, uma argumentação contrária à Reforma do Ensino Médio.

Diante do projeto do governo federal de alterar a dinâmica do Ensino Médio (D), quero dizer que isto seria um retrocesso (C). A diminuição da carga horária dos componentes curriculares que compõem a formação geral básica gerará prejuízos às/aos jovens e aumentará a desigualdade social no país. (J).

Entretanto, o SUPORTE para os Dados ou Justificativas, o MODALIZADOR e a REFUTAÇÃO também podem agregar-se a uma argumentação, com o objetivo de lhe dar mais consistência ou eficácia, do ponto de vista de um auditório específico.

A linha pontilhada do gráfico que liga os Dados à Conclusão indica que existe uma relação lógica indireta desses dois elementos dentro do esquema argumentativo. Ela é indireta justamente porque precisa ser estabelecida ou demonstrada por meio de argumentos coerentes e convincentes. Já as linhas cheias indicam relações lógicas diretas e necessárias entre os Dados e os argumentos que os complementam e reforçam, ou seja, as Justificativas e o Suporte.

É preciso estar atento, portanto, às relações que se estabelecem entre as partes de um texto argumentativo para detectar adequadamente “quem é quem” e também para avaliar se elas efetivamente funcionam, no conjunto, como Dados, Justificativas, Conclusão etc. Vale ressaltar que nenhuma oração, período ou trecho é, independentemente dessas relações, uma Conclusão, um Dado ou uma Justificativa. Os elementos articuladores também desempenham um papel importante nesse processo.

Tipos de argumento

(135 minutos)

- Dando sequência às aulas sobre construção da argumentação, retome a conceituação de questão polêmica e a organização geral textos argumentativos, com introdução, desenvolvimento e conclusão.
- Explique que, como vimos, é necessário sustentar a tese com argumentos que convençam o público. Por isso, não vale justificar o posicionamento com afirmações superficiais ou pouco embasadas, como “porque ninguém que eu conheço discorda”, “porque ouvi dizer”, “porque eu vi na rede social”, “porque todo mundo pensa assim”.
- Para contribuir com o processo de sustentação legítima e consistente da tese, analise tipos de argumentos identificados e classificados pelos estudiosos da argumentação, conforme o quadro a seguir.

Cardápio de argumentos

Argumento de autoridade

Explicação

No argumento de autoridade, o auditório é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão [C] defendida a respeito de certos dados [D], pela credibilidade atribuída à palavra de alguém publicamente considerado como autoridade na área [J].

Exemplo

No livro didático X, as personagens que praticam boas ações são sempre ilustradas como loiras de olhos azuis, enquanto as más são sempre morenas ou negras [D]. Podemos dizer que o livro X é racista [C], pois, segundo o antropólogo Kabengele Munanga, do Museu de Antropologia da USP, ilustrações que associam traços positivos apenas a determinados tipos raciais são racistas [J].

Argumento por evidência

Explicação

No argumento por evidência, pretende-se levar o auditório a admitir a tese ou conclusão [C], justificando-a por meio de evidências [J] de que ela se aplica aos dados [D] considerados.

Exemplo

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) de 2022, 90% dos domicílios no Brasil têm acesso à internet, mas nas zonas rurais a conectividade ainda não chega a 75% [D]. Esses dados mostram que o acesso tem aumentado, mas de forma desigual [C]. A diferença entre as regiões urbanas e rurais é uma evidência dessa desigualdade [J].

Argumento por comparação (analogia)

Explicação

No argumento por comparação, o argumentador pretende levar o auditório a aderir à tese ou conclusão [C] com base em fatores de semelhança ou analogia [J], evidenciados pelos dados [D] apresentados.

Exemplo

O compartilhamento de fotos das questões durante a prova do Enem 2023, denunciada pela imprensa, nos faz indagar quem seriam os responsáveis [D]. O sigilo de uma prova do Enem deve pertencer ao âmbito das autoridades educacionais – e não da imprensa [C]. Assim como a imprensa é responsável por seus próprios sigilos, as autoridades educacionais devem ser responsáveis pelo sigilo do Enem [J].

Argumento por exemplificação

Explicação

No argumento por exemplificação, o argumentador baseia a tese ou conclusão [C] em exemplos representativos [D], os quais, por si sós, já são suficientes para justificá-la [J].

Exemplo

Vejam os exemplos de muitas experiências positivas – Jundiaí (SP), Campinas (SP), São Caetano do Sul (SP), Campina Grande (PB) etc. – sistematicamente ignoradas pela grande imprensa [D]. Tantos exemplos levam a acreditar [J] que existe uma tendência predominante na grande imprensa do Brasil de só noticiar fatos negativos [C].

Argumento de princípio

Explicação

No argumento de princípio, a justificativa [J] é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados [D], por sua vez, dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado ao princípio em que se acredita. Ambos ajudam o leitor a chegar a uma tese, ou conclusão, por meio de dedução.

Exemplo

A derrubada dos índices de mortalidade infantil exige tempo, trabalho coordenado e planejamento [J]. Ora, o índice de mortalidade infantil de São Caetano do Sul, em São Paulo, foi o que mais caiu no país [D]. Portanto, São Caetano do Sul foi o município do Brasil que mais investiu tempo, trabalho coordenado e planejamento na área [C].

Argumento por causa e consequência

Explicação

No argumento por causa e consequência, a tese ou conclusão [C] é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência [J] dos dados [D].

Exemplo

Não existem políticas públicas que garantam a entrada dos jovens no mercado de trabalho [D]. Assim, boa parte dos recém-formados numa universidade está desempregada ou subempregada [C]. O desemprego e o subemprego são uma consequência necessária das dificuldades que os jovens encontram de ingressar no mercado de trabalho [J].

- Divida a classe em seis grupos, solicite que releiam o artigo “Minha identidade não é sua fantasia” e que discutam que posicionamento têm diante da questão: Concordam com a autora integralmente? Concordam parcialmente? Discordam da perspectiva apresentada por ela?
- Use pedaços de papel para escrever um tipo de argumento em cada um deles. Em seguida, sorteie um argumento para cada grupo. Oriente as equipes a escrever um parágrafo de desenvolvimento com o tipo de argumento sorteado e defendendo o ponto de vista discutido pelo grupo.

Alimentação temática: Há certo ou errado nas fantasias de Carnaval?

[Neste Carnaval, seja criativo e não racista: indígena não é fantasia!](#), de Trudruá Dorrico

[#ÍndioNãoÉFantasia: quem é a indígena que iniciou debate sobre uso de fantasias](#), de Thaís Lima

[Fantasias na mira do politicamente correto](#), Chico Alves e Luiz Antonio Simas

[Polêmica do Carnaval: uso de cocar e adereços como fantasia divide indígenas](#), BBC Brasil

[Em Salvador, cacique Raoni comenta polêmicas sobre uso de fantasia de indígena no carnaval](#), G1 Bahia

[“Um celular ou um laptop não te tornam menos indígena”](#), entrevista com o artista visual indígena Denilson Baniwa

- Quando os grupos terminarem de elaborar o parágrafo, peça que leiam o pequeno trecho produzido e, depois, solicite aos demais que identifiquem o posicionamento (se o texto lido concorda ou discorda de “Minha identidade não é sua fantasia”), a tese e o tipo de argumento. Sistematize as principais ideias no quadro e faça eventuais intervenções e sugestões para aprimorar as produções das/os alunas/os.
- Recolha as produções dos grupos, porque elas serão usadas na próxima aula, sobre contra-argumentação.

Contra-argumentação

(45 minutos)

- Explique à classe que nesta aula trabalharão com a construção da contra-argumentação, ainda com foco no tema sobre fantasias de Carnaval, apropriação cultural e preconceito.
- Caso haja exemplos, leia os parágrafos produzidos na aula sobre Tipos de argumento que se contrapunham ao artigo “Minha identidade não é sua fantasia” e liste as ideias principais na lousa.
- Abra espaço para que a turma apresente mais argumentos para refutar o texto. Lembre-os de que a autora fez isso ao propor outras formas de homenagear os indígenas. Há algumas possibilidades para a contra-argumentação: a) Caso a escola de samba ou o bloco de Carnaval esteja fazendo uma crítica ao modo como a história do Brasil marginalizou as populações indígenas, é possível entender as fantasias como mecanismo de protesto e apoio à causa e não de preconceito; b) A cultura não é estática, há trocas, por isso, é esperado que as pessoas se fantasiem de indígenas no Carnaval; c) O Carnaval é uma festa de subversão das regras e determinar o que se pode ou não vestir ou fazer vai contra o espírito dessa manifestação popular.
- Apresente à turma um exemplo de parágrafo que se vale da refutação de uma ideia, para ilustrar de que maneira é possível estruturar essa estratégia:

Há setores da sociedade que condenam o uso de fantasias de indígenas no Carnaval, sob a justificativa de que as vestes ajudam a disseminar e a manter estereótipos, caricaturas e preconceitos. Essa perspectiva parte de uma generalização e, por isso, é equivocada. O Carnaval é uma festa popular e crítica, que se vale da ironia e do humor para revisitar questões críticas e polêmicas da sociedade brasileira. Não à toa, nessa época do ano, se faz piada com políticos corruptos, por exemplo. Assim, se um bloco ou desfile chama atenção para temas como a demarcação de terras indígenas ou a destruição das florestas, com participantes vestindo fantasias que remetem aos trajes dos povos originários, o que há é visibilidade para a causa e não o contrário.
- Ressalte que a contra-argumentação mobiliza ideias contrárias para, em seguida, refutá-las. No caso do exemplo, há comparações (como o uso do Carnaval para fazer a crítica a políticos) e a menção à festa não apenas como um momento de alienação, mas também de reflexão e de pauta de temas importantes para a sociedade brasileira.
- Lembre a turma de que, ao escrever um artigo de opinião, a/o articulista deve conhecer os argumentos dos opositores e dialogar com eles, antecipando possíveis críticas. Dessa forma, pode contestar de modo mais eficaz os pontos de vista contrários aos seus, convencendo a/o leitora/or de sua posição.

Revisão do planejamento

(45 minutos)

- Tendo em vista a investigação sobre a lógica argumentativa, a estratégia argumentativa e os tipos de argumento, peça que as/os estudantes retomem os planejamentos elaborados na última aula.
- Na lousa, liste os tipos de argumentos estudados na atividade anterior:
 - Argumento de autoridade
 - Argumento por evidência
 - Argumento por comparação (analogia)
 - Argumento por exemplificação
 - Argumento de princípio
 - Argumento por causa e consequência
- Garanta tempo para que elas/es revisem o planejamento e o complementem, indicando quais são os tipos de argumentos que usarão e quais lacunas ainda devem ser preenchidas com pesquisas para melhorar as justificativas e chegar a um texto mais persuasivo.
- Circule pela sala para fazer intervenções e escolha alguns planejamentos como referência para mostrar à turma. Pode ser que haja alunas/os discutindo temas semelhantes, mas tenham escolhido caminhos argumentativos diferentes. Por isso, a comparação pode ser interessante. Além disso, o olhar sobre o trabalho das/os demais colegas colabora para melhorar a compreensão daquelas/es que enfrentam dificuldade com a tarefa de planejar o que será escrito no texto.

Escrita da primeira versão

- Tendo em mãos o planejamento do artigo de opinião, oriente a turma a escrever a primeira versão do artigo de opinião sobre tema autoral, definido na atividade de cartografia e na reunião de pauta.
- Se for necessário, providencie cópias dos artigos de opinião analisados durante as aulas anteriores. As referências podem ser úteis às/aos estudantes que tiverem dúvidas tanto sobre a organização geral do texto quanto acerca da construção de sentenças mais complexas.
- Garanta tempo para que a primeira escrita aconteça em aula, de modo que você possa acompanhar o processo de elaboração de cada estudante e identificar como se desenvolvem os processos de cada uma/um. A observação durante a atividade de escrita também garante devolutivas mais assertivas, pois a/o professora/or não enxerga apenas o texto, ou seja, o produto final, mas de que maneira o caminho foi percorrido para que a/o aluna/o chegasse àquela entrega.
- Recolha as primeiras versões, pois algumas delas serão usadas como exemplo nas próximas oficinas para ajustes na coesão e na linguagem dos artigos de opinião.

EM SÍNTESE

Professora/or,

consolidamos aqui conceitos importantes para a compreensão da teoria da argumentação: auditório, estratégia argumentativa, tipos de argumento e contra-argumentação. Tais conceitos são fundamentais para a compreensão da prática argumentativa na totalidade (na escrita e na oralidade), e não apenas nos artigos de opinião. Por isso, além de melhorar os textos que as/os estudantes escrevem, amplia também as possibilidades de leitura e interpretação do mundo, um terreno de disputas e defesa constante de ideias, das mais variadas maneiras.

VEM AÍ!

Na próxima Oficina, discutiremos a importância de mobilizar diferentes pontos de vista e como incluir essas vozes na escrita de artigos de opinião.


Oficina 8

As vozes no artigo de opinião

Em 1973, Chico Buarque e Gilberto Gil compuseram a música Cálice, que anos depois ficou famosa em uma versão cantada por Chico e Milton Nascimento. A canção fazia referência aos anos de censura na ditadura militar, em que vozes – ideias e informações – foram silenciadas. Nesta oficina, ao contrário, buscamos dar espaço às vozes: aquelas que dialogam com as polêmicas, sustentam pontos de vista, respeitam os limites do direito à liberdade de expressão e contribuem para o progresso na escrita de artigos de opinião.



Objetivos

 Identificar as vozes, ou seja, as diferentes informações e/ou posições a respeito de um assunto com as quais o articulista interage.



Prepare-se:

Com antecedência, leia o texto analisado na atividade e reconheça as vozes nele presentes. Além dos comentários indicados no caderno, complemente o material com suas próprias observações. Ainda, faça cópias das primeiras versões dos artigos de opinião (ainda sem suas intervenções), pois a turma revisitará os artigos à luz do tema desta oficina.

Número de aulas: 4

Percurso desta oficina:

1. Análise de texto: De quem é essa voz?
2. Mapa mental: Ecos da sociedade

Na BNCC

(EF89LP03) Analisar textos de opinião (artigos de opinião, editoriais, cartas de leitores, comentários, posts de blog e de redes sociais, charges, memes, gifs etc.) e posicionar-se de forma crítica e fundamentada, ética e respeitosa frente a fatos e opiniões relacionados a esses textos.

(EF89LP04) Identificar e avaliar teses/opiniões/posicionamentos explícitos e implícitos, argumentos e contra-argumentos em textos argumentativos do campo (carta de leitor, comentário, artigo de opinião, resenha crítica etc.), posicionando-se frente à questão controversa de forma sustentada.

(EF89LP05) Analisar o efeito de sentido produzido pelo uso, em textos, de recurso a formas de apropriação textual (paráfrases, citações, discurso direto, indireto ou indireto livre).

Análise textual: De quem é essa voz?

(90 minutos)

- Prepare as/os alunas/os para a leitura do artigo “Tá com dó do refugiado? Leva pra casa...”, de Leonardo Sakamoto. É importante que você lhes ofereça algumas “pistas” do texto que irão ler, para que tenham melhor condição de fazer a análise e que levante os conhecimentos prévios da turma em relação aos refugiados no Brasil: Quais são as nacionalidades que mais chegam ao Brasil hoje? Por que essas pessoas têm vindo ao país? Onde se concentram? Como é a recepção da população brasileira?
- Inicie dizendo que a finalidade dessa leitura é descobrir as diferentes “vozes” presentes no texto. Explique-lhes o que são as “vozes” que deverão identificar.

PALAVRA-CHAVE

Vozes do texto

O termo “voz” não se refere apenas ao discurso, oral ou escrito, de indivíduos e instituições. Números, estatísticas, dados quantitativos ou qualitativos de diferentes ciências também são considerados vozes, na medida em que são assumidos socialmente por especialistas e/ou instituições que funcionam como protagonistas de um discurso. Num texto argumentativo, as vozes assumem funções específicas, e tendem a se organizar como num debate.

- Faça perguntas sobre o título do artigo. Leve os/as alunas/os a perceberem que, por aparecer entre aspas, o título já se reporta a uma voz que não é a do articulista. Pergunte se já ouviram ou leram, em algum lugar, frases semelhantes. Em caso positivo, explore um pouco o contexto em que esse tipo de frase ocorreu, assim como as pessoas envolvidas. Pergunte, também, se, pelo título, dá para se ter uma ideia não só do assunto que será tratado, mas também das posições que o autor defenderá a respeito.
- Chame a atenção para o veículo do artigo: [Blog do Sakamoto](#). Pergunte se eles têm alguma informação a respeito, e estimule-os a pesquisar, argumentando sobre a relevância de conhecermos características de um veículo – como sua história e/ou a imagem pública a que um blog e/ou seus autores estão associados – para aprofundar a leitura dos textos que ele difunde.
- Faça perguntas sobre o gênero. Como vocês já estão trabalhando com artigo de opinião, é provável que os/as alunas/os antecipem que o texto trará uma questão polêmica e argumentos diversos. Com base no que discutiram sobre o título, pergunte qual pode ser a questão polêmica, e se é possível formular boas hipóteses

a respeito da tese do artigo. Essa exploração preliminar poderá ser cotejada, ao final, com os resultados da análise que, com base nas orientações aqui fornecidas, vocês farão coletivamente.

- Chame a atenção das/dos estudantes para os créditos relativos ao autor, ao final do artigo. Discuta com eles se essas informações são ou não relevantes para o leitor. Pergunte quais delas pareceram mais importantes, e por quê.
- Anuncie que o novo artigo é diferente dos demais na forma como conduz sua argumentação. Peça que procurem “descobrir”, durante a leitura, que diferença seria esta.
- Depois dessa preparação para a leitura, divida a classe em grupos e projete o artigo. Se quiser, leia-o em voz alta para o grupo.
- Instigue a turma com perguntas que levem a perceber, no texto, as diferentes vozes. Escreva na lousa ou projete as questões: Qual é o ponto de partida da argumentação? Qual é a posição ou tese do articulista sobre a questão?
- Peça-lhes que, em pequenos grupos, releiam o texto, discutam as questões e localizem as respostas. Identificar os trechos que contenham elementos que ajudem a responder às perguntas é uma boa estratégia de aprendizagem.
- Para construir seus argumentos (J), Sakamoto tanto recorre a vozes que lhe são favoráveis quanto analisa e contesta (R) vozes que lhe são contrárias. Peça às/aos alunas/os que identifiquem os trechos correspondentes.
- Para finalizar, um representante de cada grupo lerá para a classe as respostas elaboradas, cabendo a você promover, como fechamento da atividade, uma discussão coletiva capaz de estabelecer consensos e de chegar a resultados satisfatórios.
- A fim de ajudar no trabalho de sala de aula, a reprodução do artigo a ser analisado vem, aqui, acompanhada de um comentário geral e de observações pontuais, distribuídas ao longo do texto. Clique nas setas para ler esses comentários.

“Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”

Leonardo Sakamoto, 08/09/2015, 12h56

1) “Tá com dó? Leva para casa!” é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue-se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário. É utilizada por pessoas com síndrome de pombo-

enxadrista (faz sujeira no tabuleiro, joga ignorando regras mínimas de sociabilidade e sai voando, cantando vitória), normalmente diante do clamor para políticas voltadas àquela gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades.

Ao citar a frase entre parênteses, Sakamoto dá voz a uma opinião corrente de parte da população brasileira sobre refugiados. E ao manifestar sua crítica a respeito, anuncia uma segunda voz: a posição que pretende defender no artigo.

2) É só falar da necessidade de políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal mas, ao mesmo tempo, respeitem seu direito de ir e vir e ocupar o espaço público que o povo vira bicho. Ou melhor, vira pombo.

As duas posições/vozes são retomadas. A posição defendida pelo articulista se explicita, em favor de políticas específicas para os refugiados. Em contraposição, reaparece a voz dos que “viram bicho” diante dessa opinião.

3) Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa. Gente empregando-a para negar a necessidade de acolher refugiados, não só da Síria, mas da Ásia, África e América Latina. “Querem trazer mais deles para o Brasil? Coloque-os na sua casa!

Novamente citadas, as duas posições/vozes são atualizadas em relação à “última crise de refugiados na Europa” e seu contexto político nacional e internacional.

4) Não viu esse tipo de coisa na sua timeline? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social, que te colocou numa bolha cor de rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts.

O jornalista interpela diretamente o leitor a respeito da situação referida no parágrafo anterior. Ao mesmo tempo, põe em cena duas novas vozes em contraste: a das redes sociais, com seus filtros cor de rosa, e a de Ziraldo, autor de um livro infantil, Flicts, que defende o direito de um lugar ao sol para toda e qualquer diferença. No livro, flicts é uma cor que, por ser diferente e única, não encontra um lugar próprio, seja no arco-íris, seja em uma bandeira qualquer. Mas acaba se reconciliando com sua singularidade; e, assim, conquista o seu posto.

5) Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo. E é ótimo que seja assim. Mas eles devem ser alvo, principalmente, de uma

política pública, com intervenção direta do Estado, única instituição com tamanho e legitimidade para garantir uma ação nacional, transnacional e de escala. Porque isso também inclui a garantia da autonomia econômica e social às famílias. Quem acha que o Estado é um simples entrave e não a forma que construímos para impedir que nos devoremos, tem dificuldade de entender que o acolhimento de refugiados e migrantes não é caridade individual, mas sim a efetivação de compromissos assumidos internacionalmente por um povo.

Dando à questão dos refugiados uma dimensão internacional, o autor menciona as boas iniciativas individuais; mas aponta para a responsabilidade do Estado, na questão. E contrapõe a voz de “quem acha que o Estado é um simples entrave” à daqueles que o concebem como um instrumento “que construímos para impedir que nos devoremos”.

6) Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos. O projeto, já aprovado no Senado e que está em análise na Câmara dos Deputados (PL 2516/15), repudia a xenofobia, tendo um caráter mais humanitário que o Estatuto do Estrangeiro atual, um Walking Dead – morto, mas segue aí, atrapalhando. Não é a panaceia para todos os problemas, mas um passo importante. Migrantes geram riqueza para seus novos países, mas a narrativa é de que são custosos para o poder público. Prova de que uma mentira contada mil vezes vira verdade.

Dois vozes oficiais distintas são confrontadas: a do atual “Estatuto do Estrangeiro” e a “nova lei brasileira de migração”, qualificada no artigo como mais humanitária. Sakamoto conclama o Estado brasileiro a aprovar o mais rápido possível a nova lei, argumentando, em sua defesa, que “migrantes geram riquezas para seus novos países”. Vale uma atualização: a Lei de Migração foi aprovada em 2017 e revogou o Estatuto do Estrangeiro mencionado por Sakamoto como um Walking Dead, em referência à série de televisão sobre zumbis que continuam a caminhar, mesmo depois de mortos.

Ao afirmar que “uma mentira contada mil vezes vira verdade”, o jornalista alude a uma nova voz: a de Joseph Goebbels, célebre ministro da propaganda da Alemanha nazista e autor da frase citada. Assim, o articulista aponta o que há de nazista na posição dos que divulgam mentiras, como a de que imigrantes são um estorvo econômico, com a intenção de fazê-las passar por verdades.

7) Tenho dó é desse povo que tem medo de tudo e acha que a vida é uma selva, do nós contra eles. Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais.

A conclusão aparece em primeira pessoa, na voz do próprio autor, dirigindo-se a seus oponentes. Se formulada em terceira pessoa, como é o usual nos artigos de opinião, a conclusão seria algo como: “Aqueles que têm medo do suposto perigo dos refugiados devem sentir-se numa selva. Devem, portanto, ser dignos de dó”.

Leonardo Sakamoto é jornalista e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Cobriu conflitos armados em diversos países e o desrespeito aos direitos humanos no Brasil. É professor de Jornalismo na PUC-SP, comentarista da TV Cultura, colunista do UOL e diretor da ONG Repórter Brasil.

Fonte: [Blog do Sakamoto](#)

- Para que suas/seus alunas/os compreendam melhor e “curtam” o artigo, certifique-se de que certos termos e expressões, entre eles os destacados no texto, tenham sido bem compreendidos: pautas do Congresso; temperança; passionalidade; clamor público; furor dos acontecimentos; leis casuísticas; panaceia etc. Se quiser, recorra à edição eletrônica do Dicionário Caldas Aulete, gratuitamente disponível na internet.
- Em seguida, discuta com elas/es quais são as informações – ou as orações/períodos – que melhor resumem cada parágrafo (como fizemos aqui, por meio de sublinhados no artigo), de forma a produzir uma síntese coletiva do texto e a permitir uma rápida apreensão dos raciocínios desenvolvidos.
- Finalmente, reconstrua com elas/es a trajetória desenvolvida pelo autor para nos convencer de sua(s) tese(s). Mostre a eles que, graças à estratégia argumentativa de contrastar vozes antagônicas ao longo do artigo, Sakamoto “dramatiza” a questão polêmica de que parte: “os refugiados têm direito a uma política pública específica?”; e, assim, “encena” o próprio debate em seu texto. Isso lhe permite:
 - identificar-se e confundir-se com as vozes que sustentam uma resposta positiva para a questão;
 - conclamar o Estado a fazer a parte que lhe cabe;
 - chamar o leitor às falas;
 - interpelar diretamente seus opositores.
- Em consequência, essa estratégia dá ao artigo o mesmo poder de atingir emocionalmente o público que os espetáculos teatrais têm: o leitor “vê” a realidade diante de si. E então, identificando-se com as situações, personagens e “falas” retratadas, é chamado a tomar o seu próprio lugar na cena. Um efeito que os gregos da Antiguidade reconheciam em suas tragédias, denominando-o como “catarse”.

JANELA TEÓRICA

A “catarse” à luz da estratégia argumentativa

O **Dado (D)** de que o artigo parte é a fala que lhe dá título: “Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”. O ponto de partida de toda a argumentação é, portanto, uma voz que o autor qualifica como “icônica”, representativa, portanto, do senso comum, no que diz respeito aos refugiados. Pelas críticas feitas a essa primeira voz — “é utilizada por pessoas com síndrome de pombo-enxadrista” —, o autor deixa evidente que ele pensa de outra forma. Por outro lado, na forma como descreve os refugiados (“gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as fresas das grandes cidades”), assim como na expressão que utiliza para se referir às vozes que se levantam em favor deles (“clamor por políticas públicas”), Sakamoto faz ouvir uma segunda voz: a sua própria e a de todos os que pensam de forma semelhante.

No parágrafo seguinte, essa segunda voz se explicita: trata-se da fala que defende “políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal”. E o seu antagonismo com aqueles que “não têm dó dos refugiados” fica claro.

Na sequência, o texto alterna essas duas posições. Em alguns momentos, a primeira voz se manifesta, e sua fala é marcada pelas aspas; em outros trechos, os comentários do autor ecoam e desenvolvem o discurso da segunda voz. Favoráveis ou contrárias a esses direitos, as posições se alternam, fazendo com que o texto evolua como um drama.

Nas reflexões que contestam a primeira voz, no quinto e no sexto parágrafos, surgem, então, os argumentos, ou seja, as **Justificativas (J)** que sustentam, no artigo, a defesa de políticas públicas específicas para os direitos dos refugiados: as iniciativas pessoais são “ótimas”, mas insuficientes; o Estado tem, por princípio, responsabilidade na questão; além disso, só o Estado tem os meios indispensáveis a ações da envergadura necessária; o Estado não é um entrave, e sim uma forma de não nos devorarmos; o Estado brasileiro deve agilizar a aprovação da nova lei de migração, um avanço em relação ao atual Estatuto. Todas elas se reportam ao papel que o Estado deve desempenhar na questão; nesse sentido, todos esses argumentos são **Suportes (S)** uns dos outros.

Por conta da estrutura dramática do texto, o articulista, exatamente como fazem os atores, em certas peças, interpela o público em meio ao “espetáculo”: “Não viu esse tipo de coisa na sua timeline? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social que te colocou numa

bolha cor de rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts”. Ao fim do drama/artigo, o jornalista dirige-se a seus opositores, numa fala que, respondendo diretamente à que dá título ao texto, representa a **Conclusão (C)** de todo o seu raciocínio/diálogo: “Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais”.

Apesar da organização original do artigo, os argumentos e contra-argumentos expressos por essas vozes antagônicas garantem a estrutura dissertativa do texto: o primeiro parágrafo, correspondente aos **Dados (D)**, funciona como *Introdução*; os parágrafos de 2 a 6, que alternam e confrontam vozes que portam **Justificativas (J)** para as ideias com que o autor se identifica e, por isso, defende, são o *Desenvolvimento*; finalmente, a tese apresentada no último parágrafo corresponde à *Conclusão*.

SAIBA MAIS

Sujeitos invisíveis

A reportagem da Revista Fapesp compartilha resultados de pesquisas sobre os desafios enfrentados por crianças e adolescentes imigrantes e refugiadas/os no Brasil.

Leia: <https://revistapesquisa.fapesp.br/sujeitos-invisiveis/>

Mapa mental: Ecos da sociedade

(90 minutos)

- Conte à turma que faremos um exercício para identificar que vozes poderiam ser mobilizadas em um artigo de opinião sobre um tema que, embora seja um desafio social há muito tempo, recebeu mais destaque da mídia apenas recentemente: A pobreza menstrual. Para isso, analisaremos um infográfico e, em seguida, faremos um mapa mental colaborativo.
- Projete o infográfico e leia as informações com a turma.
<https://www.nexojournal.com.br/grafico/2022/06/08/A-pobreza-menstrual.-E-seus-impactos-no-Brasil-e-no-mundo>
- Discuta brevemente as características do gênero infográfico. Trata-se de um gênero cujo objetivo a apresentação de informações fragmentadas, combinando textos verbais e não-verbais, como mapas, ícones e gráficos, que, em simbiose, são responsáveis pela produção do sentido. Essa simbiose garante que o público faça uma leitura rápida do conteúdo e apreenda os dados ali disponíveis.
- Certifique-se de que as/os estudantes reconhecem o vocabulário presente no texto e também de que compreenderam o que é pobreza menstrual e quais os fatores que a causam.
- Ressalte, na leitura do infográfico, como a pobreza menstrual manifesta as desigualdades do Brasil. Primeiro, do ponto de vista regional: o Norte, o Nordeste e o Centro Oeste concentram escolas que não têm condições mínimas para que se realize a higiene menstrual. Além disso, as escolas rurais são ainda menos preparadas que as escolas urbanas. Outro recorte a ser analisado é o racial: pessoas negras são as mais afetadas pelo problema em todo o Brasil.
- Pergunte à turma quais se conseguem traçar hipóteses para as consequências da pobreza menstrual. Conte que há estudos que indicam prejuízos para a educação das pessoas que menstruam, pois, face à ausência de condições de higiene adequadas, perdem muitos dias letivos por ano e estão mais sujeitas a se evadir da escola. Outro aspecto são riscos à saúde provocados pelo cenário atual de pobreza menstrual.
- Se houver possibilidade, reserve tempo para que as/os alunas/os pesquisem mais sobre o tema na internet e, depois, organize a construção de um mapa mental colaborativo.
- Solicite que imaginem a seguinte situação de produção: frequentam uma escola que não tem as condições necessárias para a higiene menstrual e, por meio de um artigo de opinião, gostariam de partir desse dado para argumentar em favor da melhora da infraestrutura da instituição. Que vozes deveriam ser mobilizadas para que esse objetivo seja atingido.

- Escreva o tema “Pobreza menstrual e educação no Brasil” no quadro ou disponibilize-o em um documento do Jamboard (jamboard.google.com), que será compartilhado com a turma. Divida a sala em grupos, peça que discutam nas equipes e depois colaborem com a construção do mapa.
- Faça sugestões às equipes ao acompanhar o trabalho das/os estudantes. A Organização das Nações Unidas reúne dados sobre pobreza menstrual; dados do Ministério da Educação podem ajudar a evidenciar os riscos de evasão escolar; depoimentos de pessoas que sofrem com a pobreza menstrual certamente provocariam a empatia da/o leitora/or do artigo; reportagens sobre a situação local contribuiriam para a contextualização regional do tema; entrevistas ou discursos do poder público local poderiam ser mencionados e discutidos na escrita.
- Ao final, garanta o registro do mapa mental. Entregue cópias das primeiras versões dos artigos de opinião sobre temas locais (ainda sem as suas intervenções) e peça que as/os alunas/os façam a análise do próprio texto. Conseguem identificar as vozes que mobilizaram? De que outros recursos podem dispor para estabelecer o diálogo com atores sociais e instituições, de modo que o artigo estabeleça diálogo com diferentes perspectivas que circulam na sociedade?
- Oriente-as/os a grifar o texto e a fazer anotações indicando alterações que poderia m ser feitas para uma produção mais plural e convincente.
- Se achar pertinente, solicite que algumas/uns voluntárias/os leiam trechos de seus textos e contem que vozes estão mobilizando em suas escritas. As/os demais podem fazer sugestões e acréscimos aos trechos lidos.
- Recolha os textos analisados pelas/os próprias/os alunas/os ou peça que se organizem e guardem a produção para outras atividades nas próximas aulas.

EM SÍNTESE

Professora/or,

Há um exercício de alteridade na análise das vozes presentes no artigo de opinião. O debate só é possível se reconhecemos nossa perspectiva como uma entre as muitas possíveis. Ainda que outros setores sociais sejam aderentes à tese que defendemos, as justificativas e as experiências podem ser diferentes. Vale o mesmo para os opositores, por isso, não é possível negligenciá-los, sob o risco de cairmos na armadilha dos discursos autocentrados, ignorantes e autoritários.

VEM AÍ!

Na próxima Oficina, discutiremos como os recursos linguísticos podem trabalhar a favor da persuasão e da organização nos artigos de opinião. Tais recursos contribuem para que as vozes, aqui discutidas, sejam mais, ou menos, explicitadas nos textos.





Oficina 9

A linguagem da persuasão

Nesta etapa, usaremos as palavras para falar sobre a força das palavras. A redundância é para provocar tanto você quanto as/os alunas/os a refletirem sobre qual é o peso de uma escolha lexical ou da inserção de um operador argumentativo na escrita de artigos de opinião. Além disso, será que todas/os as/os articulistas escrevem da mesma maneira ou é possível detectar, em suas produções, um estilo característico? Discutiremos essas questões nas próximas atividades.



Objetivos

-  Reconhecer como os recursos linguísticos operam nos textos escritos argumentativos para conjugar informação e opinião.
-  Compreender de que maneira a seleção lexical, bem como outros recursos linguísticos, contribuem para a construção e a eficiência da argumentação nos artigos.
-  Possibilitar que as/os estudantes se desafiem a desenvolver um estilo próprio e a autoria na escrita.
-  Propiciar processos autônomos de revisão e reescrita do texto.

Prepare-se:

Olá, professora/or!

Precisaremos de cópias dos artigos que serão analisados e de preparação prévia do material que será usado na atividade sobre coesão e operadores argumentativos. Também recomendamos fortemente que você leia com antecedência as seções Janela Teórica e Saiba mais para se aprofundar no tema das propostas.

Número de aulas: 6

Percurso desta oficina:

1. Recursos linguísticos e a construção da argumentação
2. Qual é seu estilo?
3. O que dá liga? Operadores argumentativos
4. Edição e revisão: A busca da autoria

Na BNCC

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em relatos; as formas de presente e futuro em gêneros argumentativos; as formas de imperativo em gêneros publicitários), o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a

ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens).

(EF69LP18) Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos (“primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão” etc.).

(EF89LP06) Analisar o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e seus efeitos de sentido.

Recursos linguísticos e a construção da argumentação

(135 minutos)

- Faça a leitura coletiva e em voz alta do texto a seguir. Ele foi escrito pela estudante Maria Fernanda Carvalho, do Tocantins, em 2020.

Dicionário dos arraianos: Está certo, ou tá errado?

É notório que o Brasil é um país de dimensões continentais, tendo sua história marcada pela pluralidade de culturas. Arraias, uma cidadezinha do interior do Tocantins também carrega em sua história um pluralismo linguístico e cultural que atravessa os seus 281 anos. Por aqui, brancos, índios e negros viveram e ainda vivem o processo de miscigenação, muitas vezes forçado. Tal diversidade inclui, entre as principais características, a variedade linguística.

Somos seres humanos que nos expressamos e nos comunicamos principalmente por meio da linguagem, seja oral, seja escrita. Usamos a fala de acordo com a situação e as necessidades, além de podermos gerar novas palavras diariamente. Nas aulas de Português, aprendemos que a linguagem falada é diferente da linguagem escrita, isso implica dizer que muitas vezes a linguagem falada é uma ferramenta de sobrevivência, já que é aprendida através do contato pessoal com a comunidade. A linguagem escrita é adquirida por intermédio do conhecimento sistêmico da língua, da memória e do treino. Este tipo requer um padrão.

Vamos pensar um pouquinho no lugar onde vivo. Antes, preciso fazer alguns questionamentos: Fora da escola, será possível conviver com a diversidade linguística? E dentro dela? Quando o preconceito linguístico torna-se um problema a ser discutido na cidade onde moro? É possível resolver esse impasse?

Penso que o jeito (ou jeitos) de falar tem um grande impacto na sociedade, uma vez que a origem geográfica de uma pessoa e a classe social a que pertence podem ser identificadas por meio da sua linguagem. Eu, por exemplo, moro numa cidadezinha no interior do Tocantins: Arraias, a cidade das colinas. Eu também estudo em Campos Belos, que fica a 25 km. Em Arraias, os falares do nosso povo são muitas vezes vistos como “errados”, fora do padrão pré-estabelecido pela sociedade. Mas, de onde surgiu essa ideia rasa de “certo ou errado”?

Sabemos que o Brasil é formado por um emaranhado de línguas. Esse mosaico linguístico foi construído ao longo de anos, nesse sentido, como a história evidencia, uma língua sobressaiu às demais como a padrão e tornou-se idioma oficial dos falantes brasileiros, a norma padrão da Língua Portuguesa (denominada Português Brasileiro – PB). A escola, nesse contexto, serviu de instrumento para consolidar uma língua correta, a que deveria ser utilizada por todos. Atualmente, a mídia força a sociedade a acreditar que existe uma forma correta e única de expressão da linguagem. Em contraposição a isso, depreendemos que assim como devemos escolher um conjunto de roupas para cada ocasião, devemos escolher uma linguagem para cada ambiente.

Diante dessa questão, por que nós arraianos sofremos tanto preconceito ao falarmos termos tão usuais como: “candeia”, “em riba”, “ontonte”, “de coque”, “mió”, “pió”, “criar maquerença”, “livuzia”, “fumu” e “sé de hoje”? Porque não é de hoje que o

preconceito linguístico privilegia a língua de Portugal e inferioriza o dicionário dos arraianos. Cabe lembrar que o dicionário a ser extinto é principalmente o do pobre arraiano que muitas vezes não teve oportunidade de frequentar a escola. Quando frequenta a escola, é a classe baixa que mais sofre com essa problemática.

De onde vem o preconceito linguístico em minha cidade, então? A resposta está principalmente no centro, no espaço onde se pode ver a igreja e os casarões históricos. É nesse lugar privilegiado pela história que as pessoas situadas nas classes superiores conseguem escapar da padronização e têm sua gramática respeitada. Já os que se encontram em situação de vulnerabilidade, como eu e a maior parte da população, por sua vez, sofremos com variados preconceitos em diversos ambientes sociais, inclusive na escola.

“As pessoas sem instrução falam tudo errado.”, dizem alguns. Conforme Bagno, isso é um mito porque não existe uma única língua, então falar de outro modo não deve ser considerado errado, feio ou equivocado. É necessário, logo, desconstruir a visão errônea de que existe apenas uma língua ou somente a norma padrão, ou a norma culta. Penso até que deveria extinguir de vez essa expressão “norma culta”. Há diversos “portugueses brasileiros”, “brasileiros portugueses” e diversas gramáticas e, por isso, é importante manter não somente um dicionário arraiano, e sim valorizar os vários dicionários arraianos que modificam o tempo todo os falares do lugar onde vivo.

Enfim, é preciso respeito com a fala e linguagem de cada um, pois o bonito é a diversidade. Além disso, fazem-se necessárias compreensão e empatia para um lugar melhor. Sabe o que é realmente certo nessa história? O certo é a escola ensinar todas as gramáticas. Sem distinção.

- Após a primeira leitura, pergunte às/aos estudantes qual é o tema do texto e se podemos compreendê-lo como um artigo de opinião. Na sequência, estimule a turma a fazer uma breve análise em que se recupere conceitos e habilidades abordados nas atividades anteriores.

Proposta para leitura e análise

Qual é o tema do artigo?

Que questão do território é evidenciada pela autora?

Qual é a relação da autora com o território?

Que crítica Maria Fernanda faz ao lugar onde vive?

Qual é a polêmica?

O que pensam da posição da autora? Concordam ou discordam do ponto de vista dela sobre preconceito linguístico?

Já viveram ou testemunharam alguma situação de preconceito linguístico?

Qual é a tese do artigo?

Que argumentos – e de que tipo – são mobilizados?

A autora tem uma voz ou um estilo próprio ao escrever?

- Divida a turma em duplas ou em grupos maiores, o que for mais conveniente, e entregue a cada equipe um dos parágrafos do texto.
- Peça que usem duas cores de caneta ou de lápis de cor para grifar e diferenciar as passagens do parágrafo que consideram mais informativas ou mais opinativas. Estimule-os a justificar e a sustentar para si mesmas/os as escolhas, com base na compreensão que tiveram do texto e em outras experiências de leitura e interpretação.
- Conforme acompanha as análises nos grupos, dê alguns exemplos de passagens predominantemente expositivas ou argumentativas.

Predominantemente expositivas:

“Somos seres humanos que nos expressamos e nos comunicamos principalmente por meio da linguagem, seja oral, seja escrita. Usamos a fala de acordo com a situação e as necessidades, além de podermos gerar novas palavras diariamente”.

Predominantemente argumentativas:

“Por aqui, brancos, índios e negros viveram e ainda vivem o processo de miscigenação, muitas vezes forçado”.

“Diante dessa questão, por que nós arraianos sofremos tanto preconceito ao falarmos termos tão usuais como: ‘candeia’, ‘em riba’, ‘ontonte’, ‘de coque’, ‘mió’, ‘pió’, ‘criar maquerença’, ‘livuzia’, ‘fumu’ e ‘sé de hoje’? Porque não é de hoje que o preconceito linguístico privilegia a língua de Portugal e inferioriza o dicionário dos arraianos. Cabe lembrar que o dicionário a ser extinto é principalmente o do pobre arraiano que muitas vezes não teve oportunidade de frequentar a escola. Quando frequenta a escola, é a classe baixa que mais sofre com essa problemática”.

- Em seguida, oriente os grupos a identificar, na materialidade do texto, o que torna um trecho mais argumentativo do que outro e diga-lhes para compartilhar as hipóteses, mesmo que elas pareçam equivocadas ou mesmo que não saibam nomear os fenômenos, mas percebam sua função no texto.
- Discuta, então, os efeitos de sentido de alguns dos recursos adotados pela autora Maria Fernanda Carvalho. Confira exemplos a seguir.

Escolha da primeira pessoa e de verbos que anunciam opinião

“Penso até que deveria extinguir de vez essa expressão ‘norma culta’”.

“Penso que o jeito (ou jeitos) de falar tem um grande impacto na sociedade, uma vez que a origem geográfica de uma pessoa e a classe social a que pertence podem ser identificadas por meio da sua linguagem. Eu, por exemplo, moro numa cidadezinha no interior do Tocantins: Arraias, a cidade das colinas. Eu também estudo em Campos Belos, que fica a 25 km”.

Perguntas retóricas

Fora da escola, será possível conviver com a diversidade linguística? E dentro dela? Quando o preconceito linguístico torna-se um problema a ser discutido na cidade onde moro? É possível resolver esse impasse?

Presença de adjetivos e advérbios

*“Por aqui, brancos, índios e negros viveram e ainda vivem o processo de miscigenação, muitas vezes **forçado**”.*

*“Enfim, é preciso respeito com a fala e linguagem de cada um, pois o **bonito** é a diversidade”.*

*“Cabe lembrar que o dicionário a ser extinto é **principalmente** o do pobre arraiano que muitas vezes não teve oportunidade de frequentar a escola”.*

*“Conforme Bagno, isso é um mito porque não existe uma única língua, então falar de outro modo não deve ser considerado **errado, feio** ou **equivocado**”.*

Afirmações propositivas

“É necessário, logo, desconstruir a visão errônea de que existe apenas uma língua ou somente a norma padrão, ou a norma culta. Penso até que deveria extinguir de vez essa expressão ‘norma culta’”.

Uso de aspas para evidenciar diferentes vozes

“Em Arraias, os falares do nosso povo são muitas vezes vistos como ‘errados’, fora do padrão pré-estabelecido pela sociedade. Mas, de onde surgiu essa ideia rasa de ‘certo ou errado’?”

Jogos de palavras, enumerações e repetições

“Há diversos ‘portugueses brasileiros’, ‘brasileiros portugueses’ e diversas gramáticas e, por isso, é importante manter não somente um dicionário arraiano, e sim valorizar os vários dicionários arraianos que modificam o tempo todo os falares do lugar onde vivo”.

Uso de articuladores textuais e de operadores argumentativos

*“Penso que o jeito (ou jeitos) de falar tem um grande impacto na sociedade, **uma vez que** a origem geográfica de uma pessoa e a classe social a que pertence podem ser identificadas por meio da sua linguagem”.*

“Porque não é de hoje que o preconceito linguístico privilegia a língua de Portugal e inferioriza o dicionário dos arraianos”.

É necessário, logo, desconstruir a visão errônea de que existe apenas uma língua ou somente a norma padrão, ou a norma culta.

- Embora seja importante recuperar objetos de estudo relativos às aulas de análise morfológica e sintática, o objetivo desta leitura é garantir que as/os alunas/os compreendem os efeitos de sentido provocados na/o leitora/or pela mobilização de uma série de recursos bastante sofisticados.
- Retome exemplos como o uso de aspas para evidenciar ideias que se contrapõem à da autora ou a sequência coerente de perguntas retóricas para mostrar como a argumentação é feita da junção de muitas habilidades. A prática da leitura, da escrita, da análise e da reescrita leva à consciência do poder que esses instrumentos – ao fim e ao cabo, o uso competente da palavra – têm na produção textual. Assim, a mesma constatação sobre o território e a mesma crítica poderiam ter resultado em uma argumentação muito menos convincente se Maria Fernanda não escolhesse e gerisse tão bem tais recursos.
- Ao final, chame atenção para o título do artigo: **Dicionário dos arraianos: Está certo, ou tá errado?** A turma reconhece a relação entre título e texto? Por que Mariana usa “dicionário” e as expressões “Está certo” e “tá errado”? Nota-se que também no título a autora se vale, de modo aplicado, do conceito de variedade linguística, em uma reflexão metalinguística sobre a língua.

JANELA TEÓRICA

Seleção lexical e argumentação

A seleção lexical é uma das mais importantes estratégias para uma boa argumentação. É preciso, pois, muito cuidado na escolha do vocábulo que deve ser adequado, tanto com relação ao tema que se vai desenvolver, como quanto ao destinatário, aos propósitos do enunciador e a toda a situação comunicativa.

Muitas vezes, um termo mal escolhido pode pôr a perder a força argumentativa do enunciado (...). [...]

Não são poucas as vezes em que nos vemos angustiados na busca de um termo apropriado para exprimir nosso pensamento sem parecermos sofisticados, ou, então, portadores de um vocabulário muito restrito. Uma seleção lexical adequada à situação comunicativa, ao conhecimento de mundo que pressupomos do nosso destinatário constitui um fator essencial de incremento ao poder persuasivo de nossos textos.

Trecho do livro **Escrever e argumentar**, de Ingedore Villaça Koch e Vanda Maria Elias (Editora Contexto, 2018, p. 32).

Qual é seu estilo?

(45 minutos)

- Use a Coletânea e, se possível, um buscador da internet para selecionar e fazer cópias de seis artigos de opinião diferentes. Antes disso, omita os nomes das/os autoras/es. Pelo menos dois deles, precisam ter sido escritos pela/o mesma/o autora/o. Uma possibilidade é usar um texto ainda não analisado de Leonardo Sakamoto, uma vez que as/os alunas/os já foram apresentadas/os ao autor.
- Entregue uma cópia a cada aluna/o e explique que deverão trabalhar em grupo, com a classe toda, como espécies de “detetives do texto”. Conte que dois dos artigos foram escritos pela mesma pessoa e desafie as/os estudantes a descobrir quais são.
- Depois que o grupo chegar a uma conclusão, solicite que mostrem as pistas que encontraram para atribuir os artigos à mesma pessoa e verifique se as hipóteses se confirmam, ou seja, se acertaram a resposta. Caso os artigos sejam de Sakamoto, como sugerido, há alguns indícios de autoria, como certa informalidade e até tom de humor, o diálogo com o leitor (Você faz papel de idiota nas redes sociais?), a subversão da estrutura mais convencional dos artigos (caso do teste, no mesmo artigo sobre redes sociais).
- Conte que esta é uma das características dos textos opinativos e das/os articulistas mais afiadas/os: tal qual na literatura, seu modo de escrever é reconhecível e original, como se fosse uma espécie de impressão digital. Então, os/as leitoras/es que acompanham as publicações podem aderir não apenas às ideias expostas, mas à maneira como a/o autora/or maneja a língua no texto.
- Volte ao texto da oficina anterior, **Dicionário dos arraianos: Está certo, ou tá errado?** Pergunte à turma se acreditam que Maria Fernanda tem uma maneira própria de escrever e o que evidencia isso. Ressalte os recursos linguísticos discutidos na oficina anterior, como a seleção de vocabulário, o uso cuidadoso da experiência pessoal (quando ela diz que estuda em outra cidade e que é diretamente impactada pelo preconceito, por exemplo) e referência a especialistas ligados ao tema. Estes são elementos que contribuem para que a estudante trilhe um caminho autoral.

JANELA TEÓRICA

Criatividade e individualidade linguística

O sucesso da missão de introduzir o aluno na língua viva e criativa do povo exige, é claro, uma grande quantidade e diversidade de formas e métodos de trabalho. [...] Resta ao professor ajudar nesse processo de nascimento da individualidade linguística do aluno por meio de uma orientação flexível e cuidadosa.

Trecho do livro **Questões de estilística no ensino da língua**, de Mikhail Bakhtin. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo (Editora 34, 2013, p. 7)

O que dá liga? Operadores argumentativos

- Para que as/os alunas/os reconheçam a importância do uso de elementos articuladores na construção do artigo de opinião, realize a atividade fazendo cópias da tabela “Elementos Articuladores”. Recorte nas linhas pontilhadas e coloque em envelopes – um conjunto completo em cada envelope. Após dividir a classe em duplas ou trios, proponha para a turma um jogo.

Operadores argumentativos (90 minutos)		
Tabela para a atividade		
Devemos ajudar nossos pais,	pois, sem dúvida,	a cooperação é um valor fundamental para a convivência familiar.
As propagandas mostram produtos atraentes indispensáveis para a nossa vida,	mas	cabe ao consumidor analisar aquilo de que realmente necessita e selecionar o que é bom.
O fumo faz mal à saúde.	Portanto,	as pessoas deveriam parar de fumar.
A água doce, por causa dos abusos cometidos, poderá acabar em nosso planeta.	Assim,	é preciso definir algumas regras para o uso racional da água.
A limpeza de terrenos e casas é necessária para impedir a propagação do mosquito da dengue.	Além disso,	é importante que se faça campanhas de conscientização para que as pessoas não deixem que a água se acumule em vasos e outros recipientes.
Se o desmatamento não diminuir,	é provável	que a Amazônia se transforme em um imenso deserto.
É indispensável que se intensifiquem campanhas de coleta seletiva de lixo nas escolas, famílias e comunidade,	pois dessa forma	a responsabilidade cidadã crescerá entre os moradores.
A pena de morte não é solução para a criminalidade.	Primeiramente,	está comprovado que os crimes hediondos não deixaram de ocorrer nos países que a adotaram.
A pena de morte não é solução para a criminalidade.	Em segundo lugar,	porque muitos dos que foram executados tiveram, posteriormente, sua inocência comprovada.
A pena de morte não é solução para a criminalidade.	Finalmente,	não matar os semelhantes é um princípio ético fundamental.

- Distribua os envelopes entre os grupos. Então, peça aos e às estudantes que organizem dez pequenos textos argumentativos coerentes e consistentes, usando as fichas do envelope. Para tanto, eles e elas precisarão prestar muita atenção aos tipos de relação entre os fragmentos fornecidos, para descobrir

que aqueles que estão na coluna do meio da tabela são os articuladores, ou seja, os termos capazes de estabelecer essas relações. Uma dica suplementar: sugira-lhes que fiquem atentos à pontuação na hora de verificar que fragmento pode estar articulado a outro. E um lembrete: Ao trabalhar com os fragmentos, as/os alunas/os não devem ter acesso ao modelo pronto da tabela, para não transformarem a atividade em um jogo de formar frases.

- Quando todos tiverem terminado, solicite-lhes que leiam em voz alta e discuta com eles e elas se constituem ou não, em cada exemplo, bons textos argumentativos. Em qualquer dos casos, reforce bem as razões, chamando a atenção para o papel dos articuladores.

JANELA TEÓRICA

Operadores argumentativos

Os operadores argumentativos orientam a sequência do discurso, os encadeamentos possíveis com outros enunciados capazes de continuá-lo. Mas sua principal função é sinalizar a posição do enunciador quanto às relações entre os argumentos, ajudando o leitor a compreender que o enunciador adere a determinado argumento e exclui outros.

Muitos dos operadores argumentativos são classificados pela teoria gramatical tradicional como conjunções, como “palavras denotativas” ou como “palavras de difícil classificação”. Isso acontece porque a gramática tradicional tem como objetivo o estudo das palavras e da frase, mas não do texto e do discurso. Assim, quem só conhece a teoria gramatical tradicional, não teve oportunidade de refletir sobre a importância desses articuladores na construção da linha argumentativa dos textos

Trecho do material para formadores **Produção escrita: Trabalhando com gêneros textuais**, organizado por Maria da Graça Costa Val.

Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/PNAI-C%202017%202018/PRODUCAO_ESCRITA-form.pdf Acesso em: 18/10/2023

- Em seguida, projete ou entregue cópias de trechos de dois artigos de opinião escritos por estudantes. O primeiro trecho remete à pandemia de Covid-19 e às medidas de proteção em relação ao vírus. O segundo, dos impactos da seca no Nordeste. Ambos foram ligeiramente adaptados para esta atividade.

TRECHO 1

Seca ou descaso?

A estiagem no Nordeste é um aspecto negativo que, infelizmente, proporciona fome e pobreza. A seca é um fator natural, mas e o descaso com os habitantes?

Na região a restrita presença de chuvas é causada basicamente pelo o tipo de massa de ar aliado ao relevo, pois este, muitas vezes, impede que massas de ar quente e úmidas ajam sobre o local gerando as chuvas. A longa estiagem provoca uma série prejuízos aos agricultores como perda de plantações e animais, a falta de produtividade gera a fome. Para a fome existe o Bolsa Família e para a seca os carros pipas, porém a quantia de dinheiro é baixa e os pipas demoram a vir.

Instituições governamentais poderiam ajudar com o aumento de carros pipas e construções de cisternas.

TRECHO 2

A pandemia de coronavírus fez com que 2020 fosse um ano muito difícil. Por causa da descoberta e a disseminação desse vírus, tivemos que adotar várias mudanças na rotina das pessoas. O isolamento social e medidas de proteção – uso de máscara, distanciamento, uso de álcool em gel – são exemplos dessas medidas.

Em primeira análise, sabe-se que tais medidas de proteção e isolamento não estão sendo cumpridas corretamente. Na minha região, por exemplo, as pessoas saem até para diversão, comerciantes e vendedores abrem seus estabelecimentos de venda, as aglomerações em eventos também estão em constantes. As zonas rurais não costumam ter muitos centros comerciais, diminuindo as aglomerações, mas ainda assim há um grande risco de contágio, uma vez que há os vendedores ambulantes de várias localidades que vêm até as nossas casas vender produtos, oferecendo perigo e risco a nossa saúde. Além disso, há o fato de vários indivíduos se recusarem a vacinar, temendo sofrer sintomas de outras doenças ao serem imunizados, porém estão enganados, já que a vacina protege o indivíduo que foi contaminado, fazendo com que os anticorpos entrem em defesa quando for atingido pelo vírus.

● Oriente a turma a comparar os dois textos do ponto de vista da relação entre as palavras e entre as frases. Ambos os casos são exemplos claros de textos planejados (há um tema delimitado e progressão argumentativa). Entretanto, no segundo exemplo há mais elementos linguísticos que facilitam a recuperação da relação entre uma ideia e outra. Caso as/os alunas/os tenham cópias dos trechos, solicite que circulem esses elementos, tendo em vista os operadores argumentativos da atividade anterior.

● Em seguida, apresente os mesmos trechos com alguns grifos:

TRECHO 1

Seca ou descaso?

A estiagem no Nordeste é um aspecto negativo que, infelizmente, proporciona fome e pobreza. A seca é um fator natural, **mas** e o descaso com os habitantes?

Na região a restrita presença de chuvas é causada basicamente pelo o tipo de massa de ar aliado ao relevo, **pois** este, muitas vezes, impede que massas de ar quente e

úmidas ajam sobre o local gerando as chuvas. A longa estiagem provoca uma série prejuízos aos agricultores **como** perda de plantações e animais, a falta de produtividade gera a fome. **Para a** fome existe o Bolsa Família e **para a** seca os carros pipas, **porém** a quantia de dinheiro é baixa e os pipas demoram a vir.

Instituições governamentais poderiam ajudar com o aumento de carros pipas e construções de cisternas.

TRECHO 2

A pandemia de coronavírus fez com que 2020 fosse um ano muito difícil. **Por causa da** descoberta e a disseminação desse vírus, tivemos que adotar várias mudanças na rotina das pessoas. O isolamento social e medidas de proteção – uso de máscara, distanciamento, uso de álcool em gel – são exemplos dessas medidas.

Em primeira análise, sabe-se que tais medidas de proteção e isolamento não estão sendo cumpridas corretamente. Na minha região, **por exemplo**, as pessoas saem até para diversão, comerciantes e vendedores abrem seus estabelecimentos de venda, as aglomerações em eventos **também** estão em constantes. As zonas rurais não costumam ter muitos centros comerciais, diminuindo as aglomerações, mas **ainda assim** há um grande risco de contágio, **uma vez que** há os vendedores ambulantes de várias localidades que vêm até as nossas casas vender produtos, oferecendo perigo e risco a nossa saúde. **Além disso**, há o fato de vários indivíduos se recusarem a vacinar, temendo sofrer sintomas de outras doenças ao serem imunizados, **porém** estão enganados, **já que** a vacina protege o indivíduo que foi contaminado, fazendo com que os anticorpos entrem em defesa quando for atingido pelo vírus.

- Identifique com a turma o sentido que os operadores argumentativos destacados conferem ao texto, pois é fundamental que compreendam como essas relações contribuem para a construção da argumentação.
- Coletivamente, faça a reescrita do primeiro trecho, de modo que as unidades do texto – palavras, períodos e parágrafos – estejam mais bem relacionadas e colaborem para um texto mais convincente.
- Como material de apoio para esta atividade e para a reescrita dos textos individuais – nossa próxima missão –, use a tabela a seguir.

Uso	Expressões
Tomar posição	Do meu ponto de vista; na minha opinião; pensamos que; pessoalmente acho
Indicar certeza	Sem dúvida; está claro que; com certeza; é indiscutível
Indicar probabilidade	Provavelmente; me parece que; ao que tudo indica; é possível que
Indicar causa e/ou consequência	Porque; pois; então; logo; portanto; conseqüentemente
Acrescentar argumentos	Além disso; também; ademais
Indicar restrição	Mas; porém; todavia; contudo; entretanto; apesar de; não obstante
Organizar argumentos	Inicialmente; primeiramente; em segundo lugar; por um lado; por outro lado
Preparar conclusão	Assim; finalmente; para finalizar; por fim; concluindo; enfim; em resumo

SAIBA MAIS

Uma abordagem dos operadores argumentativos em artigos de opinião

A dissertação de Mestrado da professora Caroline Schwarzbald apresenta uma proposta de sequência didática para o trabalho com operadores argumentativos no 9º ano do Ensino Fundamental.

Leia: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16770/1/AbordagemOperadoresArgumentativos.pdf>

Edição e revisão individual: A busca da autoria

- Entregue à turma as primeiras versões comentadas dos artigos de opinião, que haviam sido recolhidos na última atividade da Oficina7. Além de observar seus comentários e decidir quais intervenções farão no texto, as/os alunas/os devem elas/es mesmas/os buscar alterações em que procurem melhorar a escolha lexical, o caráter argumentativo e as relações no artigo de opinião.
- Para esse processo, garanta tranquilidade para que cada estudante faça intervenções na folha da primeira versão que não se limitem à adequação à norma-padrão. É possível mudar frases de lugar, reduzir a extensão dos períodos, inserir ou substituir operadores argumentativos, fazer escolhas mais incisivas de vocabulário. Por isso, devem se apropriar com segurança da primeira versão, espécie de rascunho, para depois chegar à segunda versão.
- Deixe claro que se trata mais de um trabalho de edição do que de revisão. Ao final da atividade, o artigo ainda não estará acabado. Mal comparando, no planejamento, desenhamos a planta da casa. Na primeira versão, fizemos a fundação, levantamos as paredes, colocamos o telhado. Na edição, estamos fazendo o acabamento. Na revisão, faremos a pintura, colocaremos os móveis e a decoração.
- Caso considere pertinente, use as dicas de edição a seguir para orientar as intervenções, a edição e a reescrita.

Dicas de edição

1. Leia os comentários da/o professora/or com atenção. Se necessário, tire dúvidas e peça sugestões.
2. Você pode riscar a folha da primeira versão para planejar as alterações que fará na reescrita.
3. Atente à contextualização do tema. Considere que as/os leitoras/es não conhecem necessariamente o assunto que você escolheu abordar.
4. Pesquise e converse com colegas e professoras/es de todas as Áreas do Conhecimento. Isso é importante para mobilizar uma variedade de tipos de argumento e deixar o artigo mais convincente.
5. Use os recursos linguísticos, como as perguntas retóricas e a escolha de palavras, e deixe sua marca no texto, mas seja acessível. É importante que o artigo seja compreendido pelo público. Afinal, é um texto jornalístico.
6. Escreva períodos mais curtos e evite as repetições de palavra que não colaboram para o estilo do texto.

- Acompanhe a reescrita, registre o que julgar pertinente e recolha as primeiras versões e reescritas dos textos para fazer uma nova leitura antes próxima etapa. Não será necessário comentar os textos novamente, mas pode ser muito revelador analisar comparativamente primeiras versões, intervenções suas, da/do estudante e reescritas. Na oficina10, a turma voltará às produções para elaborar a versão final dos artigos.

EM SÍNTESE

Professora, professor,

a discussão sobre os recursos linguísticos no artigo de opinião é ampla e perpassa toda a formação das/os estudantes. Nos Anos Finais do Ensino Fundamental, porém, a competência para compreender as relações entre as unidades e para desenvolver um estilo próprio de escrita prepara o terreno para as discussões que estarão presentes no Ensino Médio.

VEM AÍ!

Na próxima Etapa, as/os alunas/os farão um trabalho colaborativo de revisão das versões atuais dos artigos, em que exercitarão a metacognição e a autonomia diante do próprio processo de escrita.





Oficina 10

De mãos dadas: Leitura crítica, revisão
e reescrita do artigo de opinião

Estamos quase no final de nosso percurso! Este é um material sobre artigo de opinião, mas as práticas de revisão e reescrita que abordaremos na sequência são fundamentais para o trabalho com todos os gêneros textuais. Mais que fazer uma espécie de “higienização” do texto, corrigindo os desvios em relação à norma-padrão da Língua Portuguesa, é fundamental debater com as/os estudantes de que maneira se constitui e se constrói, ao longo de toda vida, o processo de desenvolvimento das habilidades de escrita. Ele se materializa em leituras críticas e compartilhadas, revisões, edições, reescritas e, por que não?, frustrações – como provam mesmo os grandes escritores em seu trabalho árduo e constante com a palavra.



Objetivos

-  Exercitar estratégias de revisão e reescrita de textos.
-  Compreender a importância do trabalho colaborativo para a aprendizagem coletiva da Língua Portuguesa e de gêneros como o artigo de opinião.
-  Elaborar as versões finais dos artigos de opinião.
-  Refletir sobre o processo de aprendizagem do artigo de opinião e identificar progressos e pontos de atenção em relação à avaliação diagnóstica inicial.

Prepare-se:

Olá, professora/or!

nesta oficina, você vai precisar de cópias impressas do texto de apoio disponível a seguir. Também é necessário lembrar as/os estudantes de trazerem a primeira versão do artigo de opinião para ser refinada durante as aulas.

Número de aulas: 4

Percurso desta oficina:

1. Análise crítica coletiva de artigo de opinião
2. Trabalho em pares e reescrita

Na BNCC

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, podcasts noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como vlogs e podcasts culturais, gameplay, detonado etc.– e cartazes, anúncios, propagandas, spots, jingles de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de booktuber, de vlogger (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos

colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

(EF69LP16) Analisar e utilizar as formas de composição dos gêneros jornalísticos da ordem do relatar, tais como notícias (pirâmide invertida no impresso X blocos noticiosos hipertextuais e hipermediáticos no digital, que também pode contar com imagens de vários tipos, vídeos, gravações de áudio etc.), da ordem do argumentar, tais como artigos de opinião e editorial (contextualização, defesa de tese/opinião e uso de argumentos) e das entrevistas: apresentação e contextualização do entrevistado e do tema, estrutura pergunta e resposta etc.

(EF69LP17) Perceber e analisar os recursos estilísticos e semióticos dos gêneros jornalísticos e publicitários, os aspectos relativos ao tratamento da informação em notícias, como a ordenação dos eventos, as escolhas lexicais, o efeito de imparcialidade do relato, a morfologia do verbo, em textos noticiosos e argumentativos, reconhecendo marcas de pessoa, número, tempo, modo, a distribuição dos verbos nos gêneros textuais (por exemplo, as formas de pretérito em relatos; as formas de presente e futuro em gêneros argumentativos; as formas de imperativo em gêneros publicitários), o uso de recursos persuasivos em textos argumentativos diversos (como a elaboração do título, escolhas lexicais, construções metafóricas, a explicitação ou a ocultação de fontes de informação) e as estratégias de persuasão e apelo ao consumo com os recursos linguístico-discursivos utilizados (tempo verbal, jogos de palavras, metáforas, imagens).

(EF69LP18) Utilizar, na escrita/reescrita de textos argumentativos, recursos linguísticos que marquem as relações de sentido entre parágrafos e enunciados do texto e operadores de conexão adequados aos tipos de argumento e à forma de composição de textos argumentativos, de maneira a garantir a coesão, a coerência e a progressão temática nesses textos (“primeiramente, mas, no entanto, em primeiro/segundo/terceiro lugar, finalmente, em conclusão” etc.).

(EF89LP14) Analisar, em textos argumentativos e propositivos, os movimentos argumentativos de sustentação, refutação e negociação e os tipos de argumentos, avaliando a força/tipo dos argumentos utilizados.

Revisão coletiva de artigo de opinião

(45 minutos)

- Apresente à turma algumas imagens que testemunham o processo de escrita de autoras da literatura: [Conceição Evaristo](#) e [Jane Austen](#).
- Deixe que observem e comentem os registros em voz alta por algum tempo.
- Questione a turma acerca das intervenções: Por que grandes mestras da literatura precisam voltar ao texto e fazer alterações?
- Aqui, vale, novamente, contribuir para derrubar o mito de que a escrita é apenas um dom, inalcançável para a maioria das pessoas. Ainda que estejamos falando de literatura e de nomes extremamente reconhecidos, o talento não existiu sem trabalho – e alguma obsessão pela lapidação do texto.
- Em seguida, entregue à turma cópias do artigo de opinião intitulado **A flexibilidade do porte de armas em questão no Brasil**, elaborado por um/a estudante de escola pública para o programa Escrevendo o Futuro em 2021.

Mais artigos para análise

Professora, professor, caso a leitura sobre posse e porte de armas de fogo seja sensível para suas turmas, opte por outros artigos para fazer a análise crítica prévia à revisão. Se escolher o exemplo que se segue, lembre-se de mediar a leitura para que se mantenha a expressão respeitosa de opiniões e se evite a polarização – como vem sendo o objetivo de todas as atividades deste Caderno.

A flexibilidade do porte de armas em questão no Brasil

É um grave erro a flexibilidade do porte de arma, provocará de imediato a elevação no número de violência. O país perderá o precário controle que ainda exerce sobre o grande número de pessoas inocentes que morrem todos os dias, naturalmente as unidades de saúde não terão estrutura suficiente para atender a demanda.

Em decorrência disso, a mão armada é um grave problema de segurança pública no Brasil. Sete anos após 64% dos eleitores brasileiros terem rejeitado a proibição da venda de armas de fogo e munições num referendo popular, em outubro de 2005. O Brasil atingiu a marca de 56.337 homicídios no ano de 2012, a maior de sua história, de acordo com dados do SUS (Sistema Único de Saúde). Deste total, 40.077 pessoas foram mortas por armas de fogo, ou seja, 71% de todas as mortes. O número total de homicídios ocorridos no Brasil em 2012 representa 10% de todos os crimes do tipo no mundo, segundo o Relatório Global de Homicídios da UNODC de 2012.

Além do mais, por exemplo, pode-se observar que pessoas com conflitos internos têm tirado a própria vida, como uma forma de aliviar dores e pressões. Dessa forma, é inadmissível que a sociedade continue vivendo em uma situação como essa, por conta da negligência do poder público.

Levando em consideração esses pontos, a triste e violenta realidade em que vivemos, e o sofrimento da população, o uso livre da arma de fogo, veio para destruir e ameaçar vidas, certamente por não ser usado, por alguns indivíduos, com a devida consciência. Diante dos fatos apresentados, é necessário que o governo aja fazendo publicidades e palestras, em todos os locais possíveis, para chegar ao maior número de cidadãos. Além disso colocar em prática leis mais firmes, que venha ajudar os cidadãos a entender e ter mais informações de como fazer o uso correto desse objeto, com o objetivo de conscientizar o ser humano de que a fúria não é o melhor jeito para resolver os problemas, a fim de que as pessoas venham usar a violência só em último caso. E assim conseguir a queda no número de homicídios, evitando a crise no país e na saúde.

Texto escrito por uma/um estudante que participou da 7ª edição da Olimpíada de Língua Portuguesa em 2021.

- Leia o texto em voz alta uma primeira vez e peça que as/os estudantes acompanhem e façam anotações na margem da folha ou no próprio artigo com vistas à melhora da produção escrita.
- Na lousa, anote alguns critérios para a análise crítica do texto, que sintetizam o aprendizado das aulas sobre artigo de opinião:

Critérios para análise crítica do artigo de opinião

TEMA

Abordagem de questão atual e controversa, que impacta a vida dos cidadãos em sociedades democráticas, por isso, requer discussão.

GÊNERO: FUNÇÃO SOCIAL, INTERLOCUÇÃO, CONSTRUÇÃO COMPOSICIONAL

Discussão de tema atual e controverso com objetivo de convencer o leitor. Uso de diferentes estratégias argumentativas e estrutura com tese, desenvolvimento da argumentação e conclusão, a qual pode ou não apresentar proposta de intervenção para o problema.

PESQUISA

Uso de fontes legitimadas, relacionadas ao tema em discussão e a serviço da defesa da tese proposta.

COESÃO E CONVENÇÕES DA ESCRITA

Escolha de vocabulário. Uso de recursos coesivos, como organizadores textuais, e de operadores argumentativos. Desvios em relação à norma-padrão da Língua Portuguesa (acentuação gráfica, ortografia, uso da crase etc.).

- Peça, então, que as/os estudantes reflitam, com base nos critérios para leitura crítica: Se o artigo do exemplo tivesse sido escrito por eles, o que gostariam de mudar para melhorar o texto?
- Pontue que o texto aborda tema atual, polêmico e de interesse público. Entretanto, há problemas na organização das ideias e na construção dos parágrafos. Aponte também algumas incorreções no uso da vírgula e de operadores argumentativos.
- Encerre a aula retomando as imagens do início: todo processo de reescrita passa, antes, pela oficina de leitura e análise crítica, que pode ser mais aprofundada ou mais restrita.

JANELA TEÓRICA

Reescrita

[...]

É difícil imaginar a escrita sem a reescrita. Quando a criança começa a escrever, as rasuras que ficam em seu texto são marcas dessa atividade. Do mesmo modo, rascunhos de textos que depois são finalizados e publicados também mostram a atividade processual de reescrever.

No contexto pedagógico, o olhar tradicional para as rasuras é um olhar de reprovação, pois associa a reescrita ao erro e ao desconhecimento por parte do escrevente. No entanto, as rasuras indicam as reflexões que o escrevente está realizando sobre a língua e que ficaram marcadas no texto escrito. Nessa perspectiva, as rasuras permitem que se saiba um pouco do que a criança conhece sobre a língua escrita, suas dúvidas e dificuldades no momento da produção de um texto.

Embora a reescrita aconteça espontaneamente na produção escrita escolar, é importante que ela seja entendida como um componente do ensino da escrita. Cabe ao professor, como interlocutor privilegiado dos alunos, provocar a reescrita dos textos, seja pelos próprios autores, seja pelos colegas. Nesse movimento, a reescrita não é apenas uma correção dos problemas existentes nos textos, mas é necessária, em função das condições de produção dos textos: reescrever implica considerar se o texto está adequado aos objetivos do produtor, aos interlocutores, às condições de circulação do texto.

Trecho do verbete **Reescrita**, escrito por Raquel Salek Fiad, parte do **Glossário Ceale**. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/reescrita> Acesso em: 10/10/2023

Revisão em pares e reescrita

(135 minutos)

- Organize a sala em duplas e explique que farão um trabalho de leitura crítica e revisão das versões mais recentes dos artigos de opinião.
- Devolva as primeiras versões dos artigos de opinião comentadas por você e também as cópias, em que as/os estudantes fizeram interferências ao longo das últimas aulas.
- Para isso, devem ler os textos das/os colegas e fazer intervenções, guiando-se pelos critérios da atividade anterior e pelo roteiro proposto a seguir (adapte-o conforme o contexto):

Roteiro para leitura e revisão

- a) Indique em verde o trecho que apresenta a questão polêmica.
- b) Indique em azul os trechos em que a/o leitora/or é contextualizado sobre o fato que levou à polêmica.
- c) Indique em vermelho o trecho em que o posicionamento da/o autora/or do artigo aparece.
- d) Grife expressões que introduzem opinião, como “penso que” ou “na minha opinião”, se houver.
- e) Marque as partes da estrutura do texto com palavras-chave: introdução, desenvolvimento e conclusão.
- f) Verifique se a conclusão retoma e reforça o ponto de vista da/o autora/o. Se não, escreva um comentário com sugestões.
- g) Indique em rosa trechos em que os pontos de vista de opositores foram usados para construir os argumentos. Por exemplo: “Para fulano de tal, a questão é sem solução. Ele exagera, pois...”.
- h) Circule operadores argumentativos e organizadores textuais.
 - i) Marque com um asterisco as palavras que foram muito repetidas e estão prejudicando a fluência do texto.
 - j) Corrija eventuais escolhas equivocadas de vocabulário e desvios em relação às convenções da escrita.
 - k) Coloque uma saudação se a/o colega fez um título chamativo e adequado para o texto.

- Circule entre as duplas para dirimir dúvidas e acompanhar o processo de leitura e revisão. À medida que as dúvidas surgirem, escreva a forma correta no quadro para que todos possam conhecer a ortografia, ou faça um cartaz, afixando-o na sala de aula. Esse também pode ser um bom momento para incentivar o hábito de consultar dicionários, inclusive, aqueles disponíveis na internet.

- Ajude-os(as) também com dicas sobre pontuação e uso de sinônimos e pronomes para evitar repetição excessiva de palavras.
- Quando a revisão terminar, as/os autoras/es devem receber seus textos de volta e avaliar as marcações e comentários recebidos. Elas/es podem, ou não, concordar com as intervenções.
- Reserve tempo para a elaboração da versão final dos artigos e, ao final, recolha tanto os textos iniciais quanto as últimas versões.
- Se houver tempo hábil, faça a avaliação dos textos antes de devolver às/aos estudantes e comente tanto o processo da turma quanto os avanços que apareceram nas últimas produções.

EM SÍNTESE

Professora/or,

o final desta oficina é um convite para voltar ao começo: retome a primeira Oficina deste caderno, ou melhor, consulte seus registros e verifique o desempenho da turma no momento em que você conduziu a avaliação diagnóstica e em que as/os estudantes apresentaram hipóteses para o que acreditavam ser um artigo de opinião. Leia as produções finais, sistematize os dados na tabela e faça as comparações: Em que aspectos a turma avançou? Que outros aspectos ainda são desafios a serem superados para o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa? Como podem ser contemplados na passagem dos Anos Finais do Ensino Fundamental para o Ensino Médio?

VEM AÍ!

A oficina 11 propõe um trabalho complementar ao gênero artigo de opinião para que o trabalho dos estudantes seja transformado e possa ser socializado em diferentes suportes para a comunidade escolar. Para isso, elaboramos uma sequência de aprendizagem baseada em projetos que tem como pilar o conceito de multiletramentos.

Oficina 11

Ao infinito e além – Socialização e Avaliação

Nesta oficina, que é nosso ponto de chegada, vamos refletir acerca dos efeitos das tecnologias digitais sobre os artigos de opinião, discutir estratégias para compartilhar as produções das/dos estudantes e fazer uma avaliação do processo.



Objetivos

- ✈ Discutir transformações do gênero artigo de opinião no contexto de ascensão e consolidação das tecnologias digitais coQP Brasilmo difusoras de informações.
- ✈ Revisitar e avaliar o processo de ensino/aprendizagem do gênero artigo de opinião.
- ✈ Planejar estratégias de socialização dos artigos de opinião com a comunidade.



Prepare-se:

Como faremos comparações entre veículos digitais e impressos, equipamento para projeção conectado à internet será necessário nestas atividades. As/os estudantes também precisarão das versões finais de seus artigos de opinião e, a depender do projeto escolhido pela turma, de computadores ou smartphones preparados para edições simples de áudio e/ou de vídeo.

Número de aulas: 6 e 10 aulas.

Percurso desta oficina:

1. O artigo de opinião e as tecnologias digitais
2. O artigo de opinião ganha o mundo
3. Linha do tempo, autoavaliação e avaliação coletiva

Na BNCC

(EF69LP06) Produzir e publicar notícias, fotodenúncias, fotorreportagens, reportagens, reportagens multimidiáticas, infográficos, podcasts noticiosos, entrevistas, cartas de leitor, comentários, artigos de opinião de interesse local ou global, textos de apresentação e apreciação de produção cultural – resenhas e outros próprios das formas de expressão das culturas juvenis, tais como vlogs e podcasts culturais, gameplay, detonado etc. – e cartazes, anúncios, propagandas, spots, jingles de campanhas sociais, dentre outros em várias mídias, vivenciando de forma significativa o papel de repórter, de comentador, de analista, de crítico, de editor ou articulista, de booktuber, de vlogger (vlogueiro) etc., como forma de compreender as condições de produção que envolvem a circulação desses textos e poder participar e vislumbrar possibilidades de participação nas práticas de linguagem do campo jornalístico e do campo midiático de forma ética e responsável, levando-se em consideração o contexto da Web 2.0, que amplia a possibilidade de circulação desses textos e “funde” os papéis de leitor e autor, de consumidor e produtor.

(EF69LP07) Produzir textos em diferentes gêneros, considerando sua adequação ao contexto produção e circulação – os enunciadores envolvidos, os objetivos, o gênero, o suporte, a circulação –, ao modo (escrito ou oral; imagem estática ou em movimento etc.), à variedade

linguística e/ou semiótica apropriada a esse contexto, à construção da textualidade relacionada às propriedades textuais e do gênero), utilizando estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign e avaliação de textos, para, com a ajuda do professor e a colaboração dos colegas, corrigir e aprimorar as produções realizadas, fazendo cortes, acréscimos, reformulações, correções de concordância, ortografia, pontuação em textos e editando imagens, arquivos sonoros, fazendo cortes, acréscimos, ajustes, acrescentando/ alterando efeitos, ordenamentos etc.

(EF69LP08) Revisar/editar o texto produzido – notícia, reportagem, resenha, artigo de opinião, dentre outros –, tendo em vista sua adequação ao contexto de produção, a mídia em questão, características do gênero, aspectos relativos à textualidade, a relação entre as diferentes semioses, a formatação e uso adequado das ferramentas de edição (de texto, foto, áudio e vídeo, dependendo do caso) e adequação à norma culta.

(EF69LP10) Produzir notícias para rádios, TV ou vídeos, podcasts noticiosos e de opinião, entrevistas, comentários, vlogs, jornais radiofônicos e televisivos, dentre outros possíveis, relativos a fato e temas de interesse pessoal, local ou global e textos orais de apreciação e opinião – podcasts e vlogs noticiosos, culturais e de opinião, orientando-se por roteiro ou texto, considerando o contexto de produção e demonstrando domínio dos gêneros.

(EF69LP12) Desenvolver estratégias de planejamento, elaboração, revisão, edição, reescrita/redesign (esses três últimos quando não for situação ao vivo) e avaliação de textos orais, áudio e/ou vídeo, considerando sua adequação aos contextos em que foram produzidos, à forma composicional e estilo de gêneros, a clareza, progressão temática e variedade linguística empregada, os elementos relacionados à fala, tais como modulação de voz, entonação, ritmo, altura e intensidade, respiração etc., os elementos cinésicos, tais como postura corporal, movimentos e gestualidade significativa, expressão facial, contato de olho com plateia etc.

(EF08LP01) Identificar e comparar as várias editoriais de jornais impressos e digitais e de sites noticiosos, de forma a refletir sobre os tipos de fato que são noticiados e comentados, as escolhas sobre o que noticiar e o que não noticiar e o destaque/enfoque dado e a fidedignidade da informação.

(EF89LP02) Analisar diferentes práticas (curtir, compartilhar, comentar, curar etc.) e textos pertencentes a diferentes gêneros da cultura digital (meme, gif, comentário, charge digital etc.) envolvidos no trato com a informação e opinião, de forma a possibilitar uma presença mais crítica e ética nas redes.

O artigo de opinião e as tecnologias digitais

(90 minutos)

- Pergunte à turma se sabem o que é um “textão”, no contexto da escrita na internet. Se considerar necessário, apresente a definição presente no [Dicionário Online de Português](#) e peça que a turma procure, na internet, exemplos de “textões” de figuras públicas.

PALAVRA-CHAVE

“Textão”

Texto extenso, publicado nas redes sociais, em que a/o autora/or demonstra sua indignação, sua posição diante de uma situação polêmica ou faz um longo desabafo. O aumentativo deriva do fato de que nas redes sociais as postagens costumam ser mais breves.

- Provoque-os a pensar, com base nos estudos feitos até aqui, se o “textão” é uma versão, na era da comunicação digital, dos artigos de opinião e se conseguem pensar em transformações desse gênero que nasceu na página dos jornais impressos. Há argumentos para justificar diferentes pontos de vista. Se o “textão” trata de uma polêmica de interesse público e apresenta argumentos para sustentar uma tese, podemos aproximá-lo de um artigo de opinião. Mas e quando trata de assuntos pessoais ou de fofocas envolvendo celebridades? Oriente-as/os a dar exemplos com base nas pesquisas realizadas.
- Evidencie que a resposta à pergunta sobre o “textão” não é tão simples, porque é impossível limitar e identificar todos os gêneros textuais, já que estes surgem continuamente em razão das demandas humanas. Outro exemplo passível de discussão são os “fios” da rede social X (antigo Twitter), em que as/os usuárias/os registram e disseminam suas opiniões em uma série de pequenos textos conectados na plataforma e em que são visíveis as interações e os debates em torno de temas polêmicos.
- Além disso, a ampliação do acesso à internet vem promovendo grandes transformações no campo midiático e da opinião pública, ao qual pertence o artigo de opinião, de modo que a análise, a classificação e a nomeação podem ser tarefas complexas e rendem debates entre especialistas.
- Explique à turma que não vão se debruçar sobre os “textões”, mas farão comparações entre artigos publicados no jornal impresso e em veículos online. Com antecedência, separe alguns exemplos e recorte a página do veículo em que foram publicados (o que há no entorno do texto também importa). Escolha também alguns artigos de opinião presentes em jornais online. Podem até ser escolhidos os mesmos artigos em duas plataformas diferentes.

- Organize a sala em grupos de até quatro participantes e solicite que façam uma análise dos artigos disponíveis nos meios impresso e virtual (projete os textos ou use a sala de tecnologia da escola, se houver possibilidade) com o apoio do material a seguir:

Critério de observação	Impresso	Online
Título		
Apresentação da/o autora/or		
Extensão do texto		
Contexto de apresentação (além do artigo, o que mais há na página em que foi publicado?)		
Imagens ilustrativas		
Interação com leitoras/es		

- Após as discussões nos grupos, organize a apresentação oral das análises para checar a que conclusões as/os estudantes chegaram. Há aspectos importantes a serem ressaltados. O primeiro é o espaço que o texto ocupa. No impresso, ele é limitado em razão do número de páginas ou cadernos que o jornal têm, portanto, em razão dos outros conteúdos, costuma ser breve. Já no online, não há espaço pré-determinado, embora a dinâmica de leitura e de instantaneidade que busca o clique e a atenção da/o leitora/or, mesmo que por alguns segundos, esteja levando à produção de textos mais enxutos.

SAIBA MAIS

Por que as músicas estão ficando mais curtas?

Um relatório da *Billboard* (responsável pelas listas de “paradas” de sucesso) mostrou que as músicas mais ouvidas no mundo duram cada vez menos tempo. Isso teria relação com uma dificuldade de atenção das pessoas no contexto contemporâneo, que trocam de faixa o tempo todo nos aplicativos.

Leia: <https://thenewsc.com.br/entretenimento/as-musicas-longas-te-deixam-entediado/>

- Enfatize também como no online há mais espaço para interações e para uma organização dinâmica do conteúdo. Enquanto o impresso é estático (ainda que o artigo esteja em uma página com outros textos que discutem temas relacionados), o online mostra conteúdo (vídeo, fotos, áudios etc.) variado e que seriam do interesse de quem leu aquele artigo. Assim, o público entra em um ciclo infinito de cliques,

já que sempre haverá algum conteúdo relacionado ao anterior à disposição. Há também de se observar a interação direta com o leitor por meio dos comentários que ficam ao final da página.

- Conclua esta oficina evidenciando que o gênero permanece, com características estáveis, tal como propõem as teorias já estudadas. Porém, há transformações constantes provocadas pelas tecnologias digitais que mudam a lógica da escolha, da leitura e da interação entre leitoras/es, articulistas e veículos. Ainda, é possível retomar a Oficina que discute liberdade de expressão para constatar que a internet possibilitou, em tese, que mais gente – de diferentes grupos sociais – pudesse manifestar suas opiniões e não apenas os articulistas profissionais contratados pelos jornais.
- Entretanto, ter um espaço significativo, ser ouvida/o em um contexto de “infodemia”, ou seja, de excesso de informação, é tarefa cada vez mais complexa, sobretudo, em razão dos algoritmos, que não trabalham de modo imparcial, mas em função dos objetivos das corporações que lideram redes sociais.

Autoras/es ganham o mundo: Concurso e *podcast*

(variável)

- É tempo de mostrar a comunidade às produções das/os estudantes – agora, autores ou articulistas. Propomos, nesta atividade, duas possibilidades de projeto: Concurso de artigos de opinião ou criação de *podcast*. São apenas sugestões e você, em parceria com outras/os professoras/res, pode e deve pensar em maneiras de socializar as produções, as quais devem ser apresentadas no início do processo de trabalho com o gênero. Vale dizer que há sempre um desafio para toda a escola, que é transformar as situações de produção da escrita em situações reais de comunicação, pois, na maior parte do tempo, o que se faz é simular tais situações.

CONCURSO

- No caso do concurso, é necessário, primeiro, planejar a atividade, além de estabelecer cronograma e critérios para participação e envio, conforme o exemplo.

Escola Municipal Carolina Maria de Jesus **Concurso Palavra dita**

Gênero: Artigos de opinião

Tema: Olhares sobre o território

Público: 9º ano do Ensino Fundamental

Inscrições e entrega dos textos até: 10/9

Forma de participação: Preenchimento de ficha de inscrição e entrega do texto na secretaria

Formato de entrega: Texto escrito à mão, com título, em até 30 linhas

Avaliação da banca: Até 10/10

Divulgação dos resultados e premiação: Até 14/12

Prêmios para os cinco primeiros colocados: Certificado de participação, livro e caixa de bombons

- Se a opção for pelo concurso, durante o trabalho com o artigo de opinião, lembre à turma com frequência de que a última versão do texto poderá ser inscrita. Outra possibilidade é fazer parcerias com as demais escolas do território e ampliar o número de participantes.
- Forme um comitê de avaliação dos artigos, que pode ser composta por docentes, ex-alunos, gestoras/es, famílias e moradores da região em que a escola se localiza.
- Reúna os textos inscritos e promova a avaliação dos textos. É importante, para a idoneidade do concurso, que os artigos sejam avaliados separadamente e, depois, os resultados compartilhados para que se defina as/os primeiras/os

colocadas/os. Sugerimos, a seguir, critérios de avaliação com base nas sequências didáticas deste caderno.

Critérios de análise e avaliação dos artigos de opinião

1. Adequação e desenvolvimento do tema
2. Definição e apresentação adequada de questão polêmica
3. Respeito à liberdade de expressão e aos direitos humanos
4. Desenvolvimento do gênero (compreensão da função social, da interlocução e da estrutura composicional)
5. Mobilização de tipos variados de argumentos
6. Escolha lexical e uso de operadores argumentativos
7. Respeito às convenções da escrita, em adequação ao gênero e à situação de produção

- Providencie a tabulação dos dados para chegar aos resultados e organize o evento de premiação. Que tal fazer um sarau ou um lanche coletivo, com leitura de trechos dos artigos e de outros textos, como poemas, produzidos pelas/os alunas/os para celebrar o momento. Abra espaço para que a comunidade em que a escola se insere também participe.

PODCAST

- A segunda sugestão é a criação de um podcast opinativo que tome como base os artigos de opinião produzidos pelas/os jovens.
- Comece perguntando à turma se acompanham ou já acompanharam algum *podcast* e, se a resposta for afirmativa, o que caracteriza essas produções.
- Escolha *podcasts*, organize a sala em grupos de até quatro participantes e oriente-as/os a ouvir ao menos trechos de um episódio.

Sugestões de *podcasts*

- [Kilomba's Pod](#), episódio sobre afrofuturismo e futuros possíveis
- [Mano a mano](#), episódio com Ronaldo, ex-jogador de futebol e empresário
- [Prato cheio – O joio e o trigo](#), episódio sobre alimentos ultraprocessados
- [O corre coletivo](#), episódio sobre saúde mental e juventudes
- [O assunto](#), episódio sobre lei de cotas nas universidades públicas

- Peça que os grupos compartilhem suas impressões sobre os *podcasts* que ouviram e discuta como, de alguma maneira, são produções que remetem ao rádio, mas com diferenças importantes: o público ouve na hora em que quer, é possível criar séries, com assuntos bastante específicos e voltados para nichos de interesse e há interação com as/os ouvintes (conforme vimos na discussão sobre artigo de opinião em jornais *online*).
- Observe também que podcasts (ao menos os do campo jornalístico midiático, como os que sugerimos) têm uma estrutura mais ou menos estável, com a presença de vinhetas, cumprimentos às/aos ouvintes, apresentação do assunto a ser tratado, embora os temas, a duração e os recursos (como entrevistas ou debates) possam variar. Há também características que marcam a linguagem, como mais informalidade, frases curtas e uso preferencial da ordem direta.
- Lembre à turma que, ainda que os *podcasts* soem menos formais do que um artigo de opinião escrito e publicado em jornais, são também produções com estrutura e roteiro preparado para guiar os episódios. Acrescente que há funções pré-determinadas para cada membro da equipe, como a/o apresentadora/or ou a/o editora/or.

Trecho de roteiro

0 – 0:00:10 – Vinheta de abertura.

0:00:10 – 0:00:32 – [Apresentação da primeira narradora, cumprimento aos ouvintes e apresentação do tema]: Olá, queridos ouvintes! Aqui quem fala é Nicole Dias, do podcast *É da quebrada!* Hoje é dia 8 de abril de 2023 e a gente tá aqui pra falar sobre a falta de áreas de lazer no nosso bairro, o Cantinho do Céu.

0:00:32 – 0:01:18: [Apresentação da segunda narradora, cumprimento aos ouvintes e apresentação dos convidados]: E aí, gente? Aqui é Camila Silva, fazendo coro na apresentação do *É da quebrada!* em mais uma edição desse nosso querido podcast. Pra falar da dureza que não é ter nem uma quadra de esportes aqui no Cantinho, convidamos a presidente da Associação de Moradores, Marly Souza, e uma representante do Grêmio Estudantil da Escola Carolina Maria de Jesus, Jéssica Oliveira.

0:01:18 – 0:01:20: [Som de palmas após anúncio da entrevistada].

0:00:10 – 0:00:32 – [Primeira narradora]: Marly, vamos conversar sobre esse tema necessário na nossa comunidade. Há anos estamos reivindicando, mas continuamos sem estrutura de lazer. De quem é a responsabilidade? Mete o louco pra gente!

[...]

- Divida novamente a classe, agora em grupos de até seis participantes, ou mantenha os grupos originais. Solicite que, partindo dos exemplos, façam uma proposta de criação de podcast opinativo, que dialogue com os temas debatidos nos artigos de opinião e traga a participação de pessoas da comunidade local. Veja o material de apoio para sistematizar a proposta.

Proposta de *podcast*

Nome sugerido	
Texto de apresentação do <i>podcast</i>	
Título do episódio	
Texto de apresentação do episódio	
Referências para identidade visual e sonora (o que usariam como ícone se o <i>podcast</i> fosse publicado em uma plataforma de áudio? Como seriam as vinhetas do <i>podcast</i> ?)	
Fontes (livros, artigos científicos, pessoas, sites, outros <i>podcasts</i>) que serão consultados na produção do programa	
Relação com os artigos de opinião produzidos	

- Faça uma rodada de apresentação das propostas, incentive comentários da turma, intervenha quando considerar pertinente e inicie a produção dos roteiros, que pode ser orientada pelo trecho já apresentado. É uma tabela que indica o tempo e o conteúdo de cada oficina do *podcast*. Determine um tempo máximo para as produções: até 5 minutos.
- Procure fazer com que o grupo defina funções específicas e divida as tarefas. No nono ano do Ensino Fundamental, pode ser interessante apresentar as seguintes funções e solicitar que cada grupo defina conforme os interesses e habilidades das/os integrantes: roteiristas, pesquisadoras/es, apresentadoras/es, editoras/es.
- Dedique tempo de aula aos roteiros e circule pela sala verificando as produções, fazendo sugestões e tirando dúvidas. Organize um momento em que os grupos podem trocar os roteiros e fazer comentários acerca da produção das/dos colegas.
- Reserve lugar e momento para as gravações. Ela pode ser feita com os *smartphones* (basta apenas um), mas em local com bom isolamento acústico e sem muitos

ruídos. Além disso, algumas colaborações podem ser gravadas na rua, com moradores, ou em casa – neste caso, o/a ouvinte sabe que há mais possibilidade de barulho e o som contribui para que se compreenda em que condições foi feita aquela gravação.

Audacity

Software livre que pode ser baixado gratuitamente e tem recursos de gravação e edição de áudio

Para instalar: <https://www.audacityteam.org/download/>

- Solicite que o grupo reúna as gravações e trabalhe na edição, seja nos smartphones, seja em computadores disponíveis na escola.
- Quando os projetos forem finalizados, faça uma sessão coletiva para que a classe confira o resultado do trabalho. Se houver autorização legal dos responsáveis pelas/os alunas/os, é possível veicular os episódios em serviços na internet ou mesmo em uma rádio local.

Linha do tempo, autoavaliação e avaliação coletiva

(90 minutos)

- Explique à turma que vocês recuperarão o percurso feito nas últimas aulas para fazer uma avaliação dos processos individual e coletivo.
- Pendure um barbante ou varal no mural, ou em uma das paredes da classe e deixe pregadores ou cliques disponíveis.
- Distribua tarjetas de papel coloridas e peça que as/os estudantes registrem nelas momentos marcantes do estudo do artigo de opinião. Pode ser a lembrança de um dos temas discutidos, uma frase falada no debate, a apresentação de grupos, uma palavra ou uma ilustração, por exemplo, que sintetizem momentos importantes ou inesquecíveis.
- Depois, peça que organizem as tarjetas no varal em uma linha do tempo, que registre o processo de ensino/aprendizagem do início ao fim. Cada estudante pode acrescentar quantas tarjetas quiser à linha.
- Convide as/os alunas/os a observar o percurso registrado na linha do tempo e, depois, a sentar em roda.
- Peça que falem sobre o processo de ensino/aprendizagem do artigo de opinião. Se considerar necessário, use um objeto de transição – como uma pequena bola ou o rolo de um barbante, que passa de mão em mão até formar uma teia – para organizar os turnos de fala. Sugira temas que podem ser abordados nesta oficina: tarefas em grupo, debates, temas abordados, revisão entre pares, interpretação de texto, escrita e reescrita.
- Também, provoque-os a refletir sobre como enxergam o gênero artigo de opinião, se como mais uma tarefa escolar, se como um aprendizado importante para a vida ou como um gênero que mobiliza uma série de discussões e de habilidades presentes no mundo contemporâneo. Vale dizer que não há resposta certa ou indução de perspectivas. Trata-se, do ponto de vista da/o professora/or, de avaliar como as/os estudantes se relacionam com o estudo formal de um gênero textual no ambiente escolar, ainda que tenham sido propostas uma série de atividades que extrapolam a sala de aula e o próprio gênero.
- Após a elaboração da linha do tempo e a conversa sobre ela, entregue a cada estudante folhas em branco. Na frente da folha, devem responder como se autoavaliem no percurso de ensino/aprendizagem do artigo de opinião.

JANELA TEÓRICA

[...] a autoavaliação apresenta-se como uma possibilidade de o aluno reorientar sua aprendizagem, sob acompanhamento do seu professor, o qual analisa, corrige, sugere, discute os resultados que estão sendo alcançados. Entretanto, considera-se que ela só terá uma verdadeira dimensão formativa ao torna-se um processo de reflexão sistemático, com a mediação frequente do professor [...]. É provável até que muitas aprendizagens ocorram sem que se realize tal reflexão, mas é inegável que as mais substantivas são as que apresentam um maior grau de consciência. Portanto, a avaliação formativa tem na autoavaliação um procedimento indissociável da **metacognição**.

Trecho do artigo [Autoavaliação: Por que e como realizá-la?](#), de Marlene Correro Grillo e Ana Lúcia Souza de Freitas. Acesso em: 13/10/2023

- Enfatize que o foco não são as correções ou eventuais notas recebidas, mas como as/os estudantes se percebem na relação com o objeto de estudo, com os colegas e com a/o professora/or. Podem pontuar que avanços tiveram, quais habilidades consideram que desenvolveram (como a ampliação do repertório de operadores argumentativos), em que temáticas ou assuntos passaram a prestar mais atenção, se encontram em si alguma vocação ou propósito (o trabalho como jornalista ou como ativista, por exemplo), de que modo se veem e como se enxergam no território em que vivem.

Autoavaliação

- Habilidades desenvolvidas
- Relação com a escrita
- Vocação e propósito
- Olhar para si e para o território
- Contato e colaboração com professora/or e com colegas

- Em seguida, oriente-as/os a avaliar a participação do grupo no verso da folha. É possível mencionar se houve conflitos e como lidaram com eles, se conseguiram se organizar para trabalhar em grupo, se uma/um colaborou com a escrita do outro, se o engajamento nas atividades foi bom, se levaram a experiência da aula de Língua Portuguesa para outras atividades.

Avaliação coletiva

- Trabalho em grupo
- Resolução de conflitos
- Aprendizagem colaborativa
- Engajamento nas atividades

- Recolha as avaliações e solicite que, ainda em roda, façam sugestões para as aulas de artigo de opinião que tiveram. Podem elencar temáticas, pedir mais atividades de debate, sugerir novas trilhas pelo território, etc.
- Compartilhe você também suas avaliações sobre o processo, destacando questões objetivas (como domínio do gênero, interpretação de texto, senso crítico) e subjetivas (trabalho colaborativo e engajamento, por exemplo).
- Os resultados das avaliações representam farto material de análise. Além dos artigos produzidos, há o exercício da metacognição e do olhar para o grupo. Tudo isso pode levar a alterações no planejamento e na dinâmica do trabalho não apenas com artigo de opinião, mas com outros gêneros textuais. Por isso, sugerimos um registro, ainda que breve, dos resultados desta oficina, para poderem ser consultados posteriormente e compartilhados com outras/os professoras/es da área.

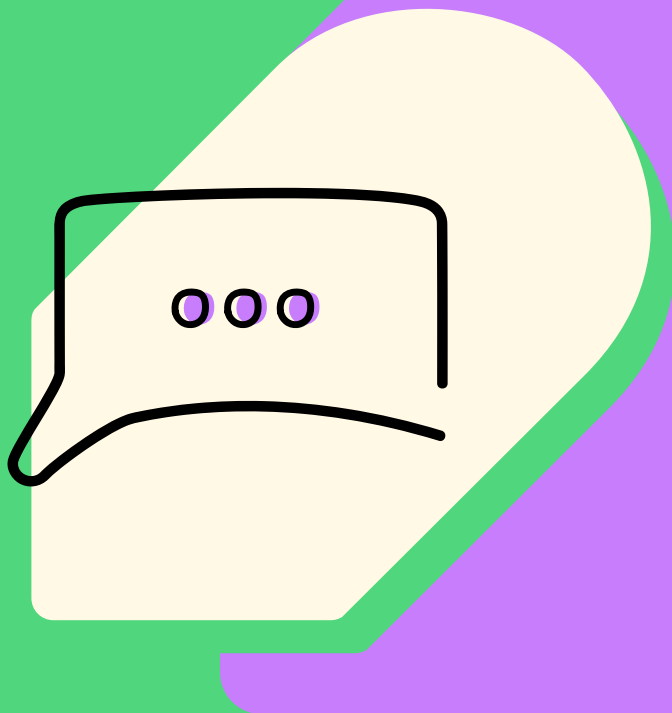
EM SÍNTESE

Professor, professora,

Obrigada/o! Chegamos ao final da trilha sobre artigo de opinião e esperamos que você tenha gostado das atividades e, mais importante, aproveitado o percurso educativo junto às/aos suas/seus estudantes. Ressaltamos que o caderno Pontos de vista é apenas o início de uma jornada, que pode se desdobrar em muitos outros projetos e atividades. Bom trabalho e até breve!

A gente se encontra no portal do Programa Escrevendo o Futuro:

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/>



Referências

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. Martins fontes, 2011.

BAKHTIN, Mikhail. Questões de estilística no ensino da língua. Tradução, posfácio e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2013.

BARROS, Eliana Merlin Deganutti de; OHUSCHI, Márcia Cristina Greco; DOLZ, Joaquim. Itinerários didáticos: um novo caminho para sequenciar atividades de leitura e produção a partir de gêneros textuais. Revista Na Ponta do Lápis. São Paulo: CENPEC Educação, nº 33, julho, 2019, pp. 36-43.

BRETON, Philippe. Argumentar em situações difíceis. Barueri: Manole, 2005.

BUNZEN, Clecio. Produção textual nos anos finais do Ensino Fundamental: a importância da avaliação diagnóstica para o planejamento docente. Portal Escrevendo o Futuro, 2023.

COSTA VAL, Maria da Graça (org). Produção escrita: Trabalhando com gêneros textuais, 2005-2007. Disponível em: https://www.ceale.fae.ufmg.br/files/uploads/PNAIC%202017%202018/PRODUCAO_ESCRITA-form.pdf

CALHETA, Patrícia. O lugar da alimentação temática no ensino de gêneros discursivos. Portal Escrevendo o Futuro, 2017.

CHAPARRO, Manuel Carlos. Pragmática do jornalismo: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. Summus Editorial, 2007.

DIONISIO, Angela Paiva et al. Gêneros textuais e ensino. São Paulo: Parábola, 2010.

DOLZ, Joaquim et al. O enigma da competência em educação. Porto Alegre: Artmed, 2004.

DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

DOLZ, Joaquim; PASQUIER, Auguste. Um decálogo para ensinar a escrever. Portal Escrevendo o Futuro, 1996.

DOLZ, Joaquim. Pequenos grandes poderes. Portal Escrevendo o Futuro, 2017.

FIAD, Raquel Salek. Reescrita. Glossário Ceale, 2023. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/reescrita>

FREIRE, Madalena. Observação, registro e reflexão. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

GRILLO, Marlene C.; FREITAS, Ana Lúcia S. de. Autoavaliação: por que e como realizá-la? In: GRILLO, M.C.; GESSINGER, R.M. (ed.) Por que falar ainda em avaliação? Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. Escrever e argumentar. São Paulo: Contexto, 2016.

MACHADO, Anna Rachel e colabs. ABREU-TARDELLI, Lília Santos e CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (orgs.). Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

MADI, Sonia. Sequência didática: por que trilhar o caminho proposto. Revista Na Ponta do Lápis. São Paulo: CENPEC Educação, nº23, dezembro, 2013, pp. 16–21.

MARCUSCHI, Luiz A. Linguística do texto: o que é, como se faz. Recife: UFPE, 1983.

—. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez, 2001.

MATÊNCIO, M. “Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha”. Disponível em www.ich.pucminas.br.

NASCIMENTO, E. L. (org.). Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Claraluz, 2009.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. Tratado da argumentação – A nova retórica. Trad. Maria E. de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RANGEL, Egon de Oliveira. O processo avaliatório e a elaboração de “protocolos de avaliação”. Brasília: Semtec/MEC, 2004.

ROJO, Roxane. Esferas ou campos de atividade humana. Glossário Ceale, 2023. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/esferas-ou-campos-de-atividade-humana>

RUIZ, Eliana Donaio. Como corrigir redações na escola.. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

TOULMIN, Stephen. 1958 (1ª ed.). Os usos do argumento. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovich. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

coletânea

Pontos de vista



“Tá com dó do refugiado? Leva pra casa!”, Leonardo Sakamoto

Leonardo Sakamoto, 08/09/2015, 12h56

“Tá com dó? Leva para casa!” é uma daquelas frases icônicas, através das quais consegue-se avaliar se o interlocutor merece respeito ou um abraço forte e solidário. É utilizada por pessoas com síndrome de pombo–enxadrista (faz sujeira no tabuleiro, joga ignorando regras mínimas de sociabilidade e sai voando, cantando vitória), normalmente diante do clamor para políticas voltadas àquela gente pobre, parda, perdida ou violada que habita as frestas das grandes cidades.

É só falar da necessidade de políticas específicas que garantam qualidade de vida para esse pessoal mas, ao mesmo tempo, respeitem seu direito de ir e vir e ocupar o espaço público que o povo vira bicho. Ou melhor, vira pombo.

Este tema não é novo por aqui, mas vi que a frase passou a ser usada diante da última crise de refugiados na Europa. Gente empregando–a para negar a necessidade de acolher refugiados, não só da Síria, mas da Ásia, África e América Latina. “Querem trazer mais deles para o Brasil? Coloque–os na sua casa!”

Não viu esse tipo de coisa na sua timeline? Acha que o mundo é só solidariedade? Culpe o algoritmo de sua rede social, que te colocou numa bolha cor de rosa. O mundo lá fora, minha gente, é flicts.

Tanto na Europa quanto por aqui, ações individuais ajudam a mitigar o impacto inicial dos refugiados, garantindo apoio a quem perdeu tudo. E é ótimo que seja assim. Mas eles devem ser alvo, principalmente, de uma política pública, com intervenção direta do Estado, única instituição com tamanho e legitimidade para garantir uma ação nacional, transnacional e de escala. Porque isso também inclui a garantia da autonomia econômica e social às famílias. Quem acha que o Estado é um simples entrave e não a forma que construímos para impedir que nos devoremos, tem dificuldade de entender que o acolhimento de refugiados e migrantes não é caridade individual, mas sim a efetivação de compromissos assumidos internacionalmente por um povo.

Ao mesmo tempo, o Estado é responsável por aprovar o mais rápido possível a nova lei brasileira de migração, que facilita a acolhida de estrangeiros de locais com instabilidade, guerras, violações a direitos humanos. O projeto, já aprovado no Senado e que está em análise na Câmara dos Deputados (PL 2516/15), repudia a xenofobia, tendo uma caráter mais humanitário que o Estatuto do Estrangeiro atual, um Walking Dead – morto, mas segue aí, atrapalhando. Não é a panaceia para todos os problemas, mas um passo importante. Migrantes geram riqueza para seus novos países, mas a narrativa é de que são custosos para o poder público. Prova de que

uma mentira contada mil vezes vira verdade.

Tenho dó é desse povo que tem medo de tudo e acha que a vida é uma selva, do nós contra eles. Pessoal que pensa assim, na boa, sua vida deve ser ruim demais.

Leonardo Sakamoto é jornalista e doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo. Cobriu conflitos armados em diversos países e o desrespeito aos direitos humanos no Brasil. Professor de Jornalismo na PUC-SP e pesquisador visitante do Departamento de Política da New School, em Nova York, é diretor da ONG Repórter Brasil e conselheiro do Fundo das Nações Unidas para Formas Contemporâneas de Escravidão.

Fonte: [Blog do Sakamoto](#).



As cotas raciais devem ser vistas como um caminho sem volta, Jeferson Tenório

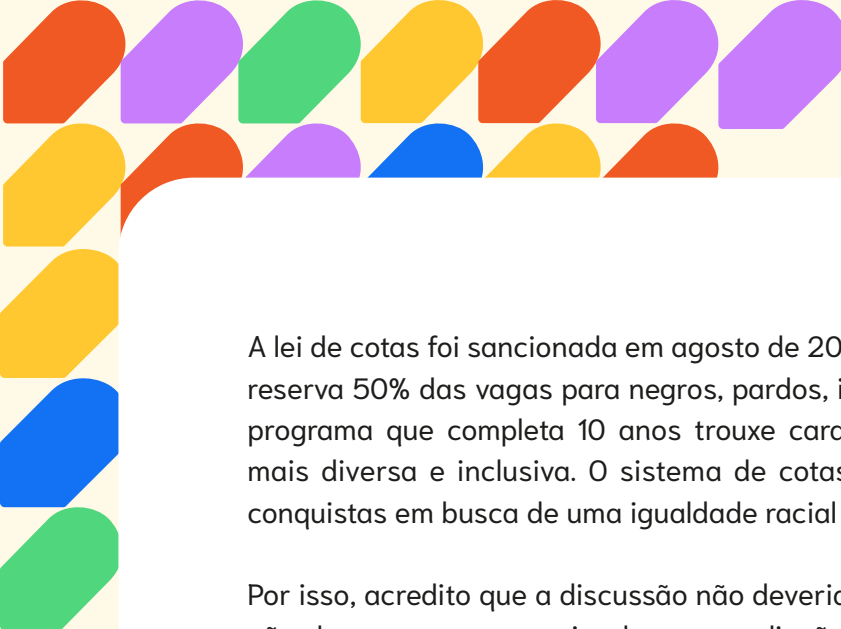
Jeferson Tenório

Em 2008, fiz o vestibular na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Entrei pelo sistema de cotas raciais e posso dizer que a minha vida mudou a partir daquele momento. Antes disso, em 2007, participei de movimentos para pressionar a Reitoria da universidade a implantar o sistema de cotas. Lembro, na época, das coisas que se ouvia dentro e fora do ambiente acadêmico: que as cotas colocariam pessoas despreparadas na universidade, que os cotistas iriam baixar o nível do desempenho acadêmico ou que profissionais cotistas não seriam contratados pelo mercado de trabalho, pois seriam profissionais inferiores.

Nenhum desses discursos se efetivou. Sou resultado dessas políticas públicas. Tornei-me professor, escritor e acadêmico. Hoje, olhando para atrás, não tenho dúvidas que sem as cotas eu não estaria aqui como colunista deste veículo, por exemplo. Não teria escrito e publicado meus livros. É preciso pensar que uma prova de vestibular, do modo como ela é constituída, privilegia uma determinada classe e raça. Uma prova objetiva não mede a qualidade nem a inteligência de um estudante. O que mede a sua qualidade e inteligência é a jornada dele durante a graduação. Porque não há provas diferenciadas para cotistas, não há trabalhos acadêmicos diferenciados para cotistas.

Pesquisas mostram que o nível dos cursos não caiu, e que os cotistas tiveram um desempenho igual ou maior aos de não-cotistas. Além disso, a entrada de negros e negras não mudou apenas a cara da universidade em termos de representatividade, mas também acarretou numa mudança de saberes epistemológicos nos cursos. Discussões como decolonialidade, feminismo negro e outras pautas identitárias passaram a fazer parte dos currículos de forma orgânica e concreta. Assim, no contexto em que chegamos, é impensável, hoje, passar por algum curso acadêmico, seja ele qual for, sem discutir as pautas identitárias na teoria e na prática.

Nos últimos anos, observei no curso de letras, por exemplo, mudanças significativas tanto no campo da pesquisa quanto na formação de profissionais. Autores e autoras negras passaram a ser estudados, pesquisados e referenciados. O cânone branco, hétero e eurocêntrico passou a ser questionado como única forma de ver o mundo. A pluralidade passou ser realidade. No entanto, ainda há problemas a serem resolvidos: como o abandono de cotistas que não conseguem seguir no curso por questões econômicas e familiares ou ainda as dificuldades de se adequarem ao ambiente hostil academia devido aos embates de experiências e saberes.



A lei de cotas foi sancionada em agosto de 2012, nas instituições federais. O sistema reserva 50% das vagas para negros, pardos, indígenas e pessoas de baixa renda. O programa que completa 10 anos trouxe cara nova para universidade, tornando-a mais diversa e inclusiva. O sistema de cotas é, inegavelmente, uma das grandes conquistas em busca de uma igualdade racial e social.

Por isso, acredito que a discussão não deveria mais ser em torno da continuação ou não do programa, mas sim de sua ampliação. As cotas devem ser vistas como um movimento sem volta. Porque não se faz reparação histórica com poucos anos de implantação de políticas públicas. Estamos longe de chegar a uma equidade racial no Brasil. Certamente houve avanços nesse sentido, mas ainda precisamos de mais tempo. Quase quatro séculos de escravidão deixaram marcas para outros tantos séculos. Precisamos de dezenas de anos para chegarmos a uma reparação efetiva.

É importante lembrar que o 7º artigo da lei recomenda que o programa passe por uma revisão após 10 anos, mas a revisão das cotas não é obrigatória. Além disso, o período de revisão também é flexível. Não há uma data específica para o debate. No entanto, sabemos que há setores da sociedade contrários às cotas justamente porque veem o programa de forma distorcida. Neste sentido, a lei proíbe a extinção do sistema de cotas. Pois por mais que haja pressão para que se perca mais direitos, essa conquista não será retirada.

A questão, portanto, como disse anteriormente, não é mais se devemos ou não ter cotas raciais, a questão agora é ampliar as vagas e criar políticas para manter esses estudantes até o final do curso. Porque é na diversidade que aprendemos a conviver de modo mais ético com o outro. Gosto muito da seguinte metáfora: os dedos das mãos são diferentes uns dos outros, e por serem diferentes é que juntos se tornam fortes. Talvez cheguemos num tempo em que será possível entendermos que é no diverso que nos tornamos melhores.



Dicionário dos arraianos: Está certo, ou tá errado?, Maria Fernanda Carvalho

Maria Fernanda Carvalho

É notório que o Brasil é um país de dimensões continentais, tendo sua história marcada pela pluralidade de culturas. Arraias, uma cidadezinha do interior do Tocantins também carrega em sua história um pluralismo linguístico e cultural que atravessa os seus 281 anos. Por aqui, brancos, índios e negros viveram e ainda vivem o processo de miscigenação, muitas vezes forçado. Tal diversidade inclui, entre as principais características, a variedade linguística.

Somos seres humanos que nos expressamos e nos comunicamos principalmente por meio da linguagem, seja oral, seja escrita. Usamos a fala de acordo com a situação e as necessidades, além de podermos gerar novas palavras diariamente. Nas aulas de Português, aprendemos que a linguagem falada é diferente da linguagem escrita, isso implica dizer que muitas vezes a linguagem falada é uma ferramenta de sobrevivência, já que é aprendida através do contato pessoal com a comunidade. A linguagem escrita é adquirida por intermédio do conhecimento sistêmico da língua, da memória e do treino. Este tipo requer um padrão.

Vamos pensar um pouquinho no lugar onde vivo. Antes, preciso fazer alguns questionamentos: Fora da escola, será possível conviver com a diversidade linguística? E dentro dela? Quando o preconceito linguístico torna-se um problema a ser discutido na cidade onde moro? É possível resolver esse impasse?

Penso que o jeito (ou jeitos) de falar tem um grande impacto na sociedade, uma vez que a origem geográfica de uma pessoa e a classe social a que pertence podem ser identificadas por meio da sua linguagem. Eu, por exemplo, moro numa cidadezinha no interior do Tocantins: Arraias, a cidade das colinas. Eu também estudo em Campos Belos, que fica a 25 km. Em Arraias, os falares do nosso povo são muitas vezes vistos como “errados”, fora do padrão pré-estabelecido pela sociedade. Mas, de onde surgiu essa ideia rasa de “certo ou errado”?

Sabemos que o Brasil é formado por um emaranhado de línguas. Esse mosaico linguístico foi construído ao longo de anos, nesse sentido, como a história evidencia, uma língua sobressaiu às demais como a padrão e tornou-se idioma oficial dos falantes brasileiros, a norma padrão da Língua Portuguesa (denominada Português Brasileiro – PB). A escola, nesse contexto, serviu de instrumento para consolidar uma língua correta, a que deveria ser utilizada por todos. Atualmente, a mídia força a sociedade a acreditar que existe uma forma correta e única de expressão da linguagem. Em contraposição a isso, depreendemos que assim como devemos escolher um conjunto de roupas para cada ocasião, devemos escolher uma linguagem para cada ambiente.



Diante dessa questão, por que nós arraianos sofremos tanto preconceito ao falarmos termos tão usuais como: “candeia”, “em riba”, “ontonte”, “de coque”, “mió”, “pió”, “criar maquerença”, “livuzia”, “fumu” e “sé de hoje”? Porque não é de hoje que o preconceito linguístico privilegia a língua de Portugal e inferioriza o dicionário dos arraianos. Cabe lembrar que o dicionário a ser extinto é principalmente o do pobre arraiano que muitas vezes não teve oportunidade de frequentar a escola. Quando frequenta a escola, é a classe baixa que mais sofre com essa problemática.

De onde vem o preconceito linguístico em minha cidade, então? A resposta está principalmente no centro, no espaço onde se pode ver a igreja e os casarões históricos. É nesse lugar privilegiado pela história que as pessoas situadas nas classes superiores conseguem escapar da padronização e têm sua gramática respeitada. Já os que se encontram em situação de vulnerabilidade, como eu e a maior parte da população, por sua vez, sofremos com variados preconceitos em diversos ambientes sociais, inclusive na escola.

“As pessoas sem instrução falam tudo errado.”, dizem alguns. Conforme Bagno, isso é um mito porque não existe uma única língua, então falar de outro modo não deve ser considerado errado, feio ou equivocado. É necessário, logo, desconstruir a visão errônea de que existe apenas uma língua ou somente a norma padrão, ou a norma culta. Penso até que deveria extinguir de vez essa expressão “norma culta”. Há diversos “portugueses brasileiros”, “brasileiros portugueses” e diversas gramáticas e, por isso, é importante manter não somente um dicionário arraiano, e sim valorizar os vários dicionários arraianos que modificam o tempo todo os falares do lugar onde vivo.

Enfim, é preciso respeito com a fala e linguagem de cada um, pois o bonito é a diversidade. Além disso, fazem-se necessárias compreensão e empatia para um lugar melhor. Sabe o que é realmente certo nessa história? O certo é a escola ensinar todas as gramáticas. Sem distinção.



Minha identidade não é sua fantasia, Samela Sateré Maué

Samela Sateré Maué

É carnaval, época em que muitas pessoas saem nas ruas em busca de diversão e entretenimento. Mas sabe o que não é nada divertido, pelo contrário é muito desrespeitoso? É quando nessa época as pessoas se fantasiam de “índio”.

Ainda bem que estamos aqui para descomplicar, sendo referências nos assuntos que são nossos, protagonizando as nossas pautas.

O primeiro ponto relacionado à fantasia de índio remete logo ao nome. “Índio” é um termo pejorativo e errado – dado pelos colonizadores quando invadiram o Brasil –, que não traduz toda a nossa diversidade. Quando as pessoas usam esse termo, elas remetem a somente um povo, invisibilizando, por ignorância, os mais de 305 povos indígenas que, com sua diversidade, vivem no Brasil.

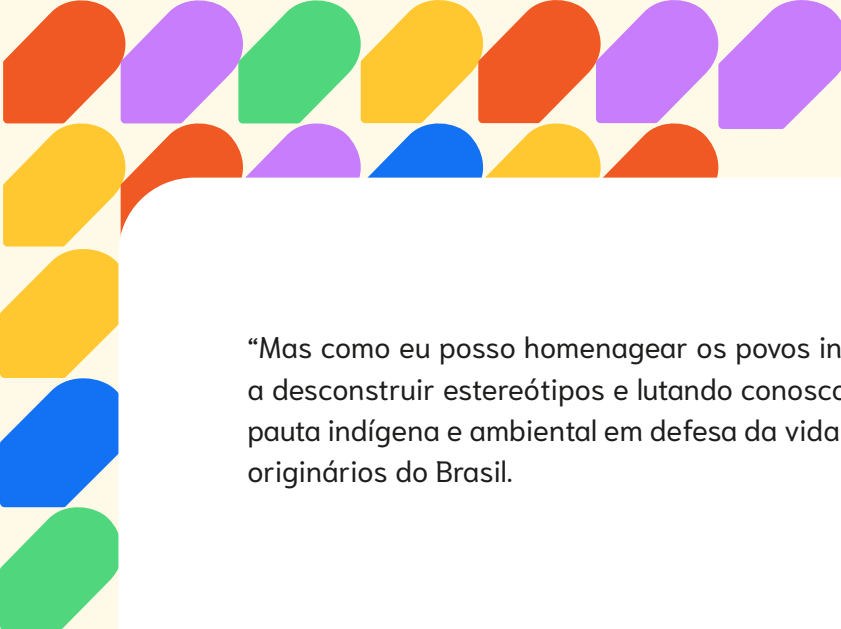
Usar o termo também traz adjetivos e estereótipos construídos pela colonização, e reproduzidos por muito tempo nas escolas e veículos de comunicação como “índio preguiçoso”, “índio sem alma” ou “índio anda nu”.

Geralmente, quando as pessoas usam da nossa identidade no carnaval, elas também usam o termo “tribo”, que não condiz com a nossa organização social. Somos Povos, segundo a Constituição, nos artigos 231 e 232, pois cada povo tem língua, cultura, território e identidade diferentes. [...]

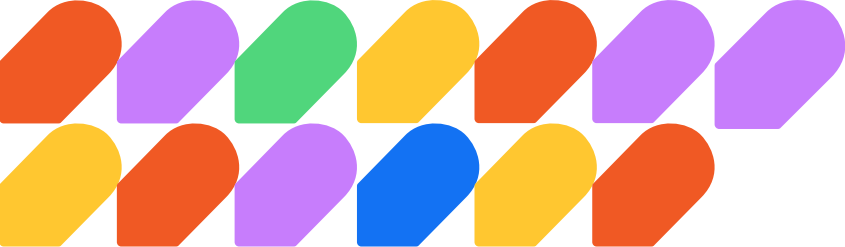
Agora, vamos às fantasias. [...] quando as pessoas usam “fantasia de índio” para brincar o Carnaval, elas deturpam nossas imagens e reproduzem estereótipos que nós tentamos desconstruir há séculos (como os termos já citados) [...].

Outra situação está relacionada à fetichização dos nossos corpos: a nudez do Carnaval atrelada a nossa identidade objetifica o corpo da mulher indígena e banaliza toda violência sofrida no processo colonizador, caso do estupro das nossas ancestrais.

Quando se fantasiam, também descaracterizam as nossas pinturas e adereços que podem ser sagradas; nossas pinturas podem remeter a diferentes situações de nossas vidas – como rituais e casamentos – ou indicar status social na aldeia, como caciques, tuxauas, mulheres casadas, solteiras, homens casados e solteiros. Elas não podem ser reproduzidas sem sentido e/ou propósito. Isso vale para os adereços como colares, brincos e cocares, que remetem a respeito e status social e não devem ser banalizados, mas sim respeitados.



“Mas como eu posso homenagear os povos indígenas?” Vale começar nos ajudando a desconstruir estereótipos e lutando conosco pelas nossas lutas e pautas – como a pauta indígena e ambiental em defesa da vida – e nos reconhecendo enquanto povos originários do Brasil.



Retrocesso cultural: tudo começa com um ‘passinho’?, Rayana do Nascimento Cruz

Rayana do Nascimento Cruz

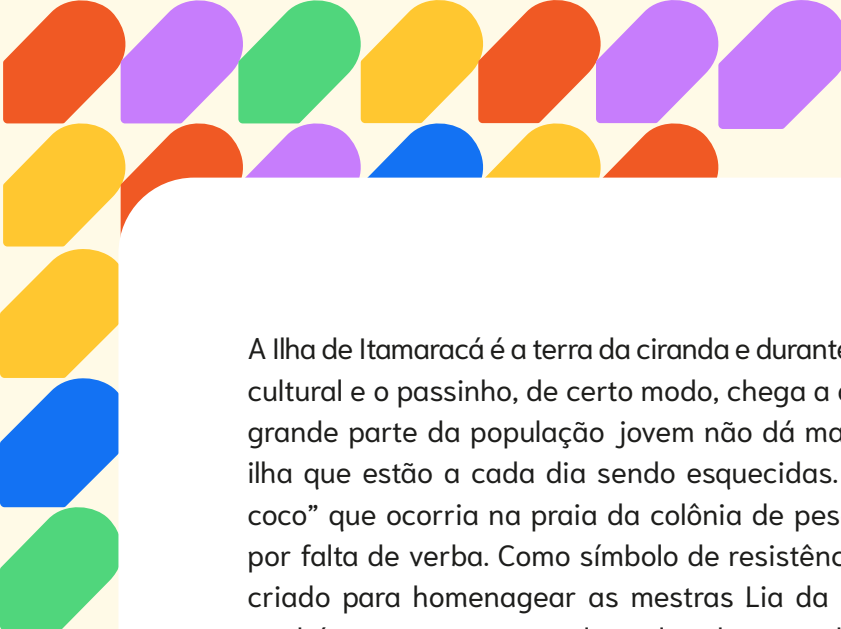
Um estado que se orgulha por de suas veias correr um sangue cultural extremamente rico que eclode na voz da preta cirandeira Lia de Itamaracá, nas rodas do coco, na xilogravura de J. Borges, na arte armorial do mestre Suassuna, no fervor do frevo e na apoteose do maracatu, atualmente tem sido invadido por uma nova febre popular – o passinho – que tomou conta do cenário artístico pernambucano, nos fazendo refletir: – É um retrocesso cultural?

Na ilha de Itamaracá há as “batalhas do passinho” que reúnem grupos para as disputas de coreografias. Esse movimento virou um símbolo de resistência da periferia e um grito de identidade na vida dos jovens que fazem parte dessa cultura de massa, pois para muitos torna-se um muro de contenção para a violência e as drogas, já que muitas vezes os integrantes dos grupos ficam horas ensaiando, criando coreografias e assim ficam longe do contato com a hostilidade e a perversidade que existem, infelizmente, nas comunidades da Ilha.

Para Ricardo Silva, integrante de um dos grupos de passinho da Ilha, o importante mesmo é ser reconhecido, pois junto com o brega funk, esse novo ritmo tem tirado muita gente do tráfico. O jovem ainda acrescenta que poderia ser mais um na Penitenciária Barreto Campelo, mas preferiu o lado da arte e se deu uma nova chance. Sem dúvida, um movimento artístico como esse muda a vida de um ser humano, pois independente de gênero, classe social, etnia ou orientação sexual, a arte sempre transforma. Assim, como arte vinda dos menos favorecidos, o passinho também é uma mobilização social. É preciso que seja reconhecido, pois veio despír o preconceito da cultura periférica que desde sempre é excluída da sociedade, como o rap, o grafite e outras culturas que fazem parte das comunidades.


Por outro lado, muitas letras de música não são nenhuma composição da Bia Ferreira ou do Caetano Veloso e contribuem com a cultura do machismo que está enraizada na sociedade. E, é claro que são sexistas, pois abordam os interesses masculinos com base nos seus desejos carnavais, tratando a mulher como objeto, como no trecho: “Arrastei ela pro meu carro, dei um trato e um amasso”, dos cantores Shevchenko e Elloco. Essa cultura de tratar a mulher como propriedade masculina enfraquece o movimento feminista que em Itamaracá ainda é muito pequeno devido a pensamentos patriarcais e machistas. Felizmente já há grupos que relutam para que suas músicas fujam das características negativas, mas continuam sendo vítimas de críticas, talvez por pertencerem a um movimento de periferia ou pela frequente presença de crianças nas disputas que, para muitos ilhéus, demonstra a substituição da antiga dana das cadeiras infantil pela “novidade” do brega funk e a igualdade da ciranda pela rivalidade das batalhas. É mesmo um retrocesso?





A Ilha de Itamaracá é a terra da ciranda e durante anos vem sofrendo uma desvalorização cultural e o passinho, de certo modo, chega a ameaçar a cultura itamaracaense, pois grande parte da população jovem não dá mais voz e espaço às belas tradições da ilha que estão a cada dia sendo esquecidas. Como exemplo temos a “sambada de coco” que ocorria na praia da colônia de pescadores e acabou sendo interrompida por falta de verba. Como símbolo de resistência, o grupo Nossa Cultura Tem Som foi criado para homenagear as mestras Lia da Ciranda, Anjinha e Totinha do Coco e também resgatar esse valor cultural que ao longo dos anos vem perdendo espaço para os produtos da globalização.

É perceptível que as ideias fixas só crescem quando se fala em ruptura de tradição, mas quando são cheias de histórias, é difícil ficar ao lado de uma cultura que tem pontos negativos, ofensivos para quem está fora do movimento e muitas vezes age por discriminação. Acredito que o passinho não seja um retrocesso propriamente dito, pois é fato que está ajudando a vida dos jovens nas comunidades de Itamaracá. Mas para ser reconhecido como mobilização, precisa de uma “reforma” sem deixar vestígios de preconceito, machismo e conteúdos eróticos que infelizmente são fortemente consumidos pela indústria.



Teste rápido: Você faz papel de idiota nas redes sociais?, Leonardo Sakamoto

Leonardo Sakamoto, 17/11/2015, 20h31

Escolha apenas uma alternativa:

1) Após ler o título de um texto sobre um assunto que te interessa, você:

- a) Parte para esculhambar e xingar o autor.
- b) Começa a elogiar e endeusar o autor.
- c) Diz que aquela postagem é a prova que os Illuminati estão dominando o mundo.
- d) Avisa que aquilo não tem importância alguma porque Cristo vai voltar em breve.
- e) Lê o texto.

2) Você recebeu uma mensagem no WhatsApp com uma denúncia séria, mas com autoria desconhecida e sem fontes de dados confiáveis. Então:

- a) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp.
- b) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp e replica no Twitter.
- c) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter e bomba no Facebook.
- d) Encaminha a postagem para 50 amigos no WhatsApp, replica no Twitter, bomba no Facebook e mita falando dele no Snapchat.
- e) Dá um Google para checar e; caso haja uma dúvida razoável, avisa a quem te mandou, a fim de que evite espalhar conteúdo que pode ser falso.

3) Quando percebe que não *manja* muito de um assunto em um debate nas redes sociais, você:

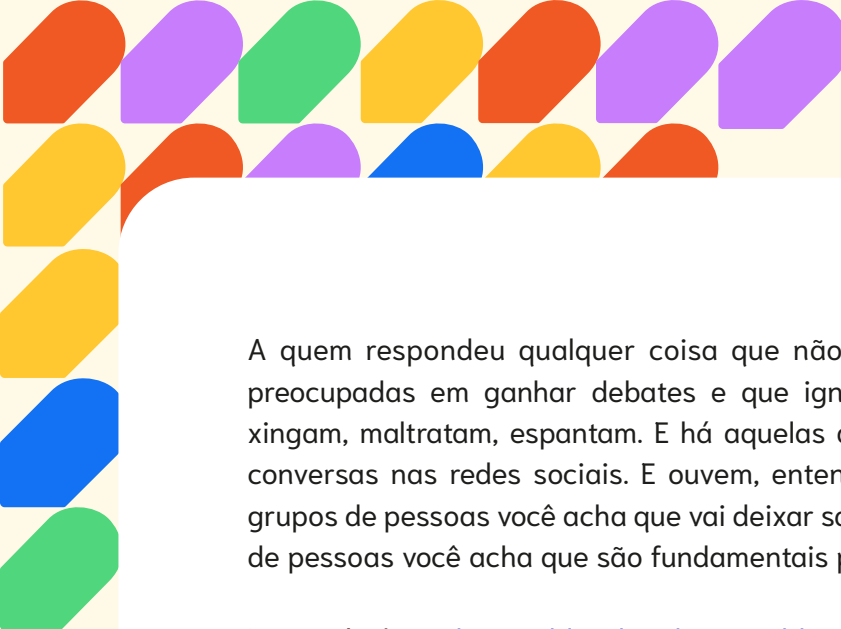
- a) Inventa dados para ganhar o debate.
- b) Cria histórias para sustentar seus argumentos.
- c) Enfia palavras na boca de terceiros.
- d) Distorce o que não é favorável a você.
- e) Não tem vergonha de dizer “não sei”, “não faço ideia” e “me explica”.

4) Quem xinga alguém durante uma discussão nas redes sociais está:

- a) Colocando a pessoa no seu devido lugar.
- b) Mostrando a ela quem manda por aqui.
- c) Deixando claro a todo mundo quem é o pica das galáxias.
- d) Dando uma lição em quem se atreveu a questioná-lo.
- e) Sendo um babaca.

5) Alguém que discorda educadamente do seu post é:

- a) Um petralha imundo que mama nas tetas do governo.
- b) Um tucanilha nojento e insensível à dor do semelhante.
- c) Uma feminazi maldita que quer destruir os homens de bem.
- d) Um gayzista que quer transformar meus filhos em sodomitas.
- e) Alguém que discorda educadamente do meu post.



A quem respondeu qualquer coisa que não fosse a alternativa “e”: há pessoas preocupadas em ganhar debates e que ignoram as dores do outro. E ofendem, xingam, maltratam, espantam. E há aquelas que querem construir algo através de conversas nas redes sociais. E ouvem, entendem, toleram, absorvem. Qual desses grupos de pessoas você acha que vai deixar saudades, se partir? Qual desses grupos de pessoas você acha que são fundamentais para o futuro do País?

Disponível em: <http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/17/teste-rapido-voce-faz-papel-de-idiota-nas-redes-sociais/>



Constituição brasileira de 1988

<https://constituicao.stf.jus.br/dispositivo/cf-88-parte-1-titulo-2-capitulo-1-artigo-5#:~:text=Art..69>

Esferas ou campos da atividade humana, Roxane Rojo, Glossário Ceale

<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/esferas-ou-campos-de-atividade-humana#:~:text=O%20que%20s%C3%A3o%20essas%20%E2%80%99cesferas,comunica%C3%A7%C3%A3o%20art%C3%ADstica,%20cient%C3%ADfica,%20sociopol%C3%ADtica.>

Glossário interativo Educamídia: Liberdade de expressão, Educamídia

<https://www.sutori.com/en/story/liberdade-de-expressao-gNh4R7zKxXhTdL5osCax4S5M>

Justiça determina retirada de vídeo de humor do YouTube, Agência Brasil (Leandro Martins)

<https://agenciabrasil.ebc.com.br/radioagencia-nacional/justica/audio/2023-05/justica-determina-retirada-de-video-de-humor-do-youtube>

Trecho do Guia da Educação Midiática Educamídia

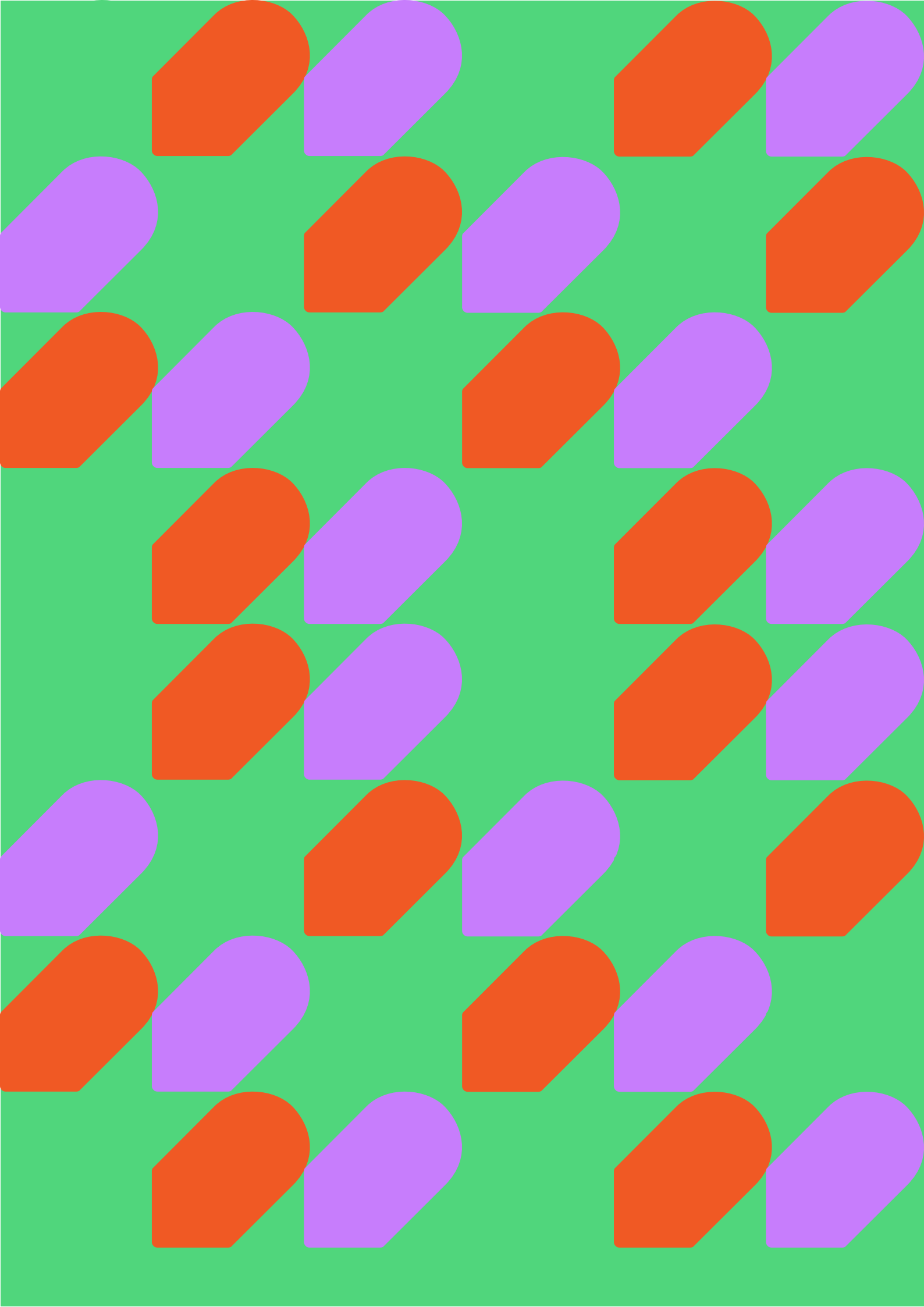
<https://educamidia.org.br/api/wp-content/uploads/2021/03/Guia-da-Educac%C3%A7%C3%A3o-Midia%CC%81tica-Single.pdf>

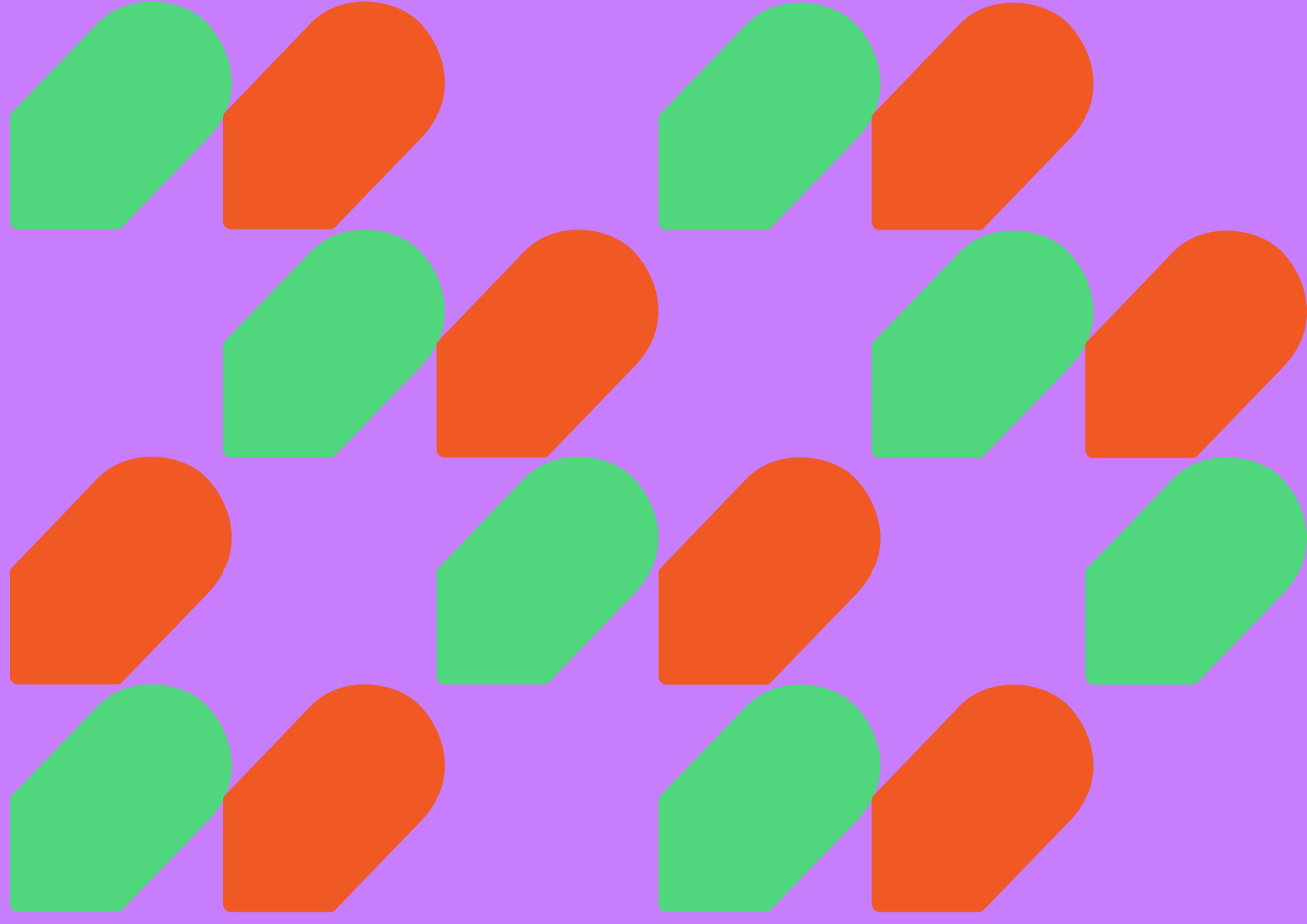
Quem é você diante de uma situação difícil?

O que é uma “situação difícil?” Em geral, é uma situação que se caracteriza pela violência indesejada que carrega. Apesar de inúmeros progressos realizados com relação a essa questão, a violência continua enraizada no cerne de nossas vidas diárias. [...]

Diante de uma situação difícil, de uma violência que atravessa nosso caminho, temos três opções à nossa disposição: recorrer à violência; fugir; tomar a palavra, tentar argumentar a fim de defender nossas posições e, ao mesmo tempo, pacificar a situação.

Philippe Breton. Argumentar em situações difíceis. Barueri: Manole, 2005.





escrevendo
o futuro 